

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PATRICIA BOMTORIN

**UMA ANÁLISE FUNCIONAL DAS
CONSTRUÇÕES CLIVADAS NA TRADUÇÃO DO
INGLÊS PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL**



ARARAQUARA – S.P.
2020

PATRICIA BOMTORIN

UMA ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES CLIVADAS NA TRADUÇÃO DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor(a) em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves

ARARAQUARA – S.P.
2020

Bomtorin, Patricia

Uma análise funcional das construções clivadas na
tradução do inglês para o português do Brasil /
Patricia Bomtorin – 2020
170 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Helena de Moura
Neves

1. Clivagem. 2. Foco. 3. Português do Brasil. 4.
Inglês. 5. Tradução. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PATRICIA BOMTORIN

UMA ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES CLIVADAS NA TRADUÇÃO DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor(a) em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves

Data da defesa: 29/06/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves
Universidade Estadual Paulista – FCL/Araraquara.

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista – FCL/Araraquara.

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista – FCL/Araraquara.

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Sanderléia Roberta Longhin
Universidade Estadual Paulista – IBILCE/São José do Rio Preto.

Membro Titular: Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian
Universidade Federal de Minas Gerais / Belo Horizonte.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta tese à memória dos meus queridos avôs Adetagine Meneguette Bomtorin e João Miguel de Oliveira, carinhosamente chamados de vô Guetto e vô João, que partiram durante o período do meu doutorado. As famílias Bomtorin e Oliveira construídas por eles são minha base. Senti muito a partida deles nesse período e espero que eles recebam essa homenagem onde estiverem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela oportunidade de conquistar o tão almejado título de doutora, mesmo em meio a adversidades.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Helena de Moura Neves, por se dedicar firmemente a me orientar e não medir esforços para passar um pouco de seu conhecimento, além de ser uma grande inspiração e uma referência para todos da área.

Às professoras que compuseram os exames de qualificação e defesa e que discutiram meus trabalhos nos seminários, Prof^a. Dr^a. Angélica Rodrigues, Prof^a. Dr^a. Rosane Berlinck e Prof^a. Dr^a. Sanderléia Longhin, pelas leituras atenciosas feitas nessas etapas avaliativas tão importantes, pelo cuidado e generosidade nos comentários e inúmeras contribuições, e por serem grandes exemplos de pesquisadoras incríveis. Agradeço também ao Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian por aceitar participar da banca com tanta presteza.

Aos meus pais Antonio Carlos Bomtorin e Cleide Aparecida Bomtorin, por me darem todo o suporte desde as pequenas conquistas até esta e que são grandes exemplos de perseverança e garra em todas as situações da vida, mas principalmente em momentos de dificuldade.

Ao meu parceiro de vida Bruno da Costa Palombo, por me apoiar, principalmente nos momentos de dificuldade e me motivar a seguir em frente; por estar sempre ao meu lado; e, principalmente, por sempre torcer pelo meu desenvolvimento acadêmico, pessoal e profissional.

A todas as minhas amigas, Érica, Aline, Natália, Ana Luísa, Gisane e Marina, por sempre reconhecerem meus esforços e darem todo o apoio mental sempre que eu precisava. Agradeço especialmente ao amigo Leandro, por toda a ajuda prestada sempre que solicitei.

A toda minha família, por sempre estar presente e unida, sempre me apoiando em todas as decisões. Agradeço aos meus irmãos Fernando e Francisco, por serem exemplos de caráter e esforço. Agradeço também às minhas queridas avós Floriza e Maria Aparecida (Cida), por serem grandes exemplos de mulheres fortes, por segurarem a dor da perda de seus maridos e continuarem firmes, e por sempre me motivarem a seguir em frente. Um agradecimento especial à minha tia Ana, por todos os conselhos dados sempre que solicitado e por toda a força que me deu durante todo esse período. Aos meus queridos tios, tias, primos e primas, por serem tão presentes e me apoiarem sempre.

“Viver num mundo sem tomar consciência do significado do mundo é como vagar por uma imensa biblioteca sem tocar os livros.”

Dan Brown (2009b, p. 5)

O homem que está prestes a traduzir está numa constante, perigosa e admirável intimidade – e é essa familiaridade que lhe dá direito de ser o mais arrogante ou o mais secreto dos escritores – com a convicção de que, no final das contas, traduzir é loucura.

Maurice Blanchot (Trad.: Elizabeth Rottenberg, 1997)

RESUMO

Este trabalho visa a equacionar o modo de expressão das construções clivadas, a partir do exame dessas construções nas traduções para o Português Brasileiro (PB, daqui em diante) de obras *best sellers*, do autor Dan Brown, avaliadas na relação com as construções correspondentes, na língua inglesa de origem. Uma das motivações da pesquisa é o fato de que as descrições dos expedientes de clivagem baseiam-se, em geral, em propostas feitas originariamente para a língua inglesa nas duas línguas. Essas construções dispõem de uma estrutura sintática diferenciada daquela de orações canônicas, por apresentarem marcada uma função pragmática de Foco, isto é, de saliência dentro de uma proposição. Segundo Lambrecht (2001), em inglês há três tipos de sentenças clivadas: as *it-clefts*; as *wh-clefts*; e as *reverse wh-clefts*; enquanto no PB, segundo Braga e Barbosa (2009), são sete os tipos existentes. Essa diferença estrutural entre as línguas obviamente se vê refletida na tradução, e é isso que se verifica neste trabalho. Tem-se como hipóteses que: (i) procurou-se manter o máximo possível de correspondência semântica e de efeito pragmático; (ii) buscou-se obter naturalidade de expressão, isto é, obter que a expressão fosse o mais natural possível para aquele tipo de contexto; e (iii) a tradução não implica a necessidade de manutenção do expediente de clivagem, podendo-se optar por outras estratégias de Foco em PB. A partir dessas hipóteses, objetiva-se investigar, no *corpus* mencionado, as diferenças estruturais entre o inglês e o PB no que tange às estruturas clivadas. Para dar conta de analisar não apenas a estrutura sintática das construções clivadas, mas também seu valor semântico e suas funções pragmáticas, adota-se aqui o aparato teórico da Gramática Funcional, a qual se preocupa com a organização gramatical de línguas naturais em uso, e, nesse sentido, seguem-se principalmente autores como Nichols (1984), Dik (1997), Halliday (2004), Lambrecht (1994, 2001), Longhin (1999) e Neves (2004). Encontraram-se, no *corpus* de língua inglesa, 216 construções clivadas, e em PB apenas 167 construções se mantêm clivadas, mas verifica-se que o efeito semântico-pragmático foi mantido com o uso de outras estratégias de Foco, como esperado. Conclui-se que o expediente de clivagem mais frequente no *corpus* é o das *it-clefts* em inglês e suas correspondentes *(ser) X que(m)* em PB. Outra conclusão a que se chega é que essas construções são marcadas com função de foco contrastivo, e elas focalizam não só informação nova, mas também informação velha e inferível, a depender do tipo de clivagem.

Palavras – chave: Clivagem. Foco. Português do Brasil. Inglês. Tradução.

ABSTRACT

This work aims to equate the way of expression of the cleft constructions, from the exam of these constructions in the translations to Brazilian Portuguese (BP, henceforth) of best seller works by the author Dan Brown, evaluated in the relation with the corresponding constructions, in the English language of origin. One of the motivations of the research is the fact that, overall, the descriptions of the structure of cleavage are based on proposals done originally to English in both languages. These constructions have a syntactic structure that is different from that of canonical clauses, because they present a marked pragmatic function of Focus, that is, of saliency within a proposition. According to Lambrecht (2001), in English there are three types of cleft sentences: the it-clefts; the wh-clefts; and the reverse wh-clefts; whereas in PB, according to Braga & Barbosa (2009), there are seven types. This structural difference between the languages is obviously reflected in the translation, and this is what is verified in this study. It is hypothesized that: (i) it is sought to maintain the maximum of semantic correspondence and of pragmatic effect; (ii) it is tried to obtain naturalness of expression, that is, obtain that the expression would be the most natural possible for that type of context; and (iii) the translation does not imply the necessity of maintenance of the cleavage structure, being possible to opt for other Focus strategies in BP. From these hypotheses, the objective is to investigate, in the aforementioned corpus, the structural differences between English and PB in relation to the cleft structures. In order to analyze not only the syntactic structure of the cleft constructions, but also their semantic value and their pragmatic functions, we adopt here the theoretical apparatus of Functional Grammar, which is concerned with the grammatical organization of natural language in use, and in this sense we mainly follow authors such as Nichols (1984), Dik (1997), Halliday (2004), Lambrecht (1994, 2001), Longhin (1999) and Neves (2004). We found 216 cleft constructions in the English-language corpus, and in BP only 167 constructions remain clefted, but it is checked that the semantic-pragmatic effect is maintained indeed with the use of other Focus strategies. It is concluded that the most frequent cleft construction type in the English corpus is the it-clefts and the corresponding constructions (*ser*) *X que(m)* in BP. Another conclusion that is drawn is that these constructions are marked with function of contrastive focus, and they focalize not only new information, but also old and inferable information, depending on the type of cleavage.

Keywords: Cleavage. Focus. Brazilian Portuguese. English. Translation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Resolução de referente e pronome relativo na estrutura superficial	68
Quadro 2	Esquema da estrutura informacional das construções clivadas	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	<i>Angels & Demons</i> – tipos de CCs em inglês e PB	104
Tabela 2	<i>The Da Vinci Code</i> – tipos de CCs em inglês e PB	104
Tabela 3	<i>The Lost Symbol</i> – tipos de CCs em inglês e PB	104
Tabela 4	<i>Angels & Demons</i> – modos de tradução por tipos de CCs	105
Tabela 5	<i>The Da Vinci Code</i> – modos de tradução por tipos de CCs	105
Tabela 6	<i>The Lost Symbol</i> – modos de tradução por tipos de CCs	105
Tabela 7	Todas as obras – modos de tradução por tipos de CCs	109
Tabela 8	Tipos de CCs em cada uma das obras em inglês	110
Tabela 9	Tipos de CCs em cada uma das obras em PB	110
Tabela 10	O tipo “É / QUE” nas três obras em PB	112
Tabela 11	Traduções a partir de <i>it-clefts</i>	114
Tabela 12	Traduções a partir de <i>wh-clefts</i>	117
Tabela 13	Traduções a partir de <i>reverse wh-clefts</i>	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Adjunto Adverbial
ATR	Articulação em Tema e Rema
CC	Construção Clivada
CO	Complemento do Objeto
DE	Deslocamento à Esquerda
F	Frase
OD	Objeto Direto
OI	Objeto Indireto
PB	Português do Brasil
PMQP	Pretérito Mais Que Perfeito
S	Sujeito
SF	Sintagma Focal
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
SVC	Sujeito-Verbo-Complemento
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
TOP	Topicalização

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Delimitação do objeto.....	13
1.2 Objetivos e hipóteses	13
1.3 Organização do trabalho.....	19
2 A BASE FUNCIONALISTA DE ANÁLISE E A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA FRASE.....	20
2.1 A visão funcionalista de análise	20
2.1.1 Estrutura Informacional.....	25
2.1.1.1 Perspectiva histórica da organização da informação na frase	27
2.1.1.2 Tipos de informação	33
2.1.1.3 Principais categorias da estrutura informacional relacionadas à clivagem ..	36
2.1.1.4 O Tópico, Topicidade e Topicalização.....	44
2.1.1.5 O Foco, Focalidade e Focalização.....	50
2.1.1.6 Focalização X Topicalização na clivagem	62
3 A CATEGORIA EM ANÁLISE: A CLIVAGEM.....	66
3.1 Tipos de frase em construções clivadas.....	66
3.2 Pontos de partida para a análise das construções clivadas	67
3.3 A visão da clivagem em Quirk e Greenbaum (1973).....	69
3.4 A visão da clivagem em Lambrecht (2001).....	71
3.5 Discussões acerca do aparato terminológico das construções clivadas.....	73
3.6 Análises da clivagem em português	74
3.7 Estrutura informacional das construções clivadas.....	84
3.7.1 Comparação discursiva das construções <i>wh-clefts</i> e <i>it-clefts</i>	84
3.7.2 Exaustividade, pressuposição, foco e tópico na clivagem.....	86
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	97
4.1 A seleção do <i>corpus</i>	97
4.2 O método de análise	100
5 CATALOGAÇÃO DOS TIPOS DE CLIVAGEM EM PB E RESULTADOS QUANTITATIVOS	102
5.1 Considerações iniciais sobre a análise.....	102

5.2	Catologação dos tipos de clivagem em PB	103
5.3	Resultados quantitativos da análise das construções clivadas no <i>corpus</i>	104
5.3.1	<i>It-clefts</i> / <i>clivadas (ser) X que(m)</i>	105
5.3.2	<i>Reverse wh-clefts</i> / <i>clivadas QU- invertidas</i>	107
5.3.3	<i>Wh-clefts</i> / <i>clivadas QU-</i>	108
5.3.4	Modos de tradução por tipos de CCs em cada obra analisada	108
5.3.5	Ocorrências de cada tipo de CCs em cada língua em exame	110
5.3.6	O tipo “ <i>É / QUE</i> ” nas obras em análise	112
6	DISCUSSÃO SOBRE OS ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DA CLIVAGEM	114
6.1	Verificação das traduções para cada tipo de construção inglesa	114
6.1.1	Traduções a partir de <i>it-clefts</i>	114
6.1.2	Traduções a partir de <i>wh-clefts</i>	117
6.1.3	Traduções a partir de <i>reverse wh-clefts</i>	118
6.2	O caso das <i>wh-clefts</i> e das <i>reverse wh-clefts</i> com ‘ <i>what</i> ’	120
6.3	O caso das construções clivadas <i>é que</i>	123
6.4	Análise da estrutura informacional do constituinte focalizado no processo de tradução	126
6.5	O foco contrastivo e a exaustividade na clivagem	131
6.6	Uso dos pronomes nas construções clivadas – uma comparação entre as línguas ...	133
6.7	Tempos e aspectos verbais	134
6.8	A negação na clivagem	136
6.9	Tipos e funções sintáticas dos constituintes focalizados	138
7	CONCLUSÃO	141
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
	APÊNDICES	149
	APÊNDICE A – <i>Angels & Demons</i>	150
	APÊNDICE B – <i>The da Vinci Code</i>	157
	APÊNDICE C – <i>The Lost Symbol</i>	162

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, pautado pelas teorias funcionalistas, visa a descrever as construções clivadas no Português do Brasil (PB), a partir da tradução de obras escritas em inglês. Seguem-se a delimitação do objeto, os objetivos e hipóteses da tese, bem como a organização do trabalho.

1.1 Delimitação do objeto

O objeto de pesquisa da presente tese é um tipo particular de construção, as sentenças clivadas (como em: “*It is champagne that I like*” / “É de champanhe que eu gosto”), que dispõem de uma estrutura sintática e informacional diferenciada daquela de orações canônicas, para cumprimento, em especial, de uma função pragmática de Foco. Entende-se, pois, que os falantes escolhem fazer uso desse tipo de construção a fim de salientar algum ponto da proposição.

A fim de verificar, dentro do objeto de análise e do plano escolhidos, as possíveis diferenças, tanto estruturais quanto pragmáticas, entre os textos de ambas as línguas, a compilação do *corpus* a ser investigado foi efetuada a partir de obras *best-sellers* do autor Dan Brown, e suas versões traduzidas para o PB.

1.2 Objetivos e hipóteses

Partindo-se da noção óbvia de que as estruturas das construções clivadas não necessariamente coincidem em ambas as versões, já que, se as estruturas não são iguais nas duas línguas, nem para fenômenos não marcados, muito menos elas o serão para fenômenos marcados, então, a pergunta de pesquisa desta tese é: Como se configuram essas estruturas marcadas nas duas línguas? Ou seja, quais estruturas da língua portuguesa se poderia ter como as correspondentes de determinadas estruturas já catalogadas pelos teóricos para a língua inglesa? Essa pergunta tem relação com uma noção óbvia, da qual se parte: a tradução se configura segundo escolhas que o tradutor faz, isto é, a tradução reflete as escolhas que ele considera mais eficiente para representar aquele determinado significado, e produzir aquele determinado efeito discursivo.

A hipótese desta tese é, pois, a de que, na tradução, manteria-se o máximo possível de correspondência semântica e, obviamente, também de efeito pragmático nas estruturas correspondentes. Ou seja, o tradutor buscaria uma correspondência que conseguisse, na língua de chegada, obter os mesmos efeitos de marcação de Foco presentes na língua de partida. Acresce que, em se tratando da produção do exame de um texto que não é “original”, também é hipótese que se buscaria obter naturalidade de expressão, isto é, obter que a expressão fosse a mais natural possível para aquele tipo de contexto, haja vista que, na língua de partida, isso é algo automaticamente obtido porque foi o autor que criou aquele texto. O tradutor procuraria, pois, que o leitor da língua de chegada tivesse a mesma aceitação daquele tipo de texto que a língua de partida conseguiu, por ser uma “criação”. A partir dessa premissa, parte-se para o exame proposto, com a noção de que as estratégias de Foco podem variar, ou seja, pode não haver sempre as mesmas correspondências, sendo possível que os tradutores até utilizem outras estratégias de Foco em PB e não mantenham a estrutura de clivagem.

Nessa perspectiva, tem-se como objetivo geral deste trabalho, dentro de uma base teórica funcionalista, obter uma descrição das construções clivadas na língua escrita do PB, a partir da análise das mudanças estruturais na tradução dessas construções, do inglês para o PB, nas obras em exame, indo especialmente à verificação de três questões: se as construções clivadas em PB seguem os mesmos padrões daquelas em inglês; caso contrário, quais são os padrões específicos do PB; e, ainda, quais correspondências são montadas para manter a focalização. Com essas respostas, propõe-se montar um esquema de tipologia de clivagem em PB cuja explicação recorra diretamente aos expedientes sintáticos do português, sem contaminação dos da língua inglesa, recorrendo-se a esta última língua apenas para análise comparativa. Não são, pois, foco de exame questões ligadas ao processo de tradução em si, embora as análises sejam efetuadas por meio desse processo. O que se pretendeu foi, justamente, obter um exame que já permita comparar os expedientes postos em ação em construções que, embora (supostamente) versões da mesma proposta significativa, entretanto revelam, em PB, opções construcionais de clivagem que são vernáculas, nem sempre correspondentes às que ocorrem em inglês.

São objetivos específicos nesta proposta: (1) estabelecer as diferenças estruturais entre o inglês e o PB no que tange às construções clivadas; (2) determinar os efeitos, na comparação das versões, dos diferentes modos de clivagem; (3) avaliar as diferentes escolhas dos tradutores, partindo do princípio de que eles estariam buscando manter os mesmos efeitos pragmáticos (especialmente para ressaltar a informação); desse modo, verificar se a natureza da informação nova, dada ou inferível do constituinte focalizado corresponde à da língua de

origem, bem como verificar se a construção clivada expressa contraste; (4) verificar se os efeitos de Foco se mantêm no texto traduzido e, se não, quais as razões da não manutenção; (5) testar a tipologia da clivagem que tem sido proposta em PB, em confronto com as propostas do inglês, levando em conta as diferenças estruturais entre os dois sistemas linguísticos; (6) a partir do verificado no objetivo anterior, propor uma classificação que responda ao uso das construções clivadas em PB; (7) configurar o estudo da clivagem de modo que possa abarcar como constituinte focalizado um termo adverbial circunstancial, e não apenas a proposição e a predicação (já se observando que esse tipo de termo foi encontrado com bastante frequência no *corpus*).

Para esse objetivo, pode-se recorrer a Lambrecht (2001), para quem, em inglês, há três tipos de sentenças consideradas, de modo geral, como clivadas: as *it-cleft sentences*, que estão representadas pela ocorrência (1) a seguir; as *wh-cleft sentences* (tratadas por alguns autores como *pseudo-cleft sentences*), ilustradas em (2); e as *reverse wh-cleft sentences* (ou, como alguns autores titulam, *reverse pseudo-cleft sentences*), exemplificadas em (3). Em análises para o português, Braga e Barbosa (2009) propõem, além dos três tipos correspondentes aos propostos por Lambrecht (2001), outros quatro tipos dessas construções em PB¹. Essa diferença estrutural entre as línguas reflete-se nas traduções encontradas, que podem ser verificadas nas ocorrências dos trechos a seguir²:

<p>1. <i>The object they were pondering on the monitor was a canister of some sort - a canister with transparent sides. That much was easy. It was the rest that was difficult.</i> (BROWN, 2000, p. 64)</p>	<p>T: O objeto que eles observavam no monitor era um tipo de tubo, um cilindro com laterais transparentes. Até aí, era fácil. O resto é que era difícil. (BROWN, 2004, p. 68)</p>
<p>2. “<i>A librarian docent accompanies every entrant at all times. Tonight, the docents are gone. What you are requesting is carte blanche access. Not even our cardinals enter alone.</i>” (BROWN, 2000, p. 123)</p>	<p>T: - Um bibliotecário docente acompanha todos os que entram em todas as ocasiões. Esta noite, não há nenhum docente, todos saíram do Vaticano. O que me pede é um acesso com carta branca. Nem os nossos cardeais entram lá sozinhos. (BROWN, 2004, p. 132)</p>
<p>3. <i>Although his people did not celebrate Christmas, he imagined that this is what it must feel like to be a Christian child, sitting before a stack of Christmas</i></p>	<p>T: Seu povo não comemorava o Natal, mas essa deveria ser a sensação que as crianças cristãs experimentavam diante de uma pilha de presentes, prestes a descobrir os mistérios</p>

¹ Ao todo, os sete tipos propostos por Braga e Barbosa (2009) são: clivadas propriamente ditas (que correspondem às *it-cleft sentences*); construções É QUE; construções QUE; pseudoclivadas (equivalentes às *wh-cleft sentences*); pseudoclivadas invertidas (correspondentes às *reverse wh-cleft sentences*); pseudoclivadas extrapostas; e, finalmente, construções *foco ser*.

² Os tradutores das obras são distintos, portanto, a referência é feita com o próprio autor da obra original, considerando-se o ano de publicação de cada versão.

presents, about to discover the miracles que continham. (BROWN, 2004, p. 29)
inside. (BROWN, 2000, p. 29)

Como já se poderia prever, na tradução para o PB nem sempre se mantém a mesma estrutura clivada, e acresce que a versão traduzida pode nem apresentar a estrutura de clivagem. Nesse quadro amostral que acaba de ser apresentado, verifica-se que: (i) o texto em PB da ocorrência (1) consiste em uma construção *é que*, caso em que, na tradução, há alteração da estrutura clivada, isto é, mudança de ordem dos constituintes, além da mudança temporal do verbo *ser*; (ii) a tradução da ocorrência (2) consiste na estrutura que vem sendo denominada ‘pseudoclivada’ (a ser problematizada no capítulo 6), a qual, diferentemente do que ocorre no primeiro exemplo, mantém o mesmo expediente clivado do inglês, à primeira vista; (iii) o texto em PB da ocorrência (3), por sua vez, não apresenta nenhuma estrutura de clivagem, apesar de manter a função focal com o recurso de *topicalização*.

A previsão de que a estrutura sintática das construções clivadas se altera nas traduções do inglês para o PB (ou seja, em diferentes sistemas gramaticais) já pôde ser verificada desde os primeiros dados coletados. Entretanto, no desenvolvimento do trabalho, continua a ser testado se a parte estrutural das clivadas em PB apresenta realmente disparidades em relação à do inglês, para poder se propor, a partir dessa verificação, uma (re)classificação das clivadas em PB.

A diferença estrutural entre as línguas, que obviamente se vê refletida na tradução, é exatamente o que este trabalho visa a verificar. Tomando-se como exemplo o caso da *wh-cleft* com *what* da segunda ocorrência (“**What you are requesting is carte blanche access**” / “**O que me pede é um acesso com carta branca**”), o que se verifica é que essas construções, em inglês, não são estritamente clivadas do ponto de vista gramatical, por conta do termo complexo *what* (*it + that*), enquanto, em PB (que apresenta a expressão binária “o que”) tem-se uma construção estruturalmente clivada, com o “que” funcionando como elemento clivador explícito. Assim, as chamadas *wh-clefts* encontradas no *corpus* em inglês mantiveram, no processo de tradução para o PB, o efeito focal da clivagem, porém com diferente arranjo gramatical, ou seja, com outra organização das peças, exatamente em razão do diferente sistema gramatical das línguas. Essa análise construcional se repete para as *reverse wh-clefts* que também possuem como termo clivador complexo o *what* (veja-se a terceira ocorrência). As *it-clefts* (como a da primeira ocorrência) são outras construções em que se manifestam evidentemente divergências construcionais entre as línguas em exame, haja vista que em PB não existe um sujeito gramatical como o *it* do inglês. Dessa maneira, apesar de a maior parte

das construções desse tipo em inglês e em PB apresentarem manutenção do expediente de clivagem, e com efeito focal totalmente mantido, elas diferem construcionalmente.

A partir dessa investigação da estrutura sintática das construções clivadas em ambas as línguas, a análise avança para os aspectos pragmáticos, com investigação dos efeitos discursivos dos diferentes tipos de estrutura, e, ainda, obviamente, para os aspectos semânticos dessas construções.

Tendo em vista que a clivagem é um fenômeno com estrutura sintática não prototípica – além de complexa – constituindo uma estrutura de menor importância no estudo da sintaxe, ela deve ser examinada com profundidade nas gramáticas do português. Com esse fito, verificam-se nesta tese aspectos singulares, tais como: na relação entre o inglês e o português, a análise não só sintática, mas também semântica e pragmática; e, em relação ao modo de construir cada tipo de clivagem, a problematização de todas as correspondências verificadas. A partir desse aprofundamento do exame da clivagem, com análises pormenorizadas de cada aspecto verificado neste trabalho e com o entendimento de escolhas diferentes na tradução da estrutura clivada do inglês para o PB, este trabalho revisa a literatura, e a pesquisa avança em todos esses aspectos.

Embora questões ligadas ao processo de tradução em si não sejam o foco deste trabalho, algumas considerações fazem-se importantes para o exame. Parte-se da noção de que o texto inglês é o texto “de partida” (a língua “fonte”) e o texto em PB é o texto “de chegada” (a língua “alvo”). Como defende Derrida (1981) com base na teoria da desconstrução, o texto de chegada é tão ou mais importante que o texto de partida, porque permite que textos de partida continuem vivos em outros tempos e outras culturas (OUSTINOFF, 2011). O que os desconstrutivistas consideram é que, assim como um texto traduzido, todo texto ‘original’, assim como os signos que o constituem, é também mediação e simulacro e, portanto, ‘provisório’ e ‘secundário’ (ARROJO, 1992, p. 59). Além disso, como mostra Paz (1980), a tradução é, por si só, um texto original, bastando ver-se que cada tradução é diferente: “Cada tradução é, até certo ponto, uma criação, constituindo-se assim num texto único” (OLMI, 2001, p. 60).

Considerar o processo da tradução como “criação” significa vê-lo como um processo comunicativo, um processo de interação entre línguas, contextos e culturas (HATIM; MASON, 1990). Nesse sentido, tem-se como ponto de partida, neste estudo, que os tradutores das obras de Dan Brown que compõem o *corpus* desta pesquisa tendem a oferecer essa via desconstrutivista em seus textos. É com base nesse viés que mudanças estruturais foram efetuadas pelos tradutores com a finalidade de tornar o texto de chegada mais natural ao leitor

(alterações notadas principalmente no exame das construções clivadas). Pela teoria funcionalista adotada neste trabalho, o que se examina é exatamente essa função comunicativa que a tradução apresenta. Tomando como instrumento de análise o esquema de interação proposto por Dik (1997) nos estudos da tradução, tem-se que o produto final da tradução é resultado de um processo de escolhas motivadas, em que “produtores de textos têm seus próprios objetivos comunicativos e selecionam itens lexicais e estruturas gramaticais para servir a esses objetivos” (HATIM; MASON, 1990, p. 4).

Analisando textos traduzidos de construções clivadas do inglês para o PB, esta tese procura mostrar como cada língua resolveu eficientemente, nas construções, o conteúdo semântico bem como o efeito pragmático. Examinar o processo tradutório, isto é, examinar duas expressões correspondentes de línguas distintas, uma ao lado da outra, permite que se comparem as duas estruturas a partir do ponto de partida de que as ambas objetivam produzir o mesmo efeito no leitor, ou seja, que o texto de chegada objetiva conseguir traduzir os mesmos propósitos de comunicação do texto de partida, e que a leitura seja fluida. É importante destacar que, exatamente por investigar o processo tradutório, as análises desta tese são efetuadas a partir da modalidade escrita das línguas em exame, diferentemente da maior parte dos trabalhos sobre clivagem, os quais têm examinado a modalidade falada da língua. Essa particularidade é relevante visto que, nas obras analisadas, o autor (e o tradutor de cada obra) não utiliza uma linguagem rebuscada que se distanciaria da modalidade oral da língua, ele busca aproximar a linguagem escrita à modalidade oral.

A relação do processo de tradução com a articulação de sintaxe, semântica e pragmática para estruturação do texto consiste num aprofundamento da visão funcionalista da gramática, ficando assentada a noção de que, a partir da comparação de estruturas de línguas diferentes, pode-se chegar a uma visão bem controlada e assentada do fenômeno. A partir do entendimento da vantagem desse tipo de exame, o diferencial desta pesquisa é exatamente essa estratégia de cotejamento de estruturas da mesma obra escrita em uma e em outra língua, disponíveis como resultado do processo tradutório. Esse tipo de exame pode revelar diferentes aspectos do processo de clivagem a partir de semelhanças e diferenças estruturais. Ou seja, verificar especificidades de formas diferentes para expressar uma mesma função permite examinar a construção da diferença, o que só faz sentido nesse enfoque.

1.3 Organização do trabalho

O trabalho está organizado em seis capítulos. Neste primeiro ('Introdução'), estão o objeto de análise, as considerações iniciais da tese, assim como seus objetivos, sua hipótese e sua justificativa.

No capítulo 2: 'A base funcionalista de análise e a organização da informação na frase', é exposta a teoria que embasa a tese, partindo de um estudo da língua em função, além de serem discutidas questões sobre a organização da informação na frase, dada a necessidade de se examinar a organização da informação na construção clivada.

No capítulo 3: 'A categoria em análise: a clivagem', mostram-se trabalhos efetuados na área das construções clivadas, desde os primeiros estudos na área até os trabalhos sobre o fenômeno em português mais recentes. Também são discutidos nesse capítulo os trabalhos de estrutura informacional das construções clivadas especificamente.

No capítulo 4: 'Procedimentos metodológicos', é apresentado o *corpus* da tese pormenorizadamente, além de ser explicitado o modo de análise das construções em exame, o qual tem relação com o processo de tradução. Nesse capítulo, é mostrado que a tradução do inglês para o PB é o meio de análise das construções clivadas nesta tese.

No capítulo 5: 'Catalogação dos tipos de clivagem em PB e resultados quantitativos', é exposta a análise quantitativa a que os tipos de clivagem encontrados no *corpus* foram submetidos, bem como a reclassificação dos tipos de construções clivadas em PB.

No capítulo 6: 'Discussão sobre os aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos da clivagem', além de os resultados obtidos serem discutidos, algumas questões acerca do fenômeno em exame são problematizadas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho, seguidas das referências bibliográficas e dos apêndices com todas as construções clivadas encontradas nas obras.

2 A BASE FUNCIONALISTA DE ANÁLISE E A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA FRASE

Neste capítulo, são apresentados os principais conceitos da visão funcionalista da linguagem, quadro teórico dentro do qual as construções clivadas são examinadas. É sob esse viés que se apresentam também as principais noções da Estrutura Informacional.

2.1 A visão funcionalista de análise

Para dar conta de analisar não apenas a estrutura sintática das construções clivadas, mas também seu valor semântico e suas funções pragmáticas, adota-se, nesta pesquisa, o aparato teórico da Gramática Funcional, a qual se dirige à organização gramatical de línguas naturais em uso.

Primeiramente, é essencial tomar Halliday (2014) como ponto de partida para entender a relação entre texto e gramática. Para explicar a gramática, todos os tipos de texto, levados igualmente em conta, ilustram numerosas características gramaticais da língua, em contextos funcionais significativos (HALLIDAY, 2014, p. 4).

Halliday (2014, p. 19) se refere à língua como: (i) texto e sistema; (ii) som, escrita e enunciado (“*wording*”); (iii) estrutura – configurações de partes; e (iv) recurso – escolhas entre alternativas. Estes são alguns dos diferentes modos como a língua se apresenta quando se começa a explorar sua gramática em termos funcionais, ou seja, do ponto de vista de como ela cria e expressa significado.

Nesse sentido, Halliday (2014) adota uma perspectiva sistêmica, já que as línguas evoluem, e sistemas evoluídos não podem ser explicados simplesmente como a soma de suas partes. O pensamento sistêmico procura entender a natureza e a dinâmica de um sistema semiótico como um todo (HALLIDAY, 2014, p. 20).

Em relação à organização do significado na gramática, Halliday (2014, p. 22) mostra que, quando se analisa a gramática, vê-se que a estrutura de cada unidade como uma configuração orgânica, de maneira que cada parte tem uma função distinta em relação ao todo; e ainda que algumas unidades podem formar sequências complexas trabalhando juntas como uma única parte:

A gramática é a unidade central de processamento da língua, a usina geradora onde significados são criados; é natural que os sistemas de som e de escrita através dos quais esses significados são expressos devam refletir o arranjo estrutural da gramática. Eles não podem, obviamente, copiar as

configurações funcionais; mas eles mantêm o princípio gramatical de que unidades de níveis diferentes constroem padrões de tipos diferentes (HALLIDAY, 2014, p. 22 – tradução nossa³).

Essa especialização funcional entre unidades de diferentes níveis é uma característica da estrutura da língua como um todo.

Para Halliday (2014, p. 23), um texto é o produto de seleção contínua em uma larga rede de sistemas – uma rede sistêmica. A teoria sistêmica tem seu nome do fato de que a gramática da língua é representada na forma de redes sistêmicas, não como um inventário de estruturas. É claro que a estrutura é uma parte essencial da descrição, mas ela é interpretada como a forma externa que as escolhas sistêmicas tomam, não como a característica determinante da língua. A língua é um recurso para fazer significado, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolha.

Halliday (2014, p. 25) mostra, ainda, que a língua é usada para fazer sentido da nossa experiência e para realizar nossas interações com outras pessoas. Isso significa que a gramática tem de interagir com o que acontece fora da língua: com os acontecimentos e condições do mundo, e com os processos sociais de que participamos. Mas, ao mesmo tempo, ela tem de organizar a interpretação da experiência e a implementação dos processos sociais, para que eles possam ser transformados em enunciados. Nesse sentido, a língua opera em contexto. Halliday (2014, p. 32) reconhece esse importante princípio pelo desenvolvimento de uma teoria ‘ecológica’ da língua, na qual ela é sempre teorizada, descrita e analisada dentro de um ‘ambiente’ de significados; uma dada língua é, assim, interpretada por referência a seu habitat semiótico.

Como o texto é língua funcionando em contexto, ao desenvolver uma taxonomia de textos Halliday (2014) adota uma perspectiva tripla, combinando considerações contextuais, semânticas e lexicogramaticais para sustentar essa taxonomia. Entretanto, para que seja significativa, uma taxonomia de textos deve ser baseada em considerações contextuais; se a taxonomia está ‘no caminho certo’, considerações semânticas e lexicogramaticais irão se alinhar com as contextuais (HALLIDAY, 2014, p. 35).

Halliday (2014) postula, ainda sobre essa tripla perspectiva, que a semântica, sendo o estrato mais alto dentro da língua, é a interface entre contexto e lexicogramática. A semântica

³ Original inglês: *Grammar is the central processing unit of language, the powerhouse where meanings are created; it is natural that the systems of sound and of writing through which these meanings are expressed should reflect the structural arrangement of the grammar. They cannot, obviously, copy the functional configurations; but they do maintain the grammatical principle that units of different rank construe patterns of different kinds.*

transforma a experiência e os relacionamentos interpessoais em significado linguístico, e a lexicogramática transforma esse significado em palavras, incorporando a perspectiva do falante. A unidade básica da semântica é o texto, língua funcionando em contexto, como instância do sistema semântico. Um texto é organizado internamente como padrões de significado lógico, experiencial, interpessoal e textual. Concomitantemente, ele é organizado externamente como uma unidade operando em contexto: a estrutura do contexto da situação em que um texto opera é projetada no texto (HALLIDAY, 2014, p. 43). E texto é, ademais, um fluxo de informação, ou, mais precisamente, ondas de informação, ou mensagens, conjuntos de informação que são realizados por orações em seu pretexto textual, e (na língua falada) também por unidades informacionais (HALLIDAY, 2014, p. 45-46).

Considerar a gramática como funcional, explica Halliday (2014, p. 49), significa que se dá prioridade à visão vinda ‘de cima’; isto é, a gramática é tida como um recurso para fazer significado, mas o foco de atenção ainda é na gramática em si. Essa prioridade significa que o princípio organizador adotado é aquele de sistema: a gramática é tida como uma rede de escolhas significativas inter-relacionadas. Nesse sentido, a estrutura é analisada em termos funcionais, explicando-se o papel desempenhado por cada elemento na configuração orgânica do todo. O sistema é o potencial subjacente ao texto, sendo ‘texto’ uma noção complexa, uma vez que, além de significar discurso falado e escrito, um texto é o produto de dois processos combinados: instanciação e efetivação. O critério determinante é a instanciação: texto como instância; mas efetivação aparece porque o que se torna acessível a nós é o texto efetivado em som ou escrita (HALLIDAY, 2014, p. 50). Sob esse viés, o texto que se examina nesta tese é efetivado na escrita de construções clivadas.

A Gramática Funcional, para Nichols (1984), assim como a gramática formal e a estrutural, analisa a estrutura gramatical, mas, diferentemente dessas outras, também analisa toda a situação comunicativa: a finalidade do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo. “A situação comunicativa motiva, restringe, ou até mesmo determina a estrutura gramatical e, portanto, forma e função linguísticas interdependem” (NICHOLS, 1984, p. 97), o que pode ser aplicado da seguinte maneira ao objeto de pesquisa aqui proposto: a estrutura sintática clivada (forma) tem, no discurso, a função⁴ de dar Foco a uma proposição. Entende-se a proposição como algo sobre o que se pode argumentar, porque é o que pode ser afirmado ou negado, e também duvidado, contradito, insistido, aceito com reservas, qualificado, atenuado, lamentado e assim por diante (HALLIDAY, 2004, p. 138).

No paradigma do Funcionalismo, as expressões linguísticas (particularmente, neste trabalho, as construções clivadas) são o resultado de uma intenção comunicativa marcada, uma vez que “o que é comunicado não é somente o conteúdo, a denotação, a referência-e-predicação, ou o aspecto cognitivo e intelectual da língua, mas também a natureza e o objetivo do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo” (NICHOLS, 1984, p. 101-102).

Segundo Nichols (1984, p. 104-105), as análises funcionalistas tornaram-se comuns, na literatura teórica americana dominante nos anos 1970. Obviamente, análises funcionalistas foram feitas anteriormente e a Escola de Praga foi uma escola séria de pensamento funcionalista décadas antes, assim como os posteriores trabalhos de Dwight Bolinger. Como frequentemente acontece, o funcionalismo da linguística teórica americana surgiu em resposta a inadequações observadas em abordagens estritamente formais. A Escola de Praga – com autores como o pioneiro Mathesius (1911, 1928), Garvin (1963, 1964), Jakobson (1960), Steiner (1982), Vacheck (1964, 1966) – foi responsável pelos termos *função/funcional*, propondo análises dos parâmetros pragmáticos e discursivos, entre outros. Bolinger (1977, 1979), por seu turno, mostrou mais centralmente que inúmeros fenômenos linguísticos em questão nas descrições formais e estruturais são restringidos por fatores pragmáticos. A Gramática Funcional de Simon C. Dik (1978, 1980, 1981) é um resumo claro de uma gramática “funcionalista”, no sentido de que ela tem como objetivo modelar o componente gramatical da competência comunicativa e a visão das regras gramaticais como instrumentais em relação à pragmática: as regras implementam a pragmática. Assim, Dik estabeleceu três níveis de função/relação: semântica (agente, objetivo, etc), sintática (sujeito e objeto, etc) e pragmática (tema, tópico e foco).

Para Dik (1997), uma língua é considerada como um instrumento de interação social, usado com a intenção de estabelecer relações comunicativas. Diz Dik (1997, p. 3): “Dentro desse paradigma, tenta-se revelar a instrumentalidade da língua com relação ao que as pessoas fazem e atingem com ela na interação social”⁵. Para tanto, o indivíduo faz uso da competência comunicativa, a saber, da capacidade que têm os indivíduos de não apenas codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória (conceito proposto por Hymes, 1974, p. 75).

O que une as diferentes correntes do Funcionalismo é estabelecer como objeto essa competência, acrescentando à tradicional descrição gramatical a descrição das regras para o

⁴ O termo ‘função’ empregado neste trabalho tem relação com o uso volicional da linguagem para atingir algum objetivo (NICHOLS, 1984, p. 101). No caso das sentenças clivadas, o objetivo seria o de dar foco à proposição.

uso social apropriado da linguagem (NEVES, 2004, p. 15). Neste trabalho, entende-se, pois, que, quando o autor ou o tradutor faz uso da clivagem, ele está tentando usar e interpretar as construções para obtenção de uma interpretação satisfatória, isto é, implementando sua competência comunicativa.

Do ponto de vista funcionalista, a Linguística tem de lidar com dois tipos de sistemas de regras (DIK, 1997, p. 3): as regras que governam a constituição de expressões linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões são usadas (regras pragmáticas), proposta pela qual este trabalho também se rege. O que mostra Dik (1997, p. 4) é que uma teoria da linguagem não pode apenas exibir as regras e princípios subjacentes na construção de expressões linguísticas, mas deve explicitar essas regras e princípios em termos de sua funcionalidade com relação aos modos pelos quais essas expressões são usadas. Assim mostra ele:

[...] as expressões linguísticas podem ser adequadamente entendidas somente quando elas são consideradas como se funcionassem em conjuntos, as propriedades das quais são codeterminadas pela informação contextual e situacional disponível para falantes e destinatários. A língua não funciona isoladamente: ela é parte integrante de uma realidade humana (psicológica e social) (DIK, 1997, p. 6 – tradução nossa⁶).

Esse viés contextual e situacional é exatamente o que se propõe aqui, já que um objetivo central deste estudo é averiguar as funções discursivas das mudanças estruturais das construções clivadas efetuadas pelos tradutores.

Afinal, a partir da postulação de que a língua se integra na realidade social dos falantes, entende-se que a pragmática constitui um quadro abrangente dentro do qual semântica e sintaxe devem ser estudadas (DIK, 1997, p. 7-8). As propriedades sintáticas provêm das propriedades do discurso, e “admitir determinações discursivas na sintaxe equivale a incorporar a pragmática na gramática” (NEVES, 2004, p. 28).

Levando-se a proposta de incorporar a pragmática na gramática ao universo das construções clivadas, consideram-se, aqui, as funções pragmáticas propostas por Dik (1997), que são divididas entre aquelas relacionadas com *topicidade* e aquelas que se relacionam com *focalidade* de constituintes: a *topicidade* refere-se ao estatuto daquelas entidades sobre as

⁵ Original inglês: “*Within this paradigm one attempts to reveal the instrumentality of language with respect to what people do and achieve with it in social interaction*”.

⁶ Original inglês: “*This means that linguistic expressions can be understood properly only when they are considered as functioning in settings, the properties of which are codetermined by the contextual and situational information available to speakers and addressees. Language does not function in isolation: it is an integrated part of a living human (psychological and social) reality*”.

quais a informação é fornecida ou requerida no discurso; e a focalidade refere-se aos constituintes que são comunicativamente mais importantes ou salientes, dada a estimativa do falante sobre a informação pragmática do destinatário. De maneira análoga, o constituinte focal das construções clivadas é exatamente a parte mais importante ou saliente do discurso, e a outra parte da proposição é o tópico do discurso.

A seguir, os principais conceitos da Estrutura Informacional, dentro da qual se encontram funções como as de topicidade e focalidade, são apresentados e pormenorizados, uma vez que as construções clivadas apresentam marcadamente tais funções pragmáticas.

2.1.1 Estrutura Informacional

As construções clivadas, objeto de análise desta tese, são parte de um processo estritamente ligado à distribuição de informação, haja vista que a intenção pragmática do falante (ou, no caso desta pesquisa, do autor e do tradutor) é separar uma parte da proposição como o Foco. Assim, a proposição é examinada em partes informacionais, em que uma seria o Tópico e outra, o Foco. Entra-se em uma noção da estruturação da frase que se faça com apelo à pragmática, no sentido de colocar na base da análise a estrutura informacional, a par da estrutura formal, o que se pode fazer muito seguramente com recurso a Lambrecht (1994).

Lambrecht (1994, p. 1-2) mostra que o que une a pesquisa linguística efetuada sob diferentes títulos⁷ é a ideia de que certas propriedades formais das frases não podem ser totalmente entendidas sem olhar para os contextos linguísticos e extralinguísticos nos quais as frases que contêm essas propriedades estão integradas. Tal pesquisa é claramente associada com a área geral da pragmática, uma vez que o discurso envolve o uso de frases em configurações comunicativas. E Lambrecht (1994, p. 2) prende-se ao termo hallidayiano “estrutura informacional” porque seu trabalho dá ênfase especial às implicações estruturais da análise pragmático-discursiva.

De acordo com Lambrecht (baseado em Prince, 1981, p. 224), esse termo “estrutura informacional” (que, afinal, denomina o empacotamento da informação) tem relação com a “costura” de um enunciado, que um emissor faz para encontrar as necessidades supostas particulares do receptor pretendido. Isto é, o empacotamento da informação reflete as hipóteses do emissor sobre as suposições, crenças e estratégias do receptor. Lambrecht (1994,

⁷ O autor cita a perspectiva funcional da frase, da Escola de Praga; a estrutura informacional ou tema, de Halliday, 1967; o empacotamento da informação, de Chafe, 1976; a pragmática do discurso de Vallduvi, 1990.

p. 3) conclui que, como sugere a palavra “costura”, a estrutura informacional diz respeito à forma dos enunciados em relação aos estados mentais supostos de falantes e ouvintes. O que é relevante é que o estudo da estrutura informacional não diz respeito ao conteúdo lexical e proposicional de modo abstrato, mas à forma como tal conteúdo é transmitido (LAMBRECHT, 1994, p. 3). Assim, a estruturação formal das frases ganha maior importância do que os fenômenos psicológicos (as hipóteses do falante sobre os estados mentais do ouvinte).

Lambrecht (1994, p. 5) propõe, enfim, sua definição de estrutura informacional:

Aquele componente da gramática da frase em que proposições como representações conceituais de estados de coisas são pareadas com estruturas lexicogramaticais de acordo com os estados mentais dos interlocutores que usam e interpretam essas estruturas como unidades de informação em dados contextos discursivos⁸.

Dessa forma, a estrutura informacional de uma frase é a expressão formal da estruturação pragmática de uma proposição em um discurso, ou seja, uma proposição pragmaticamente estruturada (LAMBRECHT, 1994, p. 5-6). O autor acrescenta que a estrutura informacional intervém em todos os níveis do sistema gramatical relacionados ao significado, isto é, ela é formalmente manifestada em: (i) aspectos de prosódia; (ii) marcadores especiais gramaticais; (iii) forma de constituintes sintáticos (em particular, nominais); (iv) posição e ordenamento de tais constituintes na frase, na forma de construções gramaticais complexas; e (v) certas escolhas entre itens lexicais relacionados (LAMBRECHT, 1994, p. 6). E note-se que o item (iv) é exatamente o conjunto em que as construções clivadas examinadas nesta tese estão inseridas.

Ao longo do desenvolvimento de todas as teorias da organização informacional na frase existe a proposta de uma (bi)partição da frase, explícita ou implicitamente. Nos estudos contemporâneos da Escola de Praga, que marcam a origem desse tipo de consideração, essa distribuição é explícita: “tópico e foco são dois aspectos de um único padrão de articulação que é básico para toda frase” (PEREGRIN, 1995, p. 56).

Jackendoff (1972) e Chomsky (1971), segundo Barbosa (2005), também consideram uma dicotomia, envolvendo *pressuposição* e *foco*, mas ela não corresponde exatamente à articulação de *tópico* e *foco* da Escola de Praga, como será visto a seguir. O *foco*, mesmo em estudos que não se preocupam primordialmente com a organização da informação, constitui

⁸ Original inglês: *That component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts.*

um traço (fonológico ou sintático) que marca um contraste (e uma saliência) de um constituinte que fica destacado do restante da frase. Já em Barbosa (2005) pode-se ler o seguinte:

Nas tentativas de descrição e de definição da partição intuitiva da frase misturam-se por vezes não só as organizações sintáctica e semântica, mas também uma outra organização, a organização da informação que, interagindo quer com a sintaxe quer com a semântica da frase, parece ser algo que funciona a um nível diferente, uma vez que as alterações na distribuição da informação nem sempre alteram o significado da frase. (BARBOSA, 2005, p. 341)

Essas questões relacionadas à distribuição da informação começaram a ser estudadas focalmente a partir da primeira dicotomia da Linguística no nível da informação (com a marca da Escola de Praga), que é a de *tema* e *rema*. Como expõe Ilari (1992, p. 9), recorrendo a essa fonte, as frases podem ser analisadas em vários níveis, tendo destaque essa articulação em *tema* e *rema* (ATR, daqui em diante), a partir da qual se depreende que o *tema* é, de maneira geral, “o assunto da oração”, e que o *rema* é “aquilo que se diz do tema”. Esse tipo de articulação apresenta tanto uma face estrutural quanto uma face funcional, já que ela “contribui para a interpretação das orações de maneira específica, e se exprime na forma da oração por meio de características significantes determinadas” (ILARI, 1992, p. 10).

Para chegar-se aos princípios pelos quais a análise pragmática das construções clivadas se rege, pode-se recorrer a uma série de autores que foram pioneiros nessa área. Nesse sentido, será examinado a seguir um contexto histórico geral dos estudos sobre a Estrutura Informacional.

2.1.1.1 Perspectiva histórica da organização da informação na frase

Ilari (1992) cita o primeiro trabalho de destaque a considerar uma estruturação que independe da sintaxe, o de Hermann Paul (PAUL, 1886), que, em contraste com visão das categorias gramaticais de seu tempo, chamou as duas funções nucleares da oração de *sujeito psicológico* (“primeira quantidade de ideias existente no consciente do que fala”) e *predicado psicológico* (“aquilo sobre que aquele que fala quer fazer o ouvinte pensar, ou para onde quer dirigir-lhe a atenção”). Segundo Ilari (1992), apesar de vaga, a linguagem do autor pioneiro expôs uma concepção de linguagem pela qual se admite que a mente dos falantes pode ser entendida como uma estrutura abstrata de ideias, e que algumas ideias e conexões podem ser ativadas na comunicação. Para Paul (1886, apud BARBOSA, 2005), esse é, *a priori*, um modo mais abrangente de conceituar uma oração do que as correntes categorias gramaticais,

embora ele reconheça que a análise gramatical e a análise psicológica (mais abrangente) se aplicam aos mesmos objetos num grande número de casos, mas nem sempre coincidem. Para ele, similarmente ao que se propõe na posterior teoria de *tópico* e *foco*, o predicado psicológico é, na oração isolada, sempre mais acentuado, mais significativo e mais recente. É verdade que é a noção de sujeito que aparece primeiro na consciência do falante, entretanto, quando esse começa a falar, a noção de predicado, mais significativa, pode ser reforçada, podendo até atingir o primeiro plano, ou então ser expressa primeiro, sendo o sujeito acrescentado posteriormente (BARBOSA, 2005, p. 342).

Como já apontado aqui, foi Mathesius que, no Círculo Linguístico de Praga, desenvolveu a primeira teoria da organização informacional na frase. Mathesius (1929) denominou como *tema* e *rema* não exatamente a relação psicológica de Paul, mas as partes da frase em que a distribuição da informação é organizada (BARBOSA, 2005, p. 343). Hermann Ammann (1928) já havia introduzido esses termos com o fito de evitar os termos *sujeito* e *predicado* para uma relação que não é sintática, mas informacional. De fato, para Mathesius e seus seguidores, sobretudo Firbas e Danes, o contraste tema-rema não é estritamente psicológico. A linguagem é vista como uma ferramenta para a comunicação, e a estrutura informacional é importante para ambos, o sistema da língua e o processo de comunicação (HEUSINGER, 1999, p.115). Acresce que, segundo Firbas (1964, p. 272), essa relação *tema-rema* não é dicotômica, mas hierárquica, isto é, funciona em um nível mais vasto na frase (e no discurso), o que o autor remete ao conceito de dinamismo comunicativo (a medida em que o elemento da frase contribui para o desenvolvimento da comunicação, impulsionando a comunicação adiante). O *tema* é o elemento com o dinamismo comunicativo mais baixo e o *rema*, com o mais alto. Porém, por não se tratar de uma relação dicotômica, pode haver graus intermediários de dinamismo comunicativo (BARBOSA, 2005, p. 343).

Segundo Barbosa (2005, p. 344), Michael Halliday adotou muito da análise funcionalista da Escola de Praga em sua investigação sobre o sistema de entoação do inglês, adaptando-a aos estudos fonológicos dessa língua, que tem uma ordem de palavras menos flexível do que as línguas eslavas (principalmente o checo), línguas que constituíram o *corpus* de Mathesius e seus seguidores. Para Halliday (1976), o enunciado é organizado em uma sequência de unidades tonais, com estrutura própria, a estrutura informacional da frase. Tal estrutura integra tanto a distribuição das unidades de informação (estrutura temática, responsável pela ordem linear das unidades informacionais) quanto a organização interna de cada unidade de informação, que está ligada a aspectos prosódicos (“a estrutura informacional

é realizada fonologicamente por ‘tonalidade’, a distribuição do texto em grupos tonais” – HALLIDAY, 1976, p. 200).

Ao definir a organização *tema-remata*, Halliday (1985, p. 59) propõe que o Tema é um elemento em uma configuração estrutural particular, a qual, “tomada como um todo, organiza a oração como uma mensagem; essa é a configuração Tema+Remata. A mensagem consiste em um Tema combinado com um Remata”.

Halliday (1976; 1970; 1972; 1973), um dos teóricos com maior carga de explicitações de base “funcionalista”, distingue-se como pioneiro em tratar a categoria informativa *tema*, extremamente pertinente para a conceituação e o estudo das construções clivadas, como será visto a seguir. A noção de *tema* formulada por Halliday, que toca diretamente construções como as clivadas, está intrinsecamente ligada com uma das funções da linguagem formuladas por ele.

Segundo o autor, as principais funções da linguagem são: a ideacional (ou cognitiva, nocional), a interpessoal e a textual. Essa última é a que se relaciona com a ATR. Ilari (1992) afirma que, para Halliday, o termo *tema* é, de certa forma, ambíguo, referindo-se “ora ao conjunto de opções estruturais referentes à função textual que se realizam no nível da oração, ora a uma categoria que intervém na descrição de uma opção específica” (ILARI, 1992, p. 17). Em relação ao primeiro sentido de *tema*, esse é um termo tão abrangente quanto *transitividade* e *modo*, e abrange seis conjuntos de opções de textos, exemplificadas por Halliday com as seguintes orações (ILARI, 1992, p. 17):

Informação:

- (4) a. // *John broke the window* //
b. // *John* // *broke the window* //;

Tematização:

- (5) a. *John broke the window*
b. *The window, John broke*;

Predicação:

- (6) a. *It was John who broke the window*
b. *It was the window that John broke*;

Identificação:

- (7) a. *The one who broke the window was John*
b. *The thing John broke was the window*;

Substituição:

- (8) a. *He is always late, John*;

Referência:

- (9) a. *Britain it is all roads*.

Observam-se, entre esses conjuntos de opções do componente textual propostos por Halliday sobre o tema, construções como as examinadas neste trabalho, às quais o autor se refere como *Predicação* e *Identificação*. Esses conceitos hallidayanos serão revistos com

mais aprofundamento na seção 2.1.1.3 ('Principais categorias da estrutura informacional relacionadas à clivagem').

Em relação ao segundo sentido de *tema*, formulado por Halliday, trata-se do nome dado à expressão inicial de toda oração; assim, as orações (5a) e (5b), por exemplo, têm diferentes expressões como *temas*. Ilari (1992) declara que se limita a comentar os conjuntos de opções de texto *Informação* e *Tematização* porque toda oração manifesta obrigatoriamente opções quanto a esses conjuntos, e as orações não precisam exibir características dos outros conjuntos.

Halliday, citado por Ilari (1992, p. 20), postula que a noção de informação é principalmente fonológica, e se relaciona com as noções de pé (unidade rítmica que inicia com uma sílaba forte) e grupo tonal (sequência de pés organizada em torno de uma sílaba tônica). Esse último corresponde à informação, isto é, à: “segmentação de um discurso em grupos tonais tem como contrapartida semântica sua segmentação em unidades informativas”, as quais separam os blocos de informação. Em relação à localização da tônica, continua o autor, sua contrapartida é a identificação de um segmento como *focal*, o qual está sempre associado a uma informação *nova*, enquanto os segmentos não focais veiculam uma informação recuperável pelo contexto, chamada por Halliday de *dado*. “Assim, à distinção fonética tônico/não tônico corresponderia sistematicamente uma oposição semântica entre *dado* e *novo*”⁹ (ILARI, 1992, p. 21).

Diferentemente dessa noção de Informação, que tem como expoentes, para Halliday, fenômenos de tipo entoacional, a noção de Tematização tem como recurso expressivo a ordem dos constituintes. Informa Ilari (1992, p. 22) que, segundo Halliday, a tematização é a distinção de dois segmentos da oração, o *tema* e o *rema*, sendo o tema o primeiro segmento de qualquer oração, seguido pelo rema, constituindo ambos uma estrutura da oração relevante para a organização textual.

Ao relacionar-se a informação com a tematização, observa-se que, na grande maioria dos casos, tema e dado coincidem num mesmo segmento, o qual é chamado por Halliday de *tópico*. Apesar da possível coincidência das noções, elas são distintas: a tematização se aplica a orações, e a informação, a unidades informativas, que podem ser mais ou menos do que orações.

Como já visto, uma importante fonte teórica para os estudos da ATR, e crucial para o entendimento da clivagem em si, está na “Escola Linguística de Praga”, que reuniu um grupo

⁹ O conceito dos termos ‘*dado*’ e ‘*novo*’ será discutido na próxima seção.

de autores que atuaram no “Círculo Linguístico de Praga” por volta da década de 1930. Ilari (1992) alude a um grupo de autores mais recentes (com contribuições que começaram a ser publicadas em 1966) ao mencionar o termo “Escola Linguística de Praga”. Desde seu início, esse círculo de autores é caracterizadamente funcionalista, definindo a língua como um “sistema de meios apropriados a um fim” (ILARI, 1992, p. 24). Como aponta Ilari (1992):

Essa postura funcionalista permite justificar que se distingam numa língua natural vários subsistemas (haverá tantos deles quantas forem as funções que a língua desempenha); e isto, aliado à concepção de comunicação [...] leva imediatamente a reconhecer o estudo da oração enquanto unidade comunicativa como um nível de análise autônomo (ILARI, 1992, p. 25).

Apesar de terem diferentes enfoques, os autores das distintas gerações reconhecem que esse tipo de análise funcionalista abarca todos os meios pelos quais a oração se realiza como unidade comunicativa, dividindo-se em “*tema* (ou *tópico*) e *rema* (ou *núcleo*, ou *comentário*), ou ainda, num segmento comunicativamente estático, oposto a um segmento comunicativamente dinâmico” (ILARI, 1992, p. 26).

Em relação à ATR especificamente, Ilari (1992, p. 30-31) busca definir quais são as unidades linguísticas que cabe segmentar em tema e rema: novamente baseado em Halliday, ele mostra que a oração não é obrigatoriamente a unidade que se analisa em tema e rema, esclarecendo, ainda, que a oposição *dado/novo* se estabelece em unidades informativas representadas pelos grupos tonais (que podem ser mais ou menos que uma oração, como já explicitado). Com consciência da simplificação que isso significa, Ilari considera como unidades linguísticas que se analisam em *tema* e *rema* os períodos simples, não elípticos, e que sejam comensuráveis a uma única unidade informativa (no sentido definido por Halliday).

A partir dessa simplificação de análise, surge um problema, o de formular as relações que essa segmentação tem com outras segmentações. A postura metodológica do item-arranjo prevaleceu entre os autores que consideraram a ATR a partir de uma formação estrutural. Para Ilari (1992), este é o método:

1) para cada um dos níveis considerados – funcional, semântico, sintático de constituintes – desenvolve-se uma análise independente, que resulta numa segmentação específica e numa categorização específica dos segmentos obtidos; 2) a integração dessas diferentes análises faz-se como uma segunda etapa, em que se verifica quais são as superposições possíveis e seus efeitos. Neste tipo de análise, diz-se por exemplo que em “Lenine cita Marx 2107 vezes” *Lenine* é simultaneamente o sujeito, o tema e o agente; que em “Marx, Lenine cita 2107 vezes” esses papéis são dissociados: *Marx* é o tema, *Lenine* é o sujeito e o agente (ILARI, 1992, p. 32).

Ilari (1992, p. 32) argumenta, ainda com relação a esse método, que a não coincidência dos papéis de sujeito, agente e tema, no segundo caso, torna a frase *marcada* e que o

aparecimento de frases marcadas depende de condições estruturais e contextuais específicas. Esta é uma questão fundamental neste trabalho, porque a clivagem é definida como uma frase marcada que possui essas condições específicas. Lambrecht (1994, p. 15) trata do papel da marcação na expressão da estrutura informacional em línguas em que a ordem de constituintes não marcada é SVO (sujeito-verbo-objeto). Supondo a existência de uma relação entre o acento e o foco da frase, o autor diz que essas duas suposições juntas implicam que, no caso não marcado, um sujeito inicial da oração terá uma relação de *tópico*, enquanto um objeto final da oração terá uma relação de *foco*, na proposição. Acresce que a sequência da estrutura informacional não marcada (ou canônica) para argumentos lexicais é *tópico-foco*, mas o autor não considera que frases com essas propriedades sejam “pragmaticamente neutras”, já que todas têm uma função específica no discurso (LAMBRECHT, 1994, p. 16). Lambrecht (1994, p. 17) exemplifica o fato da seguinte maneira: a frase canônica (SVO) “*She likes Germans*” é não marcada para a característica “foco argumental”, enquanto sua contraparte clivada “*It is Germans that she likes*” é marcada para essa característica.

Todos os autores citados, dentro de uma linha de base funcionalista, concordam em atribuir um papel discursivo à ATR, em que “conteúdos formulados e articulados inicialmente num nível de ‘representação de mundo’ são reformulados pela ATR de modo a constituírem unidades apropriadas para a comunicação numa situação real” (ILARI, 1992, p. 34), uma direção que contrasta com as propostas de autores gerativistas (cite-se Sgall e colaboradores, 1998), para os quais a ATR pode repercutir na representação do mundo, acarretando diferenças de sentido e eventualmente de valor de verdade das orações.

Para além da relação *tema-rema*, que está ligada à estrutura informacional da frase, como já visto, a relação *tópico-comentário* está ligada ao conteúdo da frase. Para Danes (1970, p. 134), o *tópico* seria aquilo de que se fala (tema da frase) e o *comentário* é o que se diz (rema da frase), aquilo que se diz do tema. Segundo o autor, além da estrutura informacional e do conteúdo, pode-se examinar o ato de comunicação sob uma perspectiva contextual, constatando-se que a primeira parte (tema/tópico) contém elementos dados, conhecidos, que funcionam como “ponto de partida” do enunciado, enquanto a outra parte (rema/comentário) tem elementos novos, que seriam o cerne do enunciado (BARBOSA, 2005, p. 343).

Das propostas de Danes resulta uma abordagem tripla da frase: sua organização (dividida em tema e rema); seu conteúdo (dividido em tópico e comentário); e sua relação com o contexto (correspondente à divisão entre elementos conhecidos e elementos novos, que constituem, respectivamente, o ponto de partida e o cerne ou núcleo do enunciado). Para os

linguistas mais recentes da Escola de Praga, o ponto de partida seria o *tópico* do enunciado e o cerne, o *foco* do enunciado. A organização da frase na articulação *tópico-foco* corresponde aproximadamente à ideia de dinamismo comunicativo proposta por Firbas (BARBOSA, 2005, p. 344).

O gerativista Chomsky (1971), por seu lado, introduz uma nova dicotomia da frase, a de *foco-pressuposição*, ao examinar o papel dos contrastes entoacionais na semântica da frase. Nesse sentido, define *foco* como um sintagma que contém o centro da entoação, enquanto a *pressuposição* consistiria em uma expressão derivada da reposição do foco por uma variável. “Cada frase, então, é associada com uma classe de pares F-P, em que F é o *foco* e P uma *pressuposição*, cada par correspondendo a uma possível interpretação” (CHOMSKY, 1971, p. 295-6).

Como aponta Barbosa (2005, p. 345), Chomsky (1971) também admite a marcação prosódica do foco, mas postula, aí, um nível de independência da estrutura informacional, por considerar que as noções de *foco* e de *pressuposição* devem ser determinadas a partir da interpretação semântica da frase. Jackendoff (1972), a partir das postulações de Chomsky (1971), entende o *foco* como um conceito semântico que é marcado pelo acento tonal e considera que as noções de *foco* e de *pressuposição* se constituem em, respectivamente, “a informação na frase que o falante presume não ser compartilhada por ele e o ouvinte” e “a informação na frase que o falante presume ser compartilhada entre ele e o ouvinte” (JACKENDOFF, 1972, apud BARBOSA, 2005, p. 345). Lambrecht (1994) também faz uso da articulação *foco-pressuposição*, sendo o *foco* a parte da asserção que não faz parte da *pressuposição pragmática* (BARBOSA, 2005, p. 345).

2.1.1.2 Tipos de informação

Primeiramente, faz-se necessário caracterizar a informação, nos termos de Lambrecht (1994, p. 43): ao informar o ouvinte sobre alguma situação ou estado de coisas, o falante influencia a representação mental de mundo do falante. Essa representação é formada pela soma das proposições que o ouvinte sabe, em que acredita ou que considera incontroverso no momento da fala. Essa soma de proposições é o *conhecimento* do ouvinte: informar uma pessoa sobre algo é induzir uma mudança no estado de conhecimento daquela pessoa ao adicionar uma ou mais proposições.

Para Lambrecht (1994, p. 50), os termos *informação velha* e *informação nova* são restritos a aspectos de informação associada com proposições. *Informação velha* é, portanto, a

soma de “conhecimento” evocado em uma frase que um falante assume já estar disponível na mente do ouvinte no momento do enunciado, enquanto *informação nova* é a informação adicionada àquele conhecimento pelo próprio enunciado. Ambos os tipos de informação correspondem a proposições e não podem ser iguados a elementos lexicais ou sintagmáticos fora dos quais proposições são formadas.

Em relação à função focal de sentenças – que é o caso das construções clivadas –, o elemento no qual o *foco* incide, de acordo com autores como Lambrecht (2001) e Dik (1997), é provável de ser portador de uma informação *nova* ao interlocutor, isto é, uma informação que o falante assume estar introduzindo na consciência do ouvinte por meio daquilo que diz (CHAFE, 1976, p. 30).

Esse tipo de informação contrasta com o que se considera informação *dada* (ou *velha*), a qual consiste no que o falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da enunciação, tipo de informação que é transmitido de uma maneira mais fraca e mais atenuada do que a informação nova (CHAFE, 1976).

Baseado nesses conceitos de Chafe (1976), Fukuda (1988, p. 71) conclui que a dicotomia *dado-novo* é inteiramente baseada na suposição do falante, o que é subjetivo. Assim, o que é suposto como dado pode ser novo para o ouvinte, ou o contrário. Esse modo de entendimento de *dado-novo* é indispensável para analisar a estrutura informacional das sentenças clivadas.

Em concordância com Danes (1970), Halliday considera os termos *dado* e *novo* em relação ao contexto. Uma parte da informação é a *nova*: o que o ouvinte está sendo convidado a participar como novo, ou inesperado, ou importante. A outra parte é informação *velha*: o que é apresentado como já conhecido ao ouvinte, que ele pode entender como *dado*. O *novo* é sinalizado pelo acento tônico (HALLIDAY, 1985, p. 59).

Halliday (2004, p. 91) vai além ao explicar o que realmente os termos *dado* e *novo* significam: a informação que é apresentada pelo falante como recuperável (o *dado*) ou como não recuperável (o *novo*) pelo ouvinte. O que o autor trata como recuperável é o que não foi mencionado antes, mas esta não é a única possibilidade: pode ser algo que está na situação de fala, como *eu* e *você*; ou que está “no ar”, nos termos de Halliday; ou pode ser algo que não está ao redor, mas que o falante quer apresentar como dado por motivos retóricos. O significado, portanto, é o de que isso não é novidade. De maneira análoga, o que é tratado como não recuperável pode ser algo que não foi mencionado, mas pode ser algo inesperado, mencionado previamente ou não, e o significado, portanto, é que isso é novidade. Uma forma de ‘novidade’ que é frequente no diálogo é a ênfase contrastiva, como em: // **you can / go if**

you / like // I'm not / going // (HALLIDAY, 2004, p. 91). Isso se assemelha ao conceito de foco contrastive, analisado, nesta tese, em construções clivadas.

Um terceiro e mais complexo tipo de informação, postulado por Prince (1981, p. 236), é a informação *inferível*, que é deduzida por meio de um raciocínio lógico ou plausível, de outras informações já mencionadas ou inferíveis, como em: “*I went to the post office and the stupid clerk couldn't find a stamp*” (PRINCE, 1981, p. 237).

No que se refere à relação entre a estrutura informacional (informação nova, velha ou inferível) com o Foco, Gonçalves (1998, p. 33) supõe que os elementos fora de Foco constituem informação velha, pois o falante os julga conhecidos por ele e por seu interlocutor, isto é, eles são ativados ou colocados em primeiro plano pelo cotexto ou pela situação precedente. Além disso, tais elementos fazem referência ao conhecimento de mundo ativado no momento do discurso. Por outro lado, o autor argumenta, assim como propõem Lambrecht (2001) e Dik (1997), que o elemento focalizado é informação nova, não porque não foi mencionado anteriormente, mas porque o falante o interpreta como não suscetível de recuperação, nem a partir do cotexto, nem a partir do contexto pragmático imediato. Assim, para Gonçalves (1998), a Focalização realça elementos com informação *nova*.

A partir da postulação desses tipos de informação, propõe-se investigar nesta pesquisa se, além de veicular informação nova, o elemento focalizado nas sentenças clivadas veicula também informação dada ou inferível, uma vez que, como já dito, esses últimos tipos de informação não são previstos por alguns autores em uma construção de Foco. Neste trabalho, assume-se que as construções clivadas podem focalizar informação velha e inferível, além de nova, assim como defende Longhin (1999). No caso das construções *foco-ser* (BRAGA; BARBOSA, 2009), não encontradas no *corpus* deste trabalho, e exemplificadas por “Ele estava é faminto”, o Foco recai em *faminto*, que já constitui informação nova e, como tal, vem no final da oração, uma posição sempre indicada (ver Hengeveld e Mackenzie, 2008) para a informação nova. Assim, para enfatizar a informação no final, a qual é nova, usa-se *foco-ser*. Na verdade, a construção *foco-ser* constitui uma estratégia para destacar elementos que, na ordenação canônica, já se posicionam no final da oração, por isso a necessidade do uso do operador de função pragmática de Foco, que é o que se discute a seguir, juntamente com outras categorias da estrutura informacional.

2.1.1.3 Principais categorias da estrutura informacional relacionadas à clivagem

Essa função pragmática de *Foco* é incluída com a função de *Tópico* por Lambrecht (1994, p. 6) entre as categorias mais importantes da Estrutura Informacional, as quais consistem em: a) *pressuposição* e *asserção*, que se relacionam com a estruturação das proposições em porções que um falante assume que seu destinatário já sabe ou ainda não sabe; b) *identificabilidade* e *ativação*, que têm a ver com suposições do falante sobre o estatuto de representações mentais do referente discursivo na mente do destinatário no momento da enunciação; e, por fim, c) *tópico* e *foco*, que consistem na avaliação que o falante faz de previsibilidade relativa vs. imprevisibilidade das relações entre proposições e seus elementos, em dadas situações discursivas. Essa (im)previsibilidade das proposições avaliada pelo falante (ou, no caso deste trabalho, pelo autor e pelo tradutor) será investigada na situação discursiva das construções clivadas.

No que tange à dicotomia pressuposição-asserção, Lambrecht (1994, p. 52) se refere à informação *velha* evocada por uma frase como a *pressuposição pragmática* (ou simplesmente *pressuposição*), e à informação *nova* expressa pela frase como a *asserção pragmática* (ou simplesmente *asserção*). A definição desses termos postulada pelo autor é a que se segue:

Pressuposição pragmática: O conjunto de proposições evocadas “lexicogramaticalmente” em uma frase as quais o falante supõe que o ouvinte já sabe ou está pronto para tomar como certo no momento em que a frase é enunciada.

Asserção pragmática: A proposição expressa por uma frase a qual espera-se que o falante saiba ou tome como certo, como resultado de ouvir a frase enunciada (LAMBRECHT, 1994, p. 52).

Entende-se “saber uma proposição” no sentido de “ter uma representação mental de seu referente”, sem relação com a questão de ser a proposição verdadeira ou falsa. Ao fazer uma asserção, um falante expressa uma *proposição pragmaticamente estruturada*, isto é, uma proposição que, por indicar que o suposto já é dado e o que se supõe é novo, reflete não só um estado de coisas mas também as suposições do falante sobre o estado mental do ouvinte no momento do enunciado (LAMBRECHT, 1994, p. 52-53). Acresce que o termo ‘*asserção*’ não é sinônimo de declaração, pois frases interrogativas, imperativas e exclamativas também transmitem informação.

Lambrecht (1994, p. 57-58) declara que *pressuposição* e *asserção* são proposições que coexistem na mesma frase. Fazer uma *asserção* é estabelecer uma relação entre um conjunto pressuposto de proposições (que pode ser vazio) e uma proposição não pressuposta; a última sendo, de certa forma, adicionada ou imposta à primeira. Lambrecht (1994, p. 65) também

postula a noção de *estruturas pressuposicionais*, as quais consistem na codificação lexicogramatical de pressuposições pragmáticas, implicando que pressuposições não são meramente uma questão de suposições de falantes e ouvintes no discurso, elas também são questão de gramática e de léxico.

O caso das *it-clefts* é citado por Lambrecht (1994, p.70-71) para exemplificar aspectos da noção de pressuposição. Supõe-se que, para esse tipo de construção ser usada apropriadamente, a proposição expressa na oração relativa deve ser pragmaticamente pressuposta, isto é, suposta pelo falante de ser conhecida pelo destinatário, o que é chamado de “significado gramatical” da construção *it-cleft*. Tipicamente, essa proposição não é apenas suposta de ser conhecida, mas também de ter sido ativada na consciência do destinatário no momento do enunciado. Assim, ao se enunciar a frase “*It’s my keys that I lost*”, normalmente pressupõe-se o conhecimento do destinatário de que o sujeito perdeu algo e assera-se que a coisa perdida são as chaves. Mas a estrutura proposicional dessa construção pode ser explorada para propósitos comunicativos especiais, como por exemplo na construção “*It was George Orwell who said that best books are those which tell you what you already know*”, enunciada por um palestrante para sua plateia, no começo de sua palestra. Na situação discursiva em que essa frase foi enunciada, não se poderia supor como um fato conhecido da plateia que alguém tinha feito a afirmação expressa na oração-*who*. Teoricamente, então, não faria sentido asserter que a pessoa que fez essa afirmação foi George Orwell. Todavia, o enunciado não se tornou inaceitável por falta de uma pressuposição requerida, porque o falante poderia contar com a disposição da plateia de “acomodá-lo”. Essa suposição se refere ao conceito postulado pelo autor de *acomodação pragmática*, isto é, não importa as crenças e as suposições do falante, ele age como se tomasse a verdade da proposição como certa, e supõe que sua plateia reconhece que está fazendo isso; e isso pode se tornar convencionalizado ou até gramaticalizado.

Essa análise das *it-clefts* efetuada por Lambrecht (1994) difere, como o próprio autor indica, da de Prince (1978) (que será detalhada na seção 2.1.3), e da de Borkin (1984). Esses últimos autores postulam dois tipos de *it-clefts*, com diferentes estruturas pressuposicionais, porém, dada sua similaridade formal, Lambrecht (1994, p. 71) enfatiza a relação dos dois tipos. De fato, em todas as instâncias de *it-clefts*, a proposição na oração relativa é *gramaticalmente marcada* como factual, e não asserada. Em se tratando do que o autor considera como o caso original, a proposição da oração relativa é suposta de pertencer ao fundamento comum entre os interlocutores; no segundo caso, ela pertence a um fundamento comum entre o falante e um grupo de terceiros, e o destinatário não está incluso nesse grupo.

Para Lambrecht (1994, p. 71), a sintaxe comum e a sobreposição em estrutura pressuposicional entre os dois tipos tornam possível interpretar o segundo tipo como uma extensão do primeiro via acomodação pragmática convencionalizada.

Givón (2005, p. 150-152) também trata especificamente da dicotomia pressuposição-asserção ao tratar das modalidades epistêmicas, e cita as construções clivadas entre as que contêm informação pressuposta. Em relação à pressuposição, de acordo com Givón (2005, p. 150), o falante acredita que o ouvinte aceita a proposição como ‘verdade sem desafio’, por definição, acordo prévio ou convenções genéricas culturalmente compartilhadas, por ser óbvio para todos os presentes na situação de fala, ou por ter sido afirmado pelo falante e deixado sem desafio pelo ouvinte. Assim, com o processamento de cada oração, a previsão do falante sobre o modelo mental do ouvinte deve mudar. Isso porque a asserção ‘*realis*’ (em que o falante afirmou firmemente que a proposição é verdadeira e que o desafio do ouvinte é considerado apropriado, apesar de o falante ter evidência ou outras bases fortes para defender sua firme crença) imediatamente adquire o estatuto modal de pressuposição (GIVÓN, 2005, p. 151).

Entre as convenções comunicativas gerais da pressuposição, várias construções gramaticais são destinadas a alertar o ouvinte sobre informação pressuposta. Em termos de frequência de uso, essas construções mostram uma alta concentração de orações pressupostas. São elas: orações relativas restritivas; construções de foco-contrastivo (clivadas, foco acentuado); complementos verbais de verbos factivos; orações adverbiais; orações principais com aspecto mais que perfeito (GIVÓN, 2005, p. 152). Cabe apontar que o autor trata as construções clivadas como construções de foco contrastivo, o que constitui um dos aspectos examinados nesta tese.

Givón (1979, p. 76-77) postula que a escala estabelecida para a pressuposicionalidade se manifesta em termos de distância sintática do padrão neutro, a qual pode ser resumida em:

<i>Menos marcado:</i>	Acusativo definido Pronomes anafóricos Mudança de tópico Voz passiva Negação Perguntas (sim e não) Oração relativa Pseudoclivada Clivada
<i>Mais marcado:</i>	Perguntas <i>wh-</i>

Em relação às orações pressuposicionais, o autor trata das clivadas e das chamadas pseudoclivadas em inglês. Estas últimas envolvem uma oração relativa normal, então aplica-

se o que foi postulado para orações relativas nas pseudoclivadas, que é o seguinte: a oração é integrada, assim, está faltando um argumento comparado à oração principal. Elementos pronominais podem ou não ser adicionados como dicas extras para ajudar no problema de recuperabilidade que surge de tal truncamento. Muito frequentemente, um elemento subordinativo também marca a oração como diferente do tipo neutro.

Em muitas línguas, focalização contrastiva pode ser atingida sem muita perturbação sintática do padrão neutro. Essa possibilidade certamente é uma alternativa em inglês: '*John killed Bill, not Harry*'. Na medida em que uma língua tem o padrão clivado, no entanto, tem-se claramente uma perturbação da sintaxe neutra, tanto em termos de deslocamento à esquerda do constituinte em Foco, quanto em termos do morfema marcador de Foco ('*it's*' em inglês), assim como na presença da morfologia da oração relativa e do padrão sintático, o que introduz, portanto, a complexidade sintática adicional associada àquelas orações. Essa construção altamente pressuposicional está, portanto, no topo da escala da complexidade sintática (ou 'distância sintática da norma'), juntamente com as perguntas *wh*- (GIVÓN, 1979, p. 78-79).

Para Givón (1979), é surpreendente encontrar atração à esquerda dos constituintes focalizados em clivadas e questões *wh*- em muitas línguas de sujeito inicial, em que é claro que o princípio pragmático geral que governa a ordem de palavras é que material mais tópico precede e material mais assertivo segue. Essa discrepância pode ser explicada ao apontar que, em sentenças clivadas, o constituinte focal é ao mesmo tempo tópico e assertivo. Uma explicação diacrônica também é viável, em que essas construções surgiram via sintaticização de uma construção paratática mais solta. De acordo com Givón (1979, p. 217-218), sentenças como (23) e (24) a seguir se originaram de construções paratáticas como (27) e (28):

- (23) *It's John who left*
FOCUS PRESUPPOSED
 (24) *Who left?*
FOCUS PRESUPPOSED
 (27) *It was John, (the one) who did it.*
 (28) *Who (was it), (the one) who did it?*

Nesse mesmo paradigma da Estrutura Informacional, o qual se relaciona com dicotomias como *dado/novo*, *tópico/foco* e *pressuposição/asserção*, Halliday (2004, p. 93), como já visto, trata de mais uma dicotomia ao comparar a estrutura da informação (Dado/Novo) com a estrutura temática (Tema/Rema). Para fins de clarificação, antes de se discutir essa comparação, seguem-se postulações hallidayianas acerca da estrutura temática e da unidade informacional.

A estrutura temática, segundo Halliday (2004, p. 64), carrega a linha de significado que caracteriza a oração como uma mensagem. Em todas as línguas, a oração tem o caráter de uma mensagem. Uma parte da oração é enunciada como tema; ela então se combina com o restante para que as duas partes juntas constituam uma mensagem. Em relação à posição do tema, ela é sempre inicial. E quanto ao que se pode ser considerado como tema, Halliday (2005, p. 66) postula que não se trata necessariamente de um grupo nominal, embora este seja o tipo de tema mais comum; ele pode ser também adverbial, como em “*once in a blue moon*”.

O sistema da informação, por seu turno, é o sistema da unidade informacional, a qual consiste em uma unidade paralela à oração e às outras unidades, e que pertence à mesma escala classificatória da oração. Na verdade, essa unidade é variável em extensão, em relação à oração, mas pode estender-se até mais que uma oração, ou pode ser menor que ela; de todo modo, em casos não marcados ela é da mesma extensão da oração (HALLIDAY, 2004, p. 88).

Halliday (2004, p. 89) afirma, ainda, que a unidade informacional é o que seu nome implica: uma unidade da informação, a qual, no sentido técnico, é a tensão entre o que já é conhecido ou previsível e o que é novo ou imprevisível. É a interação entre o que é novo e o que não é novo que gera informação, no sentido linguístico. Portanto, a unidade informacional é uma estrutura composta por duas funções, a Nova e a Dado. Em uma forma idealizada, Halliday (2004, p. 89) propõe que cada unidade informacional consiste em um elemento Dado acompanhado de um elemento Novo. Entretanto, há duas condições a partir desse princípio. A primeira é que o discurso tem que começar em algum ponto, então pode haver unidades que iniciam o discurso consistindo apenas em um elemento Novo. A outra condição é que, por natureza, o Dado é provavelmente um elemento fórico, referente a algo já apresentado no contexto verbal ou não-verbal. Assim, a estrutura da unidade informacional consiste em um elemento Novo obrigatório e um elemento Dado opcional. A forma como essa estrutura é feita é, para Halliday (2004, p. 89-90), essencialmente ‘natural’ (não arbitrária), em dois aspectos: (i) o Novo é marcado por *proeminência tônica* (o elemento que contém essa proeminência é o que carrega o *foco informacional*); (ii) o Dado tipicamente precede o Novo (mas é uma estrutura indeterminada, pois não existe nada que marque onde começa o elemento Novo, apenas onde ele termina).

Quanto à comparação entre Tema/Rema e Dado/Novo, Halliday (2004, p. 93) postula que, apenas quando a tonicidade não é marcada, o Tema recai no Dado, enquanto o Novo recai no Rema. Apesar de essas estruturas se relacionarem semanticamente, elas não têm o mesmo significado. O Tema é o que o falante escolhe tomar como ponto de partida, o Dado é o que o ouvinte já sabe ou está acessível a ele. Assim, a sequência de Tema+Rema é orientada

pelo falante, enquanto a de Dado+Novo é orientado pelo ouvinte. Mas ambos são, obviamente, selecionados pelo falante.

Em relação ao Tema, como visto, Halliday (2004, p. 68) apresenta construções do tipo das que são tratadas em diversos trabalhos como clivadas e pseudoclivadas, ao postular que o Tema pode ser equativo (dois ou mais grupos ou sintagmas formando um único elemento estrutural). O *equativo temático* se apresenta em dois tipos de oração, a saber: a “identificadora” e a “predicativa”. Esses tipos de oração são chamados pelo autor de equativos temáticos, porque apresentam a estrutura de Tema e Rema no formato de uma equação, em que “Tema=Rema”, como em “*What the duke gave to my aunt was the teapot*”, em que ‘*what the duke gave to my aunt*’ é o tema e ‘*was the teapot*’ é o rema (HALLIDAY, 2004, p. 69). Seguindo-se a denominação de Lambrecht (2001), essas orações podem ser entendidas, *grosso modo*, como *wh-cleft sentences* (no caso das estruturas “identificadoras”) e *it-cleft sentences* (no caso das “predicativas”), respectivamente.

Halliday (2004) propõe que orações canônicas, como “*John broke the window*”, podem ser expressas tanto por uma estrutura identificadora: “*The one who broke the window was John*” (*wh-cleft sentence*), quanto por uma predicativa: “*It was John who broke the window*” (*it-cleft sentence*). Além disso, Halliday (2004, p. 69) defende que todas as sentenças identificadoras contêm nominalização. Assim, em ‘*What John saw*’, em “*What John saw was the play*”, há uma nominalização, em que qualquer elemento ou grupo de elementos funciona como um grupo nominal na oração, servindo como um propósito temático. Em casos típicos, a nominalização funciona como tema, porque na estrutura Tema-Rema é o tema o elemento proeminente. Porém, em contraste com o padrão típico, existe uma alternativa *marcada*, exemplificada por Halliday (2004, p. 70) com “*you’re the one I blame for this*”, em que ‘*you*’ é o tema e a relação normal é invertida, passando a nominalização a ser o rema. Essa estrutura marcada proposta por Halliday (2004) é o que Lambrecht (2001) denomina como *reverse wh-clefts*.

Para Halliday (2004), o chamado equativo temático (que é, segundo ele, chamado de ‘sentença pseudoclivada’ na gramática formal) é:

[...] uma oração identificadora que contém uma nominalização temática. Sua função é a de expressar a estrutura de Tema-Rema de maneira que permita ao Tema consistir em qualquer subconjunto dos elementos da oração. Esta é a explicação para a evolução de orações desse tipo: elas evoluíram, em inglês, como um recurso temático, permitindo a mensagem a ser estruturada

de qualquer forma que o falante ou escritor queira (HALLIDAY, 2004, p. 70-71¹⁰).

Halliday (2004, p. 71) também atribui um caráter de exclusividade às identificadoras, isto é, o significado é ‘isso e apenas isso’. No exemplo de “*What John saw was the play*”, *the play* (e nada além disso) é a opção selecionada por *John*. Esse caráter é também uma explicação da forma marcada, que tem a nominalização no rema, como em “*that’s the one I like*”. Ao comparar “*a loaf of bread we need*” com “*a loaf of bread is what we need*”, apesar de ambos terem ‘*a loaf of bread*’ como tema, o primeiro implica ‘entre outras coisas’ e o último implica ‘e nada mais’.

No que se refere à informação, as sentenças identificadoras podem ser estruturadas em duas unidades informativas, e tanto o elemento identificador (elemento com que o outro é identificado) como o identificando (coisa a ser identificada) podem conter informação focal, como se pode observar em (10). As sentenças identificadoras também podem conter apenas uma unidade informativa com um elemento focal incidindo no identificador, como em (11) a seguir.

(10) //the one who painted the shed last week // was John //

(11) //the one who painted the shed last week was John //

De acordo com Halliday (2004), o significado de ambas as orações, identificadoras ou predicativas, é semelhante. O tipo de proeminência é o que varia: é cognitivo nas identificadoras (“John e nenhum outro quebrou a vidraça”), e é temático nas predicativas (“John e nenhum outro é o tópico da sentença”).

Quanto aos temas predicativos, Halliday (2004, p. 95) postula que eles envolvem uma combinação particular de escolhas temáticas e informacionais, como em: “*it was Jane that started it*”. Qualquer elemento que tem uma função representacional na oração pode ser marcado pela predicação dessa forma. Esse sistema de predicação do tema é similar ao de identificação do tema, no sentido de que ele identifica um elemento como exclusivo na oração. Como visto, ambos são construções equativas, mas com diferenças na escolha do tema e no mapeamento de Tema+Rema em Dado+Novo. Em “*it wasn’t the job that was getting me down*”, ‘*the job*’ é Tema/Novo. Já em “*what was getting me down wasn’t the job*”, ‘*the job*’ é Rema/Novo. Para Halliday (2004), escolher ‘*the job*’ como Tema significa que ele

¹⁰ Original inglês: *an identifying clause which has a thematic nominalization in it. Its function is to express the Theme-Rheme structure in such a way as to allow for the Theme to consist of any subset of the elements of the clause. This is the explanation for the evolution of clauses of this type: they have evolved, in English, as a thematic resource, enabling the message to be structured in whatever way the speaker or writer wants.*

se torna informação de primeiro plano. O significado é algo como ‘preste atenção especial: isso é improvável ou contrário a expectativas.

No tipo predicativo, *‘the job’* retém seu estatuto temático, mas também carrega o foco da informação sem o primeiro plano adicional: a fusão de Tema com Novo é uma característica comum. O sentido é, com certeza, contrastivo, por causa da equação exclusiva. É esse mapeamento de Novo e Tema que, de fato, dá à construção de tema predicativo um “sabor” especial. Acresce que o tema predicativo é associado com uma formulação explícita de contraste: *‘it was not..., it was..., who/which... (HALLIDAY, 2004, p. 96).*

Halliday (2004, p. 97) afirma ainda que, como a proeminência tônica não é marcada na escrita, a predicação tem a função adicional, no inglês escrito, de direcionar o leitor a interpretar a estrutura informacional no modo pretendido. Essa questão é essencial para a pesquisa efetuada nesta tese, já que é na modalidade escrita da língua que as construções clivadas são aqui examinadas.

Por fim, é necessário investigar a dicotomia mais importante para a clivagem: a de *tópico/foco*. Tal estrutura da proposição, para Lambrecht (1994, p. 114), é um fator independente que determina a correlação entre a estrutura sintática e as supostas representações discursivas de referentes, em que o referente é um argumento. Os seguintes pares de pergunta-resposta ilustram a questão (LAMBRECHT, 1994, p. 115):

- (12) A: *Has Pat been called yet?*
 B: a. *Pat said they called her twice.*
 b. *Pat said she was called twice.*

Em ambas as respostas, os pronomes *her* e *she* são anaforicamente ligados ao antecedente *Pat*. Esses pronomes estão em relação *tópica* a suas proposições. O constituinte que recebe o acento principal e *focal* nessas respostas é o advérbio *twice*.

- (13) A: *Who did they call?*
 B: a. *Pat said she was called.*
 b. *Pat said they called her.*

Nesse segundo caso, os pronomes *she* e *her* também são anafóricos, mas eles são acentuados, contrastando com o tom baixo nos outros constituintes da frase. Dessa forma, eles não estão em uma relação *tópica*, mas em uma relação *focal* a suas proposições.

Essa distinção feita pelo autor com base na prosódia dos pronomes em inglês é particularmente clara em línguas em que a diferença entre pronomes com função *tópica* e pronomes com função *focal* não tem apenas correlatos entoacionais mas também morfossintáticos (como no francês e no italiano). Saliente-se, aqui, que essa relação pode existir em construções como as clivadas.

Discute-se a seguir as funções de *tópico* e *foco* isoladamente, iniciando-se especificamente sobre a função de *tópico*.

2.1.1.4 O Tópico, Topicidade e Topicalização

Lambrecht (1994, p. 117) restringe sua atenção a tópicos frasais/oracionais, em contraste com a noção de tópico discursivo. O conceito de *tópico* desenvolvido pelo autor também não coincide com aquele de tema, como o elemento que vem em posição inicial da frase, uma vez que elementos iniciais na frase podem ser tópicos ou focos. A definição de *tópico* adotada por Lambrecht (1994, p. 118) e seguida nesta tese relaciona-se com a definição de *sujeito* na gramática tradicional (que remete a Aristóteles): o *tópico* de uma frase é aquele sobre o qual a proposição expressa pela frase trata. Segundo o autor, a definição de *tópico* em termos da relação de “*aboutness*” entre uma entidade e uma proposição tem sido adotada por vários linguistas contemporâneos a ele, como Kuno (1972), Chomsky (1977), Dik (1978), entre outros. Apesar dessa definição de *tópico* ser derivada da definição tradicional de sujeito, as duas noções não podem ser associadas. Tópicos não são necessariamente sujeitos gramaticais e sujeitos gramaticais não são necessariamente tópicos. Por exemplo, não sujeitos podem agir como tópicos em construções de topicalização, e sujeitos podem agir como não tópicos em frases de acento inicial, como: “**My car broke down**”.

Casos de clivagem em que o sujeito da oração não pode ser associado como tópico são frequentes no *corpus* desta tese. Na ocorrência (14) a seguir, uma *it-cleft*, na nomenclatura inglesa, “a voz do camerlengo” é o sujeito da oração, mas não é o *tópico*, é o constituinte em **foco** da oração. O *tópico*, então, seria a pressuposição de que “algo quebrou o silêncio” (cf. dado 10, quadro 1, apêndice A):

<p>14: <i>Before Chartrand saw Kohler.s camcorder, Langdon slipped it into his deepest jacket pocket. Kohler.s final message can rot in hell! It was the voice of the camerlegno that broke the silence.</i></p>	<p>T: Antes que Chartrand visse a pequenina câmera, Langdon enfiou-a no bolso mais fundo de seu paletó. A mensagem final de Kohler que vá para o inferno! Foi a voz do camerlengo que quebrou o silêncio.</p>
---	---

Lambrecht (1994, p. 120) declara que, por vezes, não é possível determinar o tópico de uma frase tendo como base uma estrutura sintática daquela frase isolada; para se determinar se uma entidade é ou não um tópico em uma frase, é necessário levar em conta o contexto discursivo em que a frase é integrada. Observe-se o exemplo a seguir (LAMBRECHT, 1994, p. 121):

- (15) a. (*What did the children do next?*) *The children went to school.*
 b. (*Who went to school?*) *The **children** went to school.*
 c. (*What happened?*) *The **children** went to school.*
 d. (*John was very busy that morning.*) *After the children went to **school**, he had to clean the house and go shopping for the party.*

Apenas na resposta em (15a) pode-se dizer que o referente do sujeito SN *the children* é propriamente “sobre o que a frase é”; assim, esse SN representa o *tópico* da frase. Nesse contexto, a afirmação expressa pretende aumentar o conhecimento do destinatário sobre ‘as crianças’ como um conjunto de entidades previamente estabelecido. A afirmação pressupõe pragmaticamente que as crianças referidas são uma “questão de interesse e preocupação corrente” e asserta, sobre essas crianças, que elas foram para a escola. A parte não tópica é chamada de ‘*comentário*’ (LAMBRECHT, 1994, p. 121). Para Lambrecht (1994, p. 122), frases de *tópico-comentário* como (13a) são *não marcadas* sintática e prosodicamente em relação a sua estrutura informacional, isto é, sua estrutura formal é compatível com outras interpretações pragmáticas, em que o sujeito não é um tópico.

Em (15b), entretanto, a afirmação na resposta não é para ser interpretada como uma afirmação sobre ‘as crianças’. Em vez disso, sua função comunicativa é fornecer o referente solicitado pela palavra ‘*who*’ (‘quem’) na pergunta precedente. No contexto (b), a resposta pragmaticamente pressupõe a proposição de que ‘alguém foi para a escola’ e ela asserta que esse ‘alguém’ é ‘as crianças’. O autor chama frases como essa de *frases identificacionais*, pois servem para identificar um referente como o argumento que falta em uma proposição aberta. O sujeito SN *the children* não é um tópico, mas um tipo particular de expressão *focal* (foco argumental), isto é, seu referente não está no domínio da pressuposição. A melhor candidata para tópico nesse caso seria a proposição aberta pressuposta “X foi para a escola”. Nesse sentido, pressuposição e tópico têm relação, mas não são sinônimos (LAMBRECHT, 1994, p. 122).

Segundo Lambrecht (1994, p. 123), a caracterização de frases como (15b) como “identificacional” não implica que o referente identificado deva ser único (conceito de exaustividade). Essa frase é compatível tanto com a situação em que ‘as crianças’ exaurem o número de indivíduos que foram para a escola quanto com a situação em que ‘as crianças’ foram para a escola entre outros indivíduos. A primeira leitura pode ser parafraseada como: “*The ones who went to school are the children*”; a paráfrase da última leitura seria: “*Among those who went to school are the children*” (essa última leitura é por vezes referida como listagem). A distinção semântica entre as interpretações “exaustiva” e “listagem” de frases identificacionais é sintaticamente expressa por dois tipos diferentes de construções clivadas

em francês falado, de acordo com Lambrecht (1994, p. 123). É importante destacar que os exemplos dados pelo autor são de construções clivadas no inglês. No corpus examinado nesta pesquisa, não foram encontradas ocorrências de listagem, mas a interpretação exaustiva está presente na análise dos dados. Na ocorrência (16), por exemplo, interpreta-se que ‘a gigantesca imagem que pairava sobre a Rotunda do Capitólio’ exaure o número de obras primas de Brumidi consideradas pelos historiadores, isto é, ela é a única obra prima de Brumidi considerada pela maioria dos historiadores (cf. dado 139, quadro 38, apêndice C):

16: *Brumidi, however, immigrated to America in 1852, abandoning God's largest shrine in favor of a new shrine, the U.S. Capitol, which now glistened with examples of his mastery—from the trompe l'oeil of the Brumidi Corridors to the frieze ceiling of the Vice President's Room. And yet it was the enormous image hovering above the Capitol Rotunda that most historians considered to be Brumidi's masterwork.*

T: No entanto, ao emigrar para os Estados Unidos em 1852, ele havia trocado o maior altar de Deus por um novo altar, o Capitólio dos Estados Unidos, que agora reluzia com exemplos de sua arte - do *trompe l'oeil* dos Corredores de Brumidi aos frisos do teto da Sala do Vicepresidente. Mas **era a gigantesca imagem que pairava sobre a Rotunda do Capitólio que a maioria dos historiadores considerava sua obra-prima.**

Voltando-se para os exemplos de Lambrecht (1994), no que tange mais especificamente ao exemplo (15c) (um tipo de frase denominado pelo autor como “relatório de evento”), o propósito da asserção é expressar uma proposição que não é ligada nem a um tópico já estabelecido nem a uma proposição aberta pressuposta. Finalmente, no tipo de frase “estabelecimento de fundo” de (15d), uma proposição pragmaticamente pressuposta serve como um tópico “estabelecedor de cena” para outra proposição, a qual pode ela mesma ser de algum dos outros três tipos. Com a possível exceção do último tipo, os exemplos dados por Lambrecht (1994) ilustram as principais categorias da estrutura informacional (LAMBRECHT, 1994, p. 126).

A caracterização de *tópico* adotada por Lambrecht (1994) pode ser resumida, por fim, no seguinte: um referente é interpretado como o tópico de uma proposição se, em um dado discurso, a proposição é interpretada como sendo sobre esse referente, isto é, ela expressa informação que é relevante e que aumenta o conhecimento do destinatário sobre esse referente. Tópico, portanto, é uma relação frasal interpretada pragmaticamente (LAMBRECHT, 1994, p. 127).

Outra questão ligada ao tópico que acresce em relação à clivagem é a da topicalidade/topicalização, uma vez que ela pode ocorrer em uma construção clivada. Seguem-se, então, postulações a esse respeito.

A *topicidade*, no sentido que dá Dik (1997, p. 310), caracteriza as coisas sobre as quais falamos, é uma das funções pragmáticas que se relacionam com a clivagem, juntamente com a *focalidade*. Para Dik (1997, p. 314), todo discurso tem um tópico, o chamado Tópico Discursivo (Tópico-D). Se um discurso é para ser sobre um certo Tópico-D, este será, em algum ponto, introduzido pela primeira vez, o que Dik (1997, p. 314-315) chama de Tópico Novo (TopNovo); uma vez que a entidade em questão já foi introduzida, ela pode ser considerada como um Tópico Dado (TopDado). A partir de que um TopNovo foi introduzido no discurso, pode-se continuar a falar não só sobre ele, mas também sobre todos os Subtópicos (SubTop) que podem ser supostos de estar “disponíveis” para o destinatário baseado na informação pragmática acessível, uma vez que o tópico está disponível para ele.

Dik (1997, p. 315) propõe certas estratégias de topicidade disponíveis em uma língua: (i) introduzir um TopNovo; (ii) manter um Tópico-D; (iii) associar SubTops ao TopDado; (iv) retomar um TopDado. Em relação à primeira estratégia, existem diferentes tipos de construção usadas para introduzir um TopNovo no discurso, as quais mostram um alto grau de uniformidade entre as línguas (DIK, 1997, p. 315). Neste trabalho, propõe-se que as construções clivadas sejam um desses tipos que podem introduzir um tópico novo ao discurso.

Para Jubran et al. (1992, p. 372), existem elementos linguísticos de natureza morfossintática que, por ocorrerem tipicamente em certas partes dos segmentos tópicos, caracterizam-se como marcas, e podem ser tomados como critério auxiliar para delimitar os segmentos (inclusive dentro da clivagem). São eles: *topicalização* e *deslocamento à esquerda*.

Ross (1967) classificou as construções inglesas de tópico nesses dois tipos já citados: aquelas geradas por uma regra de Topicalização (TOP) e aquelas geradas por Deslocamento à Esquerda (DE). Para o autor, a divergência entre essas construções se dá no fato de que, em DE (exemplo 18), tem-se um pronome “cópia”, e em TOP isso não ocorre (exemplo 17).

(17) *Beans I don't like.*

(18) *The man my father works with in Boston, he's going to tell the police that...*

Entretanto, no português, essa distinção mostrada por Ross não é tão clara, devido ao fato de que a elipse do pronome é mais livre em nossa língua do que em inglês, obviamente a depender de que não haja prejuízo do significado (PONTES, 1983, p. 122). Essa opcionalidade do pronome em tais construções faz que haja duas possibilidades para sua análise em português, como propõe Pontes (1983, p. 122-123), na dependência de que: (i) exista apenas um modo de construir, com o pronome sendo opcional, e, no caso, a ocorrência dele seria devida a fatores como eliminar ambiguidades e tornar mais claro o sentido; (ii)

existam dois modos de construir, com pronome opcional presente em uma construção (DE) e ausente em outra (TOP). Quando o pronome é elidido, a autora considera evidente a dificuldade de se saber se há uma ou outra construção em português.

Em Pontes (1983, p. 124), argumenta-se que ocorreram casos sem pronome e que este não parece ser aceito, como em:

(19) Feijão eu não gosto (*dele).

Pontes (1983, p. 124) considera que a causa de o pronome não poder ser usado nessa construção é o fato de que ‘feijão’ tem um significado genérico. Se o SN for definido, o pronome passa a ser opcional:

(20) Essa cerveja eu não gosto (dela).

Para fins de simplificação, trata-se aqui por *topicalização* tanto ocorrências de TOP quanto ocorrências de DE. Leite et al. (2003, p. 321), por seu turno, na mesma linha de Pontes (1983), afirma que na predicação de tópico, “em que a predicação se dá através da relação entre um constituinte tópico e uma sentença (o comentário)”, pode ou não haver um elemento correferente a ele no comentário. O PB permite a ocorrência de sujeitos e objetos nulos, o que explica a ocorrência de construções com tópico em que há um correferente nulo, como em: “O Pedro, a Maria (o) convidou várias vezes”. Para Leite et al. (2003, p. 322), essa opcionalidade leva a uma ambiguidade sintática de construções *tópico-comentário* (ou de *tópico marcado*) com construções do tipo SN+S, cuja interpretação é, porém, de *foco marcado*, como em: “O PEDRO a Maria convidou (não o João). Essa particularidade tem relação com o intuito do falante (ou escritor/tradutor) de escolher uma construção clivada para pôr uma informação na posição de tópico com função de foco marcado. A partir do exemplo dado, pode-se criar o seguinte: “Foi o Pedro que a Maria convidou (não o João); em que, em vez de o foco marcar-se prosodicamente, ele se marca sintaticamente com o uso da clivagem.

Lambrecht (1994, p. 31), diferentemente dos autores anteriormente citados, declara que o termo *topicalização* é comumente usado com referência a construções sintáticas em que um SN objeto cuja posição canônica é após o verbo aparece em posição inicial na oração antes do sujeito (em línguas de organização SVO, como o inglês e o português)¹¹. Como o nome sugere, supõe-se que a função discursiva do sintagma ‘topicalizado’ é diferente daquela da sua contraparte canônica; o SN objeto agora é um tópico (em vez de ser parte do domínio do foco). O que não é frequentemente reconhecido, segundo o autor, é que esse tipo sintático

¹¹ Entende-se aqui que não apenas SNs objetos podem ser topicalizados. Adjuntos adverbiais e SVs também são colocados em posição inicial na frase.

serve de fato a duas funções discursivas muito diferentes. “[...] o sintagma ‘topicalizado’ pode estar tanto em uma relação tópica quanto em uma relação focal à proposição expressa pela frase. E essa diferença clara em função pragmática se correlaciona com uma diferença prosódica igualmente clara. No nível da sintaxe, entretanto, a diferença não é marcada (LAMBRECHT, 1994, p. 31).

Lambrecht (1994, p. 160) cita Prince (1983, p. 4) para analisar a construção de topicalização. De acordo com Prince, uma das duas funções discursivas da topicalização é que ela “marca a entidade representada pelo SN como sendo *já evocada* no discurso ou em uma *relação estabelecida* saliente a algo já evocado ou inferível do discurso”. Um exemplo de topicalização em Prince (1983, p. 6) é o seguinte: “*History I found to be dry.*”. Para Prince, o referente do SN *history* é inferível de algo que não é mencionado, mas é por si só inferível de modo saliente do “*frame*” ensino médio. Entretanto, na visão de Lambrecht (1994, p. 161), a função relevante da topicalização não é marcar um estado de ativação de um referente, mas marcar o referente de um SN como um (tipo particular de) *tópico* na proposição em que ele é um argumento e, logicamente, marcar a proposição como sendo sobre o referente desse tópico. Tal marcação sintática é necessária, pois, em frases com estrutura pressuposicional não marcada, SNs objetos não são tópicos, mas constituintes focais (LAMBRECHT, 1994, p. 161).

Ainda em relação à construção de *topicalização*, Lambrecht (1994, p. 162) declara que, a fim de fazer um referente interpretável como o tópico de uma proposição e a fim de fazer a proposição interpretável como apresentadora de informação relevante sobre esse tópico, o referente tópico deve ter certas propriedades de ativação, as quais, no caso da construção de topicalização no inglês, são precisamente as propriedades apontadas por Prince. Nesse sentido, uma relação tópica entre um referente e uma proposição pode ser efetivamente interpretada apenas se o referente tópico tiver um certo grau de acessibilidade pragmática. Por sua estrutura pressuposicional, a construção de topicalização age como um convite para o ouvinte explorar a acessibilidade cognitiva de um dado SN em uma dada configuração sintática (LAMBRECHT, 1994, p. 162). Ao selecionar um tópico para a frase, um falante toma uma decisão comunicativa como o “ponto de partida” para a informação nova, isto é, para a entidade sobre a qual ele deseja transmitir informação. Porém, antes de tomar essa decisão, o falante deve fazer certas hipóteses sobre o estatuto do referente do tópico na mente do destinatário no momento do enunciado. Com base nessas hipóteses, o falante então decide sobre a forma da frase em que o tópico será codificado. Entretanto, o fato de que um dado referente tem as propriedades de ativação requeridas para uma função tópica em uma frase

não implica que ele deve ser codificado como um tópico, pois a acessibilidade tópica é uma condição necessária, mas não suficiente para o uso de uma construção como a topicalização (LAMBRECHT, 1994, p. 163).

Além dessa construção de topicalização, Lambrecht (1994, p. 177) mostra casos de construções promotoras de tópico, entre as quais estão a construção “apresentacional” e a construção de descolamento ou deslocamento à esquerda e à direita. Um exemplo do primeiro tipo é o que se segue: “*Once there was a wizard.*”; em que a frase introduz um referente no discurso e, geralmente, tem o intuito de fazê-lo disponível para predicação no discurso subsequente. Como exemplo de descolamento à esquerda, o autor cita o seguinte: “*Now the wizard, he lived in Africa*”. É importante destacar que esse último exemplo é um caso de DE como postulado por Ross (1967) e entendido aqui, *grosso modo*, como topicalização.

Para Lambrecht (1994, p. 181-182), a fim de promover a representação de um referente de um estado não ativo para um estado ativo na mente do destinatário e, assim, fazer o falante codificar o referente como uma expressão tópica preferencial, não é necessário introduzi-lo com uma construção “apresentacional”. A partir de um certo grau de acessibilidade pragmática, é possível codificar um tópico ainda não ativo na forma de um SN que é colocado em uma posição sintaticamente autônoma ou “descolada” à esquerda ou, menos comumente, à direita da oração que contém a informação proposicional sobre um referente tópico. O referente desse SN tem um papel semântico de “retomada”, um pronome interpretado como correferencial com o constituinte lexical descolado. Esse pronome interno da oração é um tipo de tópico pronominal não acentuado, enquanto o SN lexical externo à oração é um tipo *marcado* de expressão tópica (LAMBRECHT, 1994, p. 182).

Uma vez estabelecidas as discussões sobre os conceitos de *tópico*, *topicidade* e *topicalização*, a seguir, são tratadas postulações sobre a função de *foco*, seguida do fenômeno da *focalização*, que tem relação com a função de *focalidade* proposta por Dik (1997).

2.1.1.5 O Foco, Focalidade e Focalização

A contribuição dos estudos da Estrutura da Informação é ainda mais relevante para a análise da clivagem no que se refere ao conceito de *foco*, já que é exatamente essa a função pragmática das construções clivadas.

Quirk e Greenbaum (1973, p. 406-7), semelhantemente a Halliday (1976), definem o *foco* em termos prosódicos, isto é, o *foco* da informação refere-se ao ponto em que o núcleo da entonação recai. O ‘foco-fim’ é a posição neutra do foco, em que a proeminência principal

cai no último item de classe aberta ou em um nome próprio da oração. O foco contrastivo (conceito que será especialmente discutido mais adiante), por outro lado, pode ser posicionado em qualquer ponto da oração e pode cair em qualquer de seus elementos.

Segundo Quirk e Greenbaum (1973, p. 408), o *foco* tem relação com a diferença entre informação dada (já fornecida pelo contexto) e informação nova (que não foi preparada nesse modo). O *foco* é sinalizado pelo núcleo da entonação, que indica onde se encontra a informação nova, e a unidade que carrega essa informação tem o núcleo em posição final. Portanto, se o núcleo cai na última sílaba tônica da oração (de acordo com o princípio do ‘foco-fim’), a informação nova pode ser, por exemplo, a oração inteira, ou a predicação da oração, ou ainda o último elemento da oração.

A unidade inicial de uma oração pode ser chamada de seu *tema*, segundo Quirk e Greenbaum (1973, p. 411-12), em consonância com a proposta hallidayiana. Com exceção do último elementoônico de uma estrutura oracional (aquele que mais naturalmente suporta o foco informacional), o *tema* é a parte mais importante de uma oração, no sentido de que há uma mensagem na sequência, e ele pode ser caracterizado como o ponto comunicativo de partida para o resto da oração. As duas partes comunicativamente proeminentes da oração, o *tema* e o *foco*, são tipicamente distintos: um é o ponto de iniciação e o outro, o ponto de conclusão. O *tema* de uma oração é, mais frequentemente do que qualquer outra parte dela, informação dada, mas *tema* e *foco* podem coincidir, por exemplo quando o *foco* cai no sujeito, como nesta sequência conversacional: “[*Who gave you that magazine?*] *BILL gave it to me*”.

Essa coincidência de *tema* e *foco* tem grande ligação com o objeto de estudo deste trabalho, a sentença clivada, que é uma construção especial que dá tanto proeminência temática quanto focal a um elemento particular da oração, e é exatamente assim chamada porque ela “divide uma oração simples em duas seções separadas, cada uma com seu próprio verbo” (QUIRK; GREENBAUM, 1973, p. 414).

Para Lambrecht (1994, p. 207), o *foco* de uma proposição expressa por uma frase em um dado contexto enunciativo é visto como o elemento da informação em que a pressuposição e a asserção diferem uma da outra. O *foco* é a parte de uma proposição que não pode ser tomada como certa no momento da fala: é imprevisível ou pragmaticamente não recuperável em um enunciado. Ou seja, o *foco* é o que faz de um enunciado uma asserção.

Lambrecht (1994, p. 207) cita a definição de *foco* de Halliday (1967):

O foco informacional é um tipo de ênfase em que o falante marca uma parte (que pode ser o todo) de um bloco de mensagem como aquela que ele deseja ser interpretada como informativa. O que é focal é informação “nova”: [...] no sentido de que o falante apresenta como sendo não recuperável no

discurso precedente. O foco de uma mensagem [...] é aquele que é representado pelo falante como sendo informação nova, textualmente (e situacionalmente) não derivável (HALLIDAY, 1967 apud LAMBRECHT, 1994, p. 207).

Lambrecht (1994, p. 209-210) usa um caso de clivagem para demonstrar a proposição em *foco* ao dizer que, a partir do exemplo (21) a seguir, é apenas como o predicado da proposição abstrata “*The place I went to last night was the movies*” que a expressão ***the movies*** (ou seu *denotatum*) pode ser entendida como *foco*.

(21) Q: *Where did you go last night?*
A: *I went to **the movies**.*

Assim, ao propor que o sintagma *the movies* é o *foco* da resposta em (21), Lambrecht (1994, p. 210) quer dizer que o *denotatum* desse sintagma fica em uma relação pragmaticamente construída com a proposição em que sua adição faz do enunciado de uma frase uma parte de informação nova. Essa relação pragmática entre um *denotatum* e uma proposição é chamada pelo autor de *relação focal*. Na resposta de (21), é o estabelecimento dessa relação que cria o estado novo da informação na mente do destinatário. Assim, a função de *marcação de foco* não é marcar um constituinte como novo, mas sinalizar uma relação focal entre um elemento de uma proposição e a proposição como um todo.

Baseado em Akmajian (1973), Lambrecht (1994, p. 213), por fim, define o *foco* como “o componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada em que a asserção difere da pressuposição”. É importante que se entenda o *foco* como uma categoria semântico-pragmática, não formal: a categoria pragmática de *foco* deve ser distinguida de sua realização gramatical na frase, que é o domínio sintático em que ele é expresso e o meio prosódico em que esse domínio sintático é marcado (o meio de acentuação da frase – LAMBRECHT, 1994, p. 213). Para Lambrecht (1994, p. 214), é particularmente importante distinguir *foco* de acento frasal: a acentuação da frase não é marcadora de *foco per se*, mas um dispositivo geral de marcação de porções semânticas em proposições pragmaticamente estruturadas, focais ou não. A interpretação focal de uma proposição é determinada por vários fatores gramaticais, sendo apenas um deles prosódico. Um elemento semântico que é parte de um componente focal de uma proposição pragmaticamente estruturada será considerado *em foco* ou *focal*, independentemente de o constituinte que o codifica carregar um acento ou não (LAMBRECHT, 1994, p. 214). Portanto, segundo Lambrecht (1994, p. 218), o *foco* de uma proposição pode ser marcado prosodicamente, morfologicamente, sintaticamente ou pela combinação de meios prosódicos e morfossintáticos. Como nesta tese o *corpus* é de língua

escrita, são analisados os aspectos morfossintáticos de marcação de *foco* nas construções clivadas.

Lambrecht (1994, p. 222) reformula as categorias pragmáticas de tópico-comentário, identificacional e “apresentacional” em termos de sua *estrutura focal*, que é a associação convencional de um significado focal com a forma da frase. O tipo de frase não marcada de sujeito-predicado (tópico-comentário) no exemplo (3a) dado anteriormente, em que o predicado é o *foco* e em que o sujeito (mais qualquer outro elemento tópico) está na pressuposição, é considerado como tendo uma *estrutura foco-predicado*; o tipo identificacional ilustrado em (3b), em que o *foco* identifica o argumento faltante em uma proposição aberta pressuposta, é considerado como tendo uma *estrutura foco-argumento*; e o tipo de frase “apresentacional”, em que o *foco* se estende a ambos o sujeito e o predicado (menos qualquer elemento tópico não sujeito), é considerado como tendo estrutura *foco-frase*. Ao combinar os termos semântico-sintáticos “predicado”, “argumento” e “frase” com o termo pragmático “foco”, a intenção do autor é capturar a correlação entre certas categorias formais e semânticas e certos tipos de funções comunicativas, como a função de comentar em um dado tópico da conversação (foco-predicado), a de identificar um referente (foco-argumento), ou a de apresentar um evento ou um novo referente discursivo (foco-frase). Existe, portanto, uma correlação entre tipo de estrutura focal e tipo de situação comunicativa (LAMBRECHT, 1994, p. 222). São exemplos dessas estruturas em inglês (LAMBRECHT, 1994, p. 223):

- (22) a. *What happened to your car? My car/It **broke down**.* (estrutura foco-predicado)
 b. *I heard your motorcycle broke down? **My car** broke down.* (estrutura foco-argumento)
 c. *What happened? **My car broke down**.* (estrutura foco-frase)

Em (22a), a pressuposição relevante evocada na resposta é que o carro do falante é pragmaticamente disponível como um *tópico* para a discussão, isto é, que a proposição pode ser interpretada como um comentário sobre esse tópico; a asserção é o estabelecimento de uma relação de “*aboutness*” entre o referente tópico e o evento denotado pelo predicado; e o *foco* é o predicado “*broke down*”. A estrutura informacional de (22a) é esquematicamente representada em (22a’) a seguir (LAMBRECHT, 1994, p. 226):

- (22a’) Frase: *My car **broke down**.*
 Pressuposição: “o carro do falante é um tópico para comentário x”
 Asserção: “x = *broke down*”
 Foco: “*broke down*”
 Domínio do foco: SV

Em (22b), a pressuposição relevante evocada na resposta é que algo pertencente ao falante quebrou; a asserção é que essa coisa é o carro do falante; e o *foco* é “*car*”. Esquemáticamente (LAMBRECHT, 1994, p. 228):

(22b') Frase: ***My car broke down.***
 Pressuposição: “x do falante quebrou”
 Asserção: “x = *car*”
 Foco: “*car*”
 Domínio do foco: SN

É relevante notar que aos exemplos em inglês o autor adicionou correspondentes em algumas outras línguas, sendo que no francês, dada a restrição de ordem sintática dessa língua, a estrutura clivada (“*C'est ma voiture qui est en panne*”) é a única opção de escolha para mostrar a estrutura focal, em que o conteúdo semântico da proposição é sintaticamente representado por uma sequência de duas orações. Nesses casos, Lambrecht (1994, p. 230) declara que a articulação de *foco* da proposição pragmaticamente estruturada, em que o *foco* corresponde a um argumento na estrutura semântica, é gramaticalmente expressa por meio de uma sequência de duas orações não marcadas formalmente que têm uma estrutura foco-argumento. O significado focal dessas sequências de duas orações é, assim, não composicional, no sentido de que ele é a propriedade da construção gramatical complexa como um todo. O autor afirma, ainda, que, enquanto essa construção é claramente motivada pragmaticamente, nem sua forma nem sua interpretação são previsíveis na base das propriedades sintáticas e semânticas gerais da gramática (LAMBRECHT, 1994, p. 230).

Em (22c), por fim, nenhuma pressuposição é formalmente evocada. O que é formalmente evocado em (22c) é uma ausência das pressuposições relevantes contidas em (22a) e (22b): o sujeito não é um *tópico* e nem é a proposição aberta “x *broke down*” pragmaticamente pressuposta. Como a asserção se estende na proposição inteira, asserção e *foco* coincidem nessas estruturas. É essa falta de pressuposição que dá uma interpretação “eventiva” para a proposição. Segue o esquema (LAMBRECHT, 1994, p. 233):

(22c') Frase: ***My car broke down.***
 Pressuposição: -
 Asserção: “o carro do falante quebrou”
 Foco: “o carro do falante quebrou”
 Domínio do foco: F

Em relação à marcação dessas estruturas focais, Lambrecht (1994, p. 296) propõe que a estrutura foco-predicado é uma estrutura de *foco* não marcado enquanto as estruturas foco-argumento e foco-frase são marcadas. Em relação às frases de foco-predicado, quando leituras de *foco* alternativo de frases acentuadas no predicado são feitas formalmente explícitas,

marcação de *foco* prosódico pode ser complementada ou substituída por marcação morfossintática, por meio de variação da ordem de palavras ou construções gramaticais especiais, como os vários tipos de construções clivadas (LAMBRECHT, 1994, p. 296). É importante notar que é exatamente esse último tipo de marcação de *foco* que é analisado nesta pesquisa.

Para Barbosa (2005, p. 339), o *foco* se encontra na zona de fronteira entre semântica e pragmática. Assim, os estudos sobre o *foco* procuram investigar seu papel na organização da informação na frase, já que os constituintes da frase geralmente têm diferentes estatutos informativos, bem como um papel particular na interpretação do discurso. O autor cita o exemplo dos trabalhos de Lambrecht (1994, 2001), para quem o *foco* é a parte da informação que o locutor assume não ser partilhada por si e pelo alocutário e que é relacionado com a pressuposição, a parte da informação que o locutor assume ser partilhada por si e pelo alocutário (BARBOSA, 2005, 340).

No quadro teórico da tradição funcionalista da Escola Linguística de Praga e dos seus trabalhos mais recentes, o *foco* é tido como um constituinte essencial de todo enunciado significativo. Para Peregrin (1995), o realce entoacional é apenas uma das formas de marcar o *foco*, quando a marcação não acontece na sintaxe da frase. Jaszczolt (2001) defende, ainda, que todas as sentenças têm *foco* informacional (BARBOSA, 2005, p. 340)

O conceito de *foco*, nas abordagens que o descrevem em termos dos seus efeitos semântico-pragmáticos, está relacionado à ideia de novidade, que contrasta com partes da informação antecedente, ou pré-existente, no contexto da enunciação. A forma como essas partes da informação se organizam na frase é o que condiciona o seu dinamismo comunicativo (BARBOSA, 2005, p. 341).

No que se refere ao *foco*, a ele pode ser atribuído um valor contrastivo (CHAFE, 1976; HALLIDAY, 2004), sendo contraste o fenômeno pelo qual dois ou mais itens são contrabalançados, indicando-se preferência por um deles (BOLINGER, 1961, p. 83). A noção de “contrastivo” é definida por Halliday como “contrário a alguma alternativa prevista ou declarada”. De maneira geral, mas não necessariamente, o *foco contrastivo* fornece uma informação nova (DIK, 1997).¹²

¹² Não se desconhece a versão mais avançada da Gramática Funcional, que é a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008). Porém, escolheu-se não se aprofundar nesta, haja visto que se alongaria muito uma discussão que não é o objetivo principal deste trabalho. Para os autores, as três construções postuladas por Lambrecht são clivagens focais, mas reconhecem também a existência de uma forte interação entre *foco/contraste* e *tópico/contraste*. Nessa linha, cada construção clivada tem uma função específica. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o *contraste* constitui outra função pragmática, ao lado de *Foco* e *Tópico*, e sinaliza o desejo do falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais conteúdos

Para Lambrecht (1994, p. 287), pronomes pós-verbais são exemplos claros de *focos contrastivos*, como em: “*Pago io*” / “*C'est moi qui paye*” (exemplos do italiano e do francês, respectivamente, em que o italiano apresenta o *foco contrastivo* com a inversão de ordem sintática, mas o francês apresenta-o com o uso de uma estrutura clivada): em ambos os casos, a finalidade do falante é contrastar ele mesmo com a pessoa que estava tentando pagar a conta em seu lugar. Lambrecht (1994, p. 287) mostra que autores como Halliday (1967) caracterizam esse tipo de marcação como envolvendo acentos contrastivos, porém, para Lambrecht, embora pronomes ou substantivos acentuados com referentes ativos sejam geralmente contrastivos, eles nem sempre o são. Considere-se o enunciado a seguir:

(23) (Sherlock Holmes para o mordomo) *The murderer is you.*

Enquanto é aceitável que no enunciado do detetive o referente focal *you* seja interpretado como contrastando com alguma outra alternativa suspeita do assassinato cometido, previamente colocada, o enunciado seria igualmente apropriado se o detetive não tivesse outro suspeito em mente. Essa interpretação é sugerida pelo autor pelo fato de que o acento focal ocupa a posição final comum no domínio de *foco* (LAMBRECHT, 1994, p. 287). Se o falante tivesse uma alternativa específica em mente, isto é, se ele estivesse explicitamente contrastando a proposição expressa por sua frase com alguma proposição alternativa em que seria assertado que outra pessoa seria o assassino, a frase em (24), com estrutura marcada *foco-argumento*, seria mais apropriada (LAMBRECHT, 1994, p. 288):

(24) *You are the murderer!*

Assim, para Lambrecht (1994, p. 290), a presença de acento em um constituinte com um referente ativo não pode ser explicada em termos de noção de contrastividade, apenas em termos de estrutura focal. Em vez de considerar essa noção como uma categoria da gramática, o autor sugere que a impressão de contrastividade que se recebe quando são ouvidas frases como as exemplificadas acima surge de inferências particulares que são concluídas com base em dados contextos conversacionais. Nesse sentido, o autor segue Bolinger (1961), que vê a contrastividade como uma noção gradiente. Por exemplo, em “*Let's have a picnic*”, não há nenhum contraste específico com “*dinner party*”, mas há um contraste entre fazer um piquenique e qualquer outra coisa que o grupo possa fazer. Para Lambrecht (1994, p. 290), essa abordagem gradiente de contrastividade tem a vantagem de permitir instâncias de contrastividade claras ou menos claras, e as instâncias mais claras são aquelas em que um

comunicados ou entre um conteúdo comunicado e informações contextualmente disponíveis, no contexto ou na situação discursiva. Foco, por outro lado, sinaliza a seleção estratégica do falante de informação nova para preencher uma lacuna na informação do destinatário, ou para corrigir uma informação do destinatário.

designatum de foco explicitamente contradiz uma alternativa prevista ou declarada (formuladas por Halliday, 1967).

Lambrecht (1994, p. 291) conclui sobre a natureza da contrastividade com base em Horn (1981), tratando um tipo de construção clivada, objeto de estudo desta tese. Horn (1981) aponta que a condição de exaustividade das *it-clefts*, que são consideradas por outros linguistas como sendo uma implicatura convencional, é, de fato, uma implicatura conversacional generalizada que naturalmente surge em todas as “construções focalizadas” (lê-se “construções foco-argumento”) na ausência de um gatilho ou bloqueio contextual.

O *foco contrastivo*, segundo Gonçalves (1998), consiste em uma estratégia prosódica de focalização e funciona como um “Gatilho de Inferência Conversacional”, uma vez que estabelece confronto entre elementos do enunciado. Entretanto, considera-se que o termo ‘Foco’ fica restrito ao rótulo dos segmentos da sentença que recebam proeminência fonológica, através de uma relação contrastiva com outro, expresso anteriormente ou inferido pelo contexto situacional (GONÇALVES, 1998, p. 35). Neste trabalho, por não se analisar dados de fala, não se verifica o elemento fonológico e, de maneira análoga, a questão do Foco Contrastivo entra em evidência, isto é, não é apenas fonologicamente que esse fenômeno ocorre, é discursivamente. Neste trabalho, verifica-se que as construções clivadas veiculam Foco contrastivo, não em termos prosódicos, mas em termos tanto discursivo-pragmáticos quanto sintáticos.

Ademais, para Gonçalves (1998, p. 39), tanto Foco quanto TOP/DE, incidem em elementos novos e, por isso, a tendência é a de veicular contraste. Isso se corrobora no fato de que, na grande maioria dos dados de TOP/DE do autor, houve incidência do Foco Contrastivo. Entretanto, “constituintes topicalizados e sentenças clivadas, principais estratégias de Focalização, podem não veicular informação contrastiva e, por isso, não estarem categoricamente sobrepostos com o Foco” (GONÇALVES, 1998, p. 39-40). Para o autor, se por um lado elementos topicalizados não representam necessariamente contraste, por outro, os elementos-Foco requerem informação sempre contrastiva (GONÇALVES, 1998, p. 40). Porém, essa distinção é feita pelo autor em termos prosódicos, o que, apesar de ser relevante, não é o propósito aqui, como já exposto.

Outro apontamento destacado aqui é o de Pontes (1983, p. 136), que, seguindo Creider para o inglês, afirma que há contraste em TOP¹³, sendo que um de seus exemplos é

¹³ Segundo Pontes (1983, p. 136), apesar de Prince (1981) alegar que o contraste não é necessário em TOP, de fato, muitos casos de TOP são contrastivos. “Quando se diz ‘Essa cerveja eu não bebo’, contrasta-se essa cerveja

exatamente um caso de construção clivada (CC), isto é, novamente se tem um caso em que TOP e CC se sobrepõem. A construção (23) a seguir, conforme a autora, foi pronunciada sem nenhuma intenção contrastiva, porém, a depender da entonação, pode se tornar contrastiva. Por isso, a autora acredita que talvez seja a entonação que torne contrastivas as frases topicalizadas (PONTES, 1983, p.137).

(25) Esse projeto de Medicina é o **BM. que financia** (grifos nossos)

Entretanto, como o *corpus* deste trabalho é de modalidade escrita, não se analisa a entonação. Verifica-se pragmaticamente se as CCs encontradas expressam contraste, por conta de colocar uma proposição *em foco*, em contraste com outra (muitas vezes implícita). A seguir, tem-se um exemplo retirado do *corpus* que apresenta um contraste implícito, em que ‘*a more modern usage*’ / ‘um uso mais moderno’ sempre lhe dava arrepios, e não outra coisa (cf. dado 3, quadro 1, apêndice A):

<p>26. <i>Beyond that, though, there existed literally dozens of symbolic occurrences of Earth, Air, Fire, and Water throughout history [...] even the Muslims revered the four ancient elements... although in Islam they were known as “squares, clouds, lightning, and waves.” For Langdon, though, it was a more modern usage that always gave him chills – the Mason’s four mystic grades of Absolute Initiation: Earth, Air, Fire, and Water.</i></p>	<p>T: Além disso, entretanto, existiam literalmente dezenas de ocorrências simbólicas de Terra, Ar, Fogo e Água através da História [...] Até os muçulmanos reverenciavam os quatro elementos, embora no Islã fossem conhecidos como “quadrados, nuvens, raios e ondas”. Para Langdon, porém, era um uso mais moderno que sempre lhe dava arrepios – os quatro graus místicos de Iniciação Absoluta dos maçons: Terra, Ar, Fogo e Água.</p>
--	---

Por outro lado, neste outro caso do *corpus*, aparece explícito o contraste, utilizando-se a forma negativa, em que se está procurando um túmulo qualquer, não o de Rafael (cf. dado 5, quadro 1, apêndice A):

<p>27. <i>“What are you talking about?” “I misunderstood the clue. It’s not Raphael’s burial site we’re looking for, it’s a tomb.</i></p>	<p>T: - O que é que você está dizendo? - Eu não compreendi direito a frase. Não é o túmulo de Rafael que estamos procurando, e sim um túmulo [...].</p>
--	---

A partir dessas postulações é que se propõe, como um dos objetivos desta tese, investigar se todas as construções clivadas apresentam a função de Foco contrastivo, e, caso a resposta seja afirmativa, se a informação é de fato nova. Tais considerações levam a um

com todas as outras e deixa-se claro que outras podem ser bebidas. Nesse caso, está-se individualizando essa cerveja, separando-a do conjunto de cervejas” (PONTES, 1983, p. 136).

melhor entendimento do funcionamento das construções clivadas, tanto em inglês, quanto em PB.

O conceito de *foco* é semelhante ao de *relevo*, mas faz-se necessário distingui-los. Nesta tese, usa-se o termo *foco* para caracterizar as construções clivadas porque é o termo cunhado pelos principais autores funcionalistas, e, evidentemente, há relevo implicado, noção de que se trata a seguir.

Relevo, segundo Travaglia (1999, p. 77), é o fenômeno em que o falante dá destaque a determinados elementos dentro do texto, colocando-os em proeminência em relação a outros. Essa é a definição de *relevo positivo* ou *proeminência* dada pelo autor, que também postula o *relevo negativo* ou *rebaixamento*: fazer um “ocultamento” de determinados elementos em relação a outros. No caso das construções clivadas, tem-se o *relevo positivo*, pois o constituinte focalizado é posto em proeminência em relação aos outros.

Travaglia (1999, p. 78) aponta que o *relevo* está ligado à estrutura ideacional e interacional do texto, já que o falante se utiliza desse recurso sobretudo por razões cognitivas, argumentativas e emocionais, com diferentes funções. As funções derivadas do *relevo positivo* são:

“a) enfatizar; b) intensificar; c) marcar um valor especial, indicando que o elemento em relevo deve ser tomado num sentido diverso do habitual, muitas vezes contrário; d) estabelecer contraste; e) reforçar um argumento; f) marcar importância para a estrutura ideacional/informacional; g) marcar o foco informacional etc.”

A clivagem, por exemplo, apresenta a maioria dessas funções. A construção clivada, principalmente, marca o *foco* informacional, estabelece contraste, enfatiza e reforça o argumento.

O português, para Travaglia (1999, p. 80) focaliza diferentes elementos (como a informação nova), utilizando recursos diversos: entonação, velocidade de fala, recursos sintáticos (topicalização, expletivos) e lexicais (uso de expressões como “importa notar”, “é importante”, “note-se que”, etc). Em se tratando da clivagem, de acordo com as análises aqui, ela pode focalizar elementos que não sejam informação nova. Também pode-se utilizar o recurso sintático da topicalização, com deslocamento à esquerda e recursos lexicais, como o uso de expressões adverbiais do tipo “só”, “somente”.

Quanto à entonação e à velocidade de fala, são recursos não examinados aqui por se tratar de um *corpus* com língua escrita. Travaglia (1999), inclusive, trata também do recurso de clivagem em si e reconhece ficar em dúvida sobre elencá-lo entre os recursos lexicais ou entre os recursos sintáticos. Ele argumenta sobre o termo “é que”, que dá proeminência, na

parte de recursos léxicos. Porém, a clivagem, em suas variadas formas, é claramente um recurso sintático, já que não se trata apenas de adicionar um termo lexical, mas sim, por vezes, mudar a ordem dos constituintes. Portanto, conclui-se aqui que a clivagem é um recurso sintático.

Travaglia (1999, p. 126-7) conclui que, independente do tipo de recurso utilizado, o relevo sempre tem caráter pragmático, com origem e resultado na interação entre os falantes da situação de fala. Essa conclusão é a mesma que se chega aqui neste estudo.

Em Travaglia (2015), na seção de “Focalização”, ao se tratar sobre a focalização de partes do texto, tem-se como uma das formas o uso de expletivos (“ser...que”, “ser que”), o qual é entendido como um recurso de clivagem. O autor nota que o verbo ‘ser’ é usado em diferentes tempos e pessoas, como também verificado neste trabalho. É exatamente sobre a focalização que se trata a seguir.

As funções focais são associadas aos constituintes que recebem uma ênfase especial ou que são apresentados como estando em contraste com outras partes da informação. Diferentemente das funções de Tópico, as funções de Foco podem, em princípio, ser atribuídas a qualquer parte da estrutura clausal subjacente, e as funções focais “têm consequência na forma, na ordem e no contorno prosódico pelos quais os constituintes relevantes são expressos mediante as regras de expressão”¹⁴ (DIK, 1997, p. 68).

A função pragmática de Foco, para Dik (1997, p. 326), pertence à dimensão de focalidade do discurso. A informação focal em uma expressão linguística é aquela que é relativamente a mais importante ou saliente em um dado conjunto comunicativo, e é considerada pelo falante como sendo a mais essencial para o destinatário integrar à sua informação pragmática. Assim, a informação focal tem relação com as mudanças que o falante deseja trazer na informação pragmática do destinatário. Tais mudanças podem ser uma adição de partes de informação, ou uma substituição de alguma parte da informação na informação pragmática do destinatário.

Assim, a informação focal em uma expressão linguística é, tipicamente, apresentada como sendo *nova* ao destinatário. Entretanto, a informação focalizada não é sempre nova ao destinatário. O falante pode também focar em uma parte da informação julgada a ser disponível para o destinatário, a fim de pôr ênfase especial naquela parte da informação. Nesses casos, haverá geralmente contraste implícito ou explícito entre aquela parte da

¹⁴ Original inglês: “*Focal functions, again, have their consequences for the form, the order, and the prosodic contour by which the relevant constituents are expressed through the expression rules*”.

informação e alguma outra parte da informação que é tanto pressuposta ou apresentada explicitamente no contexto (DIK, 1997, p. 326).

Quando os constituintes que contêm a informação focal se comportam de modo especial devido a sua focalidade, atribui-se a esses constituintes a função pragmática de Foco. Dik (1997, p. 327) subdivide tal função de Foco em: (i) proeminência prosódica (acento enfático); (ii) ordem especial de constituintes (posições especiais para constituintes de Foco na ordem linear da oração); (iii) marcadores especiais de Foco (partículas que distinguem o constituinte focalizado do resto da oração); e (iv) construções especiais de Foco (construções que atribuem a um constituinte específico a função de Foco, por exemplo: construções clivadas ou pseudoclivadas). Esse último tipo de focalidade é o objeto de pesquisa neste trabalho.

Segundo Gonçalves (1998, p. 32), o ato de focalizar é o de acentuar, de ressaltar, de por em relevo/realce/evidência um determinado item do texto, tanto com estratégias textuais (como a topicalização e a clivagem), quanto com expedientes prosódicos (como a entonação) – ou com atuação concomitante dos dois. Portanto, o fenômeno da Focalização tem natureza discursivo-pragmática, já que “o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a”. Assim, o autor o define como o “*highlighting*” dado pelo usuário à parte da proposição que considera como núcleo da informação (GONÇALVES, 1998, p. 33).

Para que haja Focalização, de acordo com Gonçalves (1998, p. 33-34), certas estratégias ocorrem e são de duas naturezas distintas:

- (1) de um lado, envolvem mecanismos morfossintáticos, como o uso de sentenças clivadas e pseudoclivadas;
- (2) de outro, recorrem a relações de proeminência acentual, exteriorizadas pelas variações nos elementos prosódicos físicos, como a duração e a frequência fundamental. Nesse sentido, a Focalização, na qualidade de fenômeno discursivo-pragmático, manifesta-se tanto por meios textuais quanto por meios prosódicos.

A Focalização Textual faz uso de mecanismos linguísticos presentes na linearidade do texto (recursos morfossintáticos), como a topicalização, a clivagem, a marcação do grau e o emprego de advérbios focais, entre outros. A Focalização Prosódica, por outro lado, não dispõe de meios de sinalização da Ênfase expressos na linearidade textual, pois envolvem recursos de natureza suprasegmental (saliência prosódica) (GONÇALVES, 1998, p. 34).

Além disso, a Focalização Textual envolve alterações na ordem canônica dos termos na sentença, que são deslocados para a posição inicial para efeitos de contraste ou para introduzir novo tópico discursivo (GONÇALVES, 1998, p. 35). Essa questão de ordem dos

termos é um caso a ser analisado aqui também. Neste estudo, verifica-se apenas a Focalização Textual, não se analisando a Focalização Prosódica, por se tratar de modalidade escrita da língua, mas não se desconsidera a relevância da análise prosódica.

Apesar de Focalização e Topicalização serem fenômenos distintos, há casos em que se sobrepõem. A distinção e a sobreposição dos fenômenos é o que se analisa a seguir.

2.1.1.6 Focalização X Topicalização na clivagem

Como visto, os fenômenos de Focalização e de Topicalização podem se sobrepor, o que é possível de ocorrer dentro da clivagem. Dik (1997, p. 313) discute essa sobreposição entre essas duas dimensões da organização do discurso, em que certos elementos tópicos podem concomitantemente ser focais na comunicação. Este é o caso em duas circunstâncias principais: (i) quando um novo participante é introduzido ao discurso (um TopNovo), sendo esta a parte do gerenciamento da topicidade que contém as entidades sobre as quais o falante deseja dizer algo, e a “entrada em evidência” dessa entidade nova pode ser o ponto principal do enunciado em questão, como em: “*All of a sudden, we saw A GIGANTIC SHARK*”; (ii) por outro lado, informação tópica dada também pode ser focal, como quando algum contraste é estabelecido entre dois ou mais tópicos já estabelecidos, como em (DIK, 1997, p. 314):

(28) (*A and B have been talking about John and Peter for some time*)
 A: *Do you have any further news about John and Peter?*
 B: *Well JOHN seems to be all right, but PETER is really in deep trouble.*”

Esse contraste também pode ser marcado sintaticamente com o uso de uma construção clivada, como nesta construção criada para ilustrar o fenômeno (DIK, 1997, p. 314):

(28’) “*Well John seems to be alright, it’s Peter who is really in deep trouble*”.

Dik (1997, p. 314) também afirma que, em muitas línguas, certos elementos tópicos são escolhidos para tratamento especial na expressão da oração. Tais elementos recebem a função pragmática de Tópico. De maneira análoga, se tal tratamento especial é dado a elementos focais, esses receberão a função pragmática de Foco. Por “tratamento especial”, o autor se refere a uma ou mais das seguintes características, quando elas se referem ao estatuto tópico ou focal dos constituintes em questão: (i) o constituinte toma uma forma especial; (ii) ele leva um marcador especial sinalizando seu estatuto pragmático; (iii) ele toma uma posição especial na ordem linear da oração; (iv) ele leva um contorno prosódico especial; e (v) ele

leva à seleção de um tipo de construção especial (DIK, 1997, p. 314). É esse último caso que esta tese examina – quando essa construção especial é uma clivada.

Gonçalves (1998, p. 36) estabelece, para o português, que a Topicalização não deve ser entendida como marcadora de Foco, entendido como categoria de exteriorização prosódica que obriga Entonação Contrastiva. Desse modo, o autor valida a afirmação de Callou et al. (1993, p. 356), de que TOP é pouco utilizada para marcar Foco, sendo que falantes cultos preferem outras variantes para isso, como as construções estudadas aqui, as clivadas, do tipo “Foi SN que SV”. Em nota, o autor argumenta que as sentenças clivadas (estudadas em inúmeros trabalhos de Braga) também são estratégias de Focalização no português, no caso, “Focalização Textual”, e que, *grosso modo*, requerem um auxiliar seguido ou precedido de um elemento QU.

Nesse viés, Gonçalves (1998, p. 39) considera que “TOP/DE e Foco são fenômenos distintos e definidos, inclusive, em diferentes domínios da Gramática”. O primeiro caso encontra-se no domínio da Sintaxe e o último, consiste em um fenômeno discursivo-pragmático manifesto pela Fonologia. Além disso, argumenta que TOP/DE não são construções marcadoras de Foco Contrastivo. Porém, como visto, aqui não se relaciona o fenômeno do Foco Contrastivo apenas com fatores fonológicos (como a entonação), sendo um fenômeno pragmático com operação sintática, como no caso do fenômeno da clivagem, estudado neste trabalho.

Para Gonçalves (1998, p. 46), TOP/DE e Foco são expedientes focalizadores de natureza distinta, como visto previamente, embora compartilhem a função de colocar em evidência um elemento do enunciado. Além disso, TOP/DE não são considerados construções marcadoras de Foco em português, embora exista sobreposição em alguns casos. “Na verdade, o significado contrastivo dos termos alçados para a posição de SN inicial e externo à sentença só é garantido quando o Foco do enunciado vem a ser o constituinte TOP/DE. Caso contrário, TOP/DE não veiculam informação contrastiva”.

Gonçalves (1998, p. 46) também conclui que a Sintaxe não exerce influência na distinção entre os fenômenos de TOP/DE e Foco, pois em ambos os casos tem-se um SN extraposto para posição inicial. “A distinção se sustenta mais em termos (i) semântico-discursivos (noção de contraste, perspectiva e status informacional) e (ii) prosódicos (domínios hierárquicos)”. Como neste trabalho não se estudam aspectos prosódicos, admite-se que essa distinção seja feita tanto em termos sintáticos, quanto em termos semântico-discursivos.

Apesar de que são poucos os casos em que a Topicalização é usada para marcar Foco, há casos em que ambos os fenômenos se sobrepõem, isto é, ocorrem concomitantemente em uma mesma construção. A questão de SN definido ou indefinido em casos de TOP/DE (em que o pronome que diferencia um caso do outro só ocorre com SN definido) traz à tona a convergência de casos de construção de Tópico e de Foco, haja vista que a presença de SN indefinido está relacionada ao fato de TOP ser uma construção de Foco marcado, em que um SN definido aparece caso este seja o foco da sentença (KATO, 1989), como em:

- (29) a. Quem (θ comeu o bolo)?
b. O PEDRO (comeu o bolo)

A essa construção de Foco, foram propostas por Kato (1989) suas variantes, que são exatamente casos de variantes das CCs estudadas neste trabalho. O exemplo b', que vem a seguir, é um caso de construção QUE (pela tipologia de Braga e Barbosa, 2009), e o exemplo b'' é um caso prototípico de CC (tipo correspondente às *it-clefts* do inglês), com o uso de “ser...que” e um constituinte focal nominal.

- b' O PEDRO que comeu o bolo
b'' Foi O PEDRO que comeu o bolo

Esses exemplos demonstram que casos de Topicalização e de Focalização se sobrepõem. Outro caso dessa sobreposição é visto em um exemplo de Pontes (1983, p. 125-126), que propõe casos em que o pronome (o qual diferencia TOP de DE) não ocorre e em que não parece plausível que ocorra. Entre esses casos, aparece uma construção *é que*, uma das construções de Foco analisadas aqui como clivadas. Isto é, novamente tem-se um caso de topicalização que aparece na forma de CC (do tipo *é que* na tipologia de Braga e Barbosa, 2009).

- (30) a. Essa carne que a gente come todo dia é filet mignon?
b. Não – Filet mignon seu avô **é que** come.

Em (30), um caso em que TOP/DE e construção de Foco (clivagem) se sobrepõem, tem-se novamente um SN não definido, por isso o pronome-cópia não parece possível¹⁵ (PONTES, 1983, p. 126).

No exame efetuado nesta tese, também foram encontrados casos de sobreposição dessas duas funções pragmáticas. Na ocorrência do *corpus* (31) a seguir, tem-se um contraste explícito, em que o elemento topicalizado tem função focal. O SN ‘Pedro’ foi topicalizado em

¹⁵ A conclusão de Pontes é, portanto, a de que “o fato de ocorrer ou não o pronome não nos leva a uma conclusão segura de que há diferença em português entre DE e TOP” (PONTES, 1983, p. 126).

posição inicial e, concomitantemente, recebe a função de focalização (cf. dado 96, quadro 21, apêndice B):

<p>31: <i>“This is Saint Peter. The rock on which Jesus built His Church.”</i> <i>“The same, except for one catch. According to these unaltered gospels, it was not Peter to whom Christ gave directions with which to establish the Christian Church. It was Mary Magdalene.”</i></p>	<p>T: - Estamos falando de São Pedro. A rocha sobre a qual Jesus construiu a sua Igreja? - Ele mesmo, com uma pequena diferença. Segundo estes evangelhos não adulterados, não foi a Pedro que Jesus deu instruções sobre como estabelecer a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena.</p>
--	--

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos de base funcionalista. A função da linguagem é importante nesse viés em que a pragmática, a semântica e a sintaxe caminham juntas na análise da linguagem. Ademais, são vistos conceitos relacionados à estrutura da informação na frase, visto que a clivagem, objeto de estudo deste trabalho, deve ser examinada com base na organização das partes da informação em sua frase. Serão seguidos na análise principalmente os conceitos de Prince (1981) e Lambrecht (2001). A seguir, são discutidas mais especificamente questões relacionadas ao fenômeno da clivagem em si.

3 A CATEGORIA EM ANÁLISE: A CLIVAGEM

O objeto de estudo é pormenorizadamente discutido neste capítulo. Mostram-se aqui os tipos de frase que podem ser clivadas, bem como os pontos de partida para a análise dessas construções, invocando-se trabalhos importantes efetuados na área e trabalhos que examinam a clivagem em português. Além disso, são discutidos estudos sobre a estrutura da informação na clivagem.

3.1 Tipos de frase em construções clivadas

Esta tese estabelece de início que a clivagem é, principalmente, um expediente de focalização de frases declarativas e interrogativas. As frases exclamativas, apesar de serem possíveis, apresentam inúmeras restrições. O que se segue é uma explicação dos tipos de frase em que a clivagem aparece. As frases declarativas e as interrogativas gerais são do mesmo tipo, no sentido de que as interrogativas gerais põem em questão se o predicado da declarativa é, de fato, o predicado daquele sujeito. As interrogativas parciais são aquelas que começam com os pronomes interrogativos (que, quem, qual e quanto) e com os advérbios interrogativos (quando, como, por que e onde, advérbios de tempo, modo, causa e lugar, respectivamente). Tanto as interrogativas gerais, quanto as parciais aceitam a clivagem; entretanto, as parciais, em vez de porem em questão se um predicado serve para um sujeito, fazem a interrogação em um dos elementos que é questionado, o qual pode ser um sintagma nominal (quando elas são feitas com um pronome) ou um sintagma adverbial (quando elas são feitas com um advérbio). Nessas orações, o foco da clivagem incide naquela porção que é interrogada, como em (cf. dado 146, quadro 42, apêndice C):

<p>32. “<i>We’ve come full circle, Professor. You’ve told me nothing I could not have learned from my own staff. And so I will ask you once more. Why were you brought here tonight? What makes you so special? What is it that you alone know?</i>”</p>	<p>T: – Nós voltamos à estaca zero, professor. O senhor não me disse nada que a minha própria equipe não pudesse ter me informado. Então, vou lhe perguntar mais uma vez. Por que o senhor foi trazido até aqui hoje? O que o torna tão especial? O que é que só o senhor sabe?</p>
---	---

No apanhado geral do uso da clivagem, encontram-se, pois: (i) frases declarativas (que declaram o rema sobre o tema); (ii) frases interrogativas gerais (em que o rema é questionado se se refere àquele tema); (iii) frases interrogativas parciais (trazem a interrogação num sintagma nominal ou adverbial); e (iv) em certos tipos de frases exclamativas. Quando se faz

a mesma proposição de uma declarativa em uma exclamativa, a clivagem pode ocorrer, porém, a clivagem seria agramatical em uma exclamação como “Quão difícil se torna suportar as contrariedades!” (CASTELEIRO, 1979, p. 111): “* Quão difícil é **que** se torna suportar as contrariedades!”. Isso se deve ao fato de que a exclamação é um ato de fala de força pragmática já globalmente exclamativo, isto é, nele não se destacam porções. Como a clivagem é uma criação de foco, com efeito pragmático, e a exclamação já é, em si, uma categoria pragmática, então as frases exclamativas criam muitas restrições para a clivagem. Em geral, a exclamação não existe para declarar o rema sobre o tema, pelo contrário, o tema e o rema formam um todo exclamado posto em relevo pragmático, de ato de fala exclamativo (exceto nos casos em que se diz a mesma proposição que a declaração exclamando). No exemplo acima, o único modo de marcação possível é utilizar apenas o clivador *que* (“Quão difícil **que** se torna suportar as contrariedades!”). Essa particularidade pode ocorrer em exclamações iniciadas tanto por *quão/quanto* quanto por *que*. Assim, em exclamações iniciadas por *que*, o termo pode vir replicado (“Que bonito **que** ele é!”).

3.2 Pontos de partida para a análise das construções clivadas

Essas construções do tipo das clivadas, chamadas por Halliday (2004) de “orações identificadoras” (e “predicativas”, no caso das chamadas pseudoclivadas), foram primeiramente denominadas como ‘*cleft sentences*’ (sentenças clivadas) por Jespersen (1937), o qual inicialmente havia tratado esse tipo de construção como “construções de oração relativa introduzidas por *it is*” (JESPERSEN, 1927 apud LAMBRECHT, 2001). Desde os estudos de Jespersen, essas construções já eram tratadas como estruturas que focalizam uma proposição, marcando contraste. Trata-se exatamente do tipo de função – a função de Foco contrastivo – que constitui um dos objetos deste trabalho. Para Jespersen (1937), a sentença clivada é entendida como uma modificação de um padrão de sentença mais simples.

Assim como Jespersen (1937), Fichtner (1993) também afirma que as sentenças clivadas são formadas a partir de uma sentença simples. O autor apresenta uma série de operações que gera todos os padrões de sentença clivada. Segundo Fichtner (1993, p. 6), o ponto de partida para a geração de sentenças clivadas é a sentença subjacente, uma sentença declarativa totalmente formada, como: “*the butler served the wine*” (“o mordomo serviu o vinho”). Primeiramente, designa-se um substantivo (ou pronome ou advérbio) como o ‘Foco’ da clivada. Nessa sentença, ambos ‘*the butler*’ (‘o mordomo’) e ‘*the wine*’ (‘o vinho’) são focos possíveis; com o propósito de demonstração, o autor escolheu o último. A seguir, por

um procedimento chamado por ele de ‘*cleftization*’, três elementos são anexados ao Foco, a saber, o verbo *be*, um referente e um pronome relativo ou advérbio (relativo, daqui em diante). O Foco mais as formas anexadas a ele transformam-se no sintagma clivado. O próximo passo é topicalizar o sintagma clivado, em que seus elementos devem ter o valor que eles normalmente têm na estrutura superficial. Primeiro, o verbo *be* deve ser mudado para concordar em número e pessoa com o sujeito gramatical superficial, o qual no exemplo dado é ‘*the wine*’. Além disso, o verbo *be* normalmente assume o tempo do verbo lexical na sentença de base. Os elementos referente (RFNT) e relativo (RLTV) são obtidos de acordo com as propriedades semânticas do Foco, isto é, se +/- Humano, +/- Específico e +/- Plural.

Essas combinações para o inglês estão listadas no quadro abaixo (FICHTNER, 1993, p. 7):

Quadro 1 – Resolução de referente e pronome relativo na estrutura superficial

Foco	RFNT + RLTV	Forma reduzida
Nominais		
+Hum +Espec +/- Plur	the one(s) + who(m)	who(m)
-Hum +Espec +/-Plur	the one(s) + that	that
-Hum +Abstrato	the thing + that	what
-Hum -Espec -Plur	that + which (← that)	what
-Hum -Espec +Plur	those + that	that
Adverbiais		
+Tempo	the time + when/that	when
+Lugar	the place + where/that	where
+Modo	the way + that	how
+Causa	the reason + why/that	why

Fonte: Fichtner (1993, p. 7).

Como o quadro (1) indica, as combinações de referente e relativo têm formas reduzidas, o que pode substituir as sequências completas exceto quando essas têm a característica +específico e se localiza em posição inicial. Com essas mudanças e o ajuste da forma do verbo *be*, a seguinte ‘clivada simples’ foi gerada: “*The wine was what the butler served*” (o autor se refere a ‘clivada simples’ ao que é nomeado por outros autores de língua inglesa como *reverse wh-clefts*).

Os outros dois padrões de sentença clivada, a *wh-cleft* e a *it-cleft*, são formadas por alterações adicionais no resultado da topicalização do sintagma clivado e da topicalização do verbo *be* (FICHTNER, 1993, p. 7). A *wh-cleft* é então gerada pela subsequente topicalização do referente e de todas as formas que o seguem. Novamente, o verbo *be* é mudado para concordar com número e pessoa do sujeito gramatical, e os elementos referente e relativo são

modificados de acordo com as propriedades semânticas do seu antecedente. Com a forma reduzida, a sentença finalmente se torna: “*What the butler served was the wine*”.

O terceiro dos três padrões clivados, a *it-cleft*, não é, na visão do autor, derivado da *wh-cleft* (como alguns autores sugerem), mas é, de certo modo, uma alternativa a ela. Como a *wh-cleft*, a *it-cleft* é formada por uma modificação do padrão. Entretanto, em vez de topicalizar o referente e as formas que o seguem, o tópico ‘*it*’ é inserido no início do sintagma. Com a mudança na forma do verbo *be*, a *it-cleft* é gerada: “*It was the wine that the butler served*” (FICHTNER, 1993, p. 8).

Fichtner (1993, p. 8) conclui, portanto, que todos os três tipos de sentenças clivadas podem ser derivados de uma sentença subjacente simples pela inserção de vários elementos, pelo seu subsequente reposicionamento por Topicalização, e por sua resolução nas formas superficiais requeridas pelas características semânticas do Foco.

3.3 A visão da clivagem em Quirk e Greenbaum (1973)

Outro estudo que se destaca aqui é o de Quirk e Greenbaum (1973), em que se postula que a maioria das sentenças clivadas declarativas começam com o pronome *it* seguido pelo verbo *be*, que, por sua vez, é seguido pelo elemento no qual o Foco recai. De uma oração simples como “*John wore his best suit to the dance last night*”, é possível derivar quatro sentenças clivadas, cada uma destacando um elemento particular da oração:

(33a) S como Foco: *It was JOHN who/that wore his best suit to the dance last night.*

(33b) OD como Foco: *It was his best SUIT (that) John wore to the dance last night.*

(33c) A(tempo) como Foco: *It was LAST NIGHT (that) John wore his best suit to the dance.*

(33d) A(lugar) como Foco: *It was to the DANCE that John wore his best suit last night.*

De acordo com os autores, a sentença clivada marca, de maneira a retirar ambiguidade, o Foco da informação em inglês escrito, em que a entonação é ausente. O mesmo se postula aqui para o PB.

Em uma sentença clivada, o elemento destacado tem a implicação total de Foco contrastivo (como já visto na seção 2.1.1.5): o resto da oração é tido como dado, e um contraste é inferido com outros itens que poderiam ter preenchido a posição focal na sentença. Portanto, cada uma das sentenças acima tem uma negativa implícita, que pode ser explicitada,

como nos exemplos a seguir: *It wasn't Jim, but John, who/that... / It wasn't to the theatre, but to the dance...* (QUIRK; GREENBAUM, 1973, p. 415)

Além do S, OD e A, os dois elementos menos comuns OI e CO podem marginalmente atuar como o elemento focal de uma sentença clivada:

- (34) OI como Foco: *It was John (that) he gave the book* (mas *It was John (that) he gave the book to*, ou *It was to John (that) he gave the book*, com foco em *John* como complemento preposicional, é mais provável);
 (35) CO como Foco: *It's dark green that we've painted the kitchen*.

V não ocorre nunca como foco, mas a restrição é por vezes evitada ao usar o verbo em uma forma não finita e ao substituí-lo por *do* na segunda parte da sentença: *?It's teach(ing) that he does for a living* (QUIRK; GREENBAUM, 1973, p. 415). Tem-se como hipótese que os elementos em Foco das construções clivadas do *corpus* aqui compilados seguem os mesmos padrões encontrados pelos autores, como se vê na seção 6.9.

Outra declaração importante sobre as sentenças clivadas feita pelos autores é que a parte introdutória de uma sentença clivada é restrita a *It is* ou *It was*, apesar de que outras formas de *be* ocorrem: *'It must have been his brother that you saw'*. Nesta pesquisa, foram encontradas todas essas formas verbais descritas, com alta frequência do *'present perfect'*, além do *'simple present'*, *'simple past'* e *'past perfect'*. E, para o PB, foram encontradas as formas verbais do presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito simples e composto (cf. seção 6.7).

Em relação à 'oração relativa' em sentenças clivadas, os autores indicam que a parte final da oração, após o elemento focalizado, tem, obviamente, estrutura parecida com uma oração relativa restritiva: pronomes usados em orações relativas (*who*, *that*, *'zero' pronoun*) também são usados para introduzir sentenças clivadas e podem ser posicionados à frente, mesmo de uma posição em um sintagma preposicional: *'It's the girl that I was complaining about (not the boy)'* (QUIRK; GREENBAUM, 1973, p.416).

Quanto ao elemento focalizado em sentenças clivadas, segundo os autores este pode ser um termo adverbial, como em: *'It was because he was ill (that) we decided to return'*; *'It was in September (that) I first noticed it'*. Nesta pesquisa, foram encontrados dados como este último exemplo, com função adverbial de tempo, mas não foram encontrados dados como o primeiro exemplo (causal), em inglês, apenas raros casos em PB (cf. nota de rodapé da seção 6.1.3).

Uma outra postulação importante para a discussão desta tese é que um pronome *wh-* não pode ser usado em orações clivadas em que o elemento focal tem função adverbial, uma restrição que é confirmada com os dados desta pesquisa. Quando o elemento focal é

adverbial, o pronome usado é *that* em inglês e *que* em português. Em relação a isso, tem-se um caso atípico no *corpus*, em que, apesar de o constituinte focal ser nominal, ele apresenta a função de um complemento circunstancial reforçado pelo pronome “*when*”, em inglês, e “quando”, em PB, o que criou uma indicação temporal (cf. dado 30, quadro 4, apêndice A):

<p>36. <i>Normally she existed in a state of deep calm, in harmony with the world around her. But now, very suddenly, nothing made sense. The last three hours had been a blur. It had been 10 A.M. in the Balearic Islands when Kohler’s call came through.</i></p>	<p>T: Normalmente, ela vivia em um estado de profunda calma, em harmonia com o mundo à sua volta. Agora, porém, de repente, nada mais fazia sentido. As últimas três horas haviam sido como um borrão indistinto. Eram dez da manhã quando a chamada de Kohler chegou nas ilhas Baleares.</p>
---	---

Quirk e Greenbaum (1973, p. 417) apontam que, como a sentença propriamente clivada, a sentença pseudoclivada torna explícita a divisão entre partes dadas e novas da comunicação. É uma sentença SVC com uma oração nominal relativa-*wh* como sujeito ou complemento. O que se segue são virtualmente sinônimos: ‘*It’s a good rest that you need most*’ (sentença propriamente clivada); ‘*A good rest is what you need most*’ (sentença pseudoclivada). Entretanto, a sentença pseudoclivada ocorre mais frequentemente com a oração-*wh* como sujeito: ‘*What you need most is a good rest*’. E ela é menos restrita que a sentença clivada no sentido de que, através do uso de *do* como pró-forma, ela permite que o foco marcado recaia no verbo e na predicação: ‘*What he’s done is (to) spoil the whole thing*’; ‘*What John did to his suit was (to) ruin it*’. O complemento ou foco dessas sentenças é normalmente na forma de uma oração infinitiva (com ou sem *to*).

Em outros aspectos, a sentença pseuclivada é mais limitada que a sentença clivada. Apenas com orações-*what* ela comuta livremente com uma construção de sentença clivada. Orações com *who*, *where* e *when* são por vezes aceitáveis, mas principalmente quando a oração-*wh* é sujeito/complemento: ‘*The police chief was who I meant*’; ‘*Here is where the accident took place*’. Mas *whose*, *why* e *how*, por exemplo, não entram facilmente na construção da sentença pseudoclivada (QUIRK; GREENBAUM, 1973, p.417). Essa análise de pronomes será vista com mais detalhamento na seção 6.5.

3.4 A visão da clivagem em Lambrecht (2001)

Uma vez estabelecidas as primeiras noções sobre construções clivadas, parte-se para uma concepção mais ampla dessas construções. Para Lambrecht (2001, p. 467), de maneira

geral, as construções clivadas expressam uma proposição simples por meio de uma sentença bioracional:

Uma construção clivada (CC) é uma estrutura sentencial complexa que consiste em uma oração matriz introduzida por uma cópula e uma oração (tipo) relativa cujo argumento relativizado é coindexado com o argumento predicativo da cópula. Tomadas em conjunto, a matriz e a relativa expressam uma proposição logicamente simples, a qual também pode ser expressa na forma de uma oração simples sem nenhuma mudança nas condições de verdade (tradução nossa).¹⁶

São três os tipos que Lambrecht (2001, p. 467) propõe para as CCs a partir da sentença canônica “I like champagne”:

- (i) *it-cleft* – “*It is champagne (that) I like*”;
- (ii) *wh-cleft* – “*What I like is champagne*”;
- (iii) *reverse wh-cleft* – “*Champagne is what I like*”.

Nos três casos, o autor considera: ‘*champagne*’ como o sintagma focal; o verbo *is* como a cópula; e a oração subordinada como oração relativa. A porção não relativa da construção clivada consiste na oração matriz. A expressão-*wh* (por exemplo, ‘*what*’) das *wh-cleft sentences*, a qual é semanticamente vazia nas CC, equivale à expressão *it+that* das *it-cleft sentences*. A partir dessa relação entre as *it-cleft sentences* e as *wh-cleft / reverse wh-cleft sentences*, Lambrecht (2001, p. 469-470) propõe a seguinte equivalência, considerando-se ‘X’ como o sintagma focal (*champagne*), e ‘Y’ como a oração aberta sem esse argumento (*I like*):

Y X	<i>I like champagne.</i> (oração canônica)
[it] [is] X [that] Y	<i>It is champagne that I like.</i> (<i>it-cleft</i>)
[it+that] Y [is] X	<i>What I like is champagne.</i> (<i>wh-cleft</i>)
X [is] [it+that] Y	<i>Champagne is what I like.</i> (<i>reverse wh-cleft</i>)

Na descrição da estrutura das CCs que Lambrecht (2001) oferece também são apontados os aspectos semânticos e pragmáticos dessas construções, os quais, como já dito, são também analisados neste trabalho. Por exemplo, cabe atenção para o papel funcional da cópula, que o autor sugere que seja considerado pragmático, porque, juntamente com seu sujeito vazio, o verbo cópula serve como um tipo de marcador focal para o argumento de outro predicador. Assim, o sintagma focal tem seu papel pragmático atribuído pela estrutura sintática vazia da oração matriz, enquanto seu papel semântico se ativa na estrutura argumental da oração encaixada (LAMBRECHT, 2001, p. 470).

¹⁶ Original inglês: A CLEFT CONSTRUCTION (CC) is a complex sentence structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.

Em suma, para Lambrecht (2001, p. 471), a presença da cópula e seu sujeito pronominal nas CCs influencia apenas a estrutura informacional da sentença, não a sua estrutura semântica. Em uma estrutura canônica sem a cópula, a articulação focal é não marcada, enquanto, em uma CC, é marcada.

Como se vê, a análise de Lambrecht (2001), que é assumida neste trabalho, pressupõe uma visão do sistema gramatical em que a estrutura informacional é um componente gramatical da sentença, tanto quanto a sintaxe e a semântica. Nesse sistema, relações pragmáticas, semânticas e sintáticas são mapeadas umas nas outras em redes complexas de relações de ligação, por vezes à custa da composicionalidade semântica.

É importante destacar que os aspectos informacionais da clivagem para Lambrecht (2001) são discutidos, juntamente com trabalhos de outros autores, na seção 3.7.2.

3.5 Discussões acerca do aparato terminológico das construções clivadas

Quanto ao aparato terminológico que se adota nesta proposta, não se desconhece toda a série de reservas que Dik (1997, p. 292) faz às denominações de *it-clefts* e *wh-clefts*, empregadas por Lambrecht (2001). Dik (1997, p. 292) argumenta que o termo construção ‘clivada’ sugere que uma construção como “*It was John's watch that Peter found in the garden.*” seria derivada de uma estrutura canônica, como “*Peter found John's watch in the garden.*”, por uma operação de clivagem (partição), através da qual a estrutura da última oração é mapeada na expressão mais complexa, bioracional da primeira; o que Dik (1997) refuta, argumentando que a construção clivada tem uma estrutura subjacente própria, distinta da estrutura canônica. Para ele, as duas são estruturas separadas, sem relação de derivação. O autor também postula que o termo ‘pseudoclivada’ sugere que uma construção como “*What Peter found in the garden was John's watch.*” derivaria de uma clivada, o que também não é verdade para o autor, uma vez que as pseudoclivadas seriam mais prototípicas que as clivadas, isto é, expressariam mais justamente a estrutura subjacente postulada pelo autor para ambas as construções (clivadas e pseudoclivadas).

Além disso, Dik (1997, p. 292-293) não considera clivadas as construções de Foco que apresentam um termo adverbial como elemento focalizado, em vez de um termo nominal, como em: “*It was with much effort that John managed to open the coffin.*”. São casos que o autor prefere não denominar como ‘construção clivada’, reservando esse termo apenas para as construções que apresentam um termo nominal como elemento focalizado. Assim, uma construção com um termo adverbial na posição de elemento focalizado seria incluída entre as

de ‘construção de Foco’, de modo geral. Portanto, Dik (1997, p. 293) considera as construções clivadas como um subtipo específico de construções de Foco, juntamente com as construções que focalizam um termo adverbial, separando-as em diferentes categorias.

Neste trabalho, diferentemente de Dik (1997), o conceito de clivagem abrange termos adverbiais¹⁷ em posição focal, assim como em Longhin (1999). Além disso, enquanto Dik (1997) propõe que uma oração clivada com uma predicação como elemento focalizado não seja uma clivada prototípica, nesta pesquisa postula-se que uma oração desse tipo deve ser classificada como construção clivada, da mesma forma que aquela que apresenta um termo nominal como constituinte focalizado.

Dik (1997, p. 294) aponta a seguinte propriedade das construções clivadas, que também está entre as que serão analisadas neste trabalho: o Tópico pode ser apresentado tanto na forma de uma oração relativa livre, como *what Peter found in the garden*, em “*What Peter found in the garden was John's watch.*”, quanto na forma de um termo complexo contendo um núcleo nominal geral, classificatório (como *coisa, pessoa, aquele/a*), de tipo substitutivo, seguido de uma oração relativa restritiva (como *the thing that Peter found in the garden*, em “*The thing that Peter found in the garden was John's watch.*”). Os dois tipos de Tópicos propostos por Dik (1997) foram encontrados nos dados retirados do *corpus*, como se vê no capítulo 6. A seguir, parte-se para uma discussão da literatura em português de construções clivadas.

3.6 Análises da clivagem em português

Consoante Braga (1991, p. 110), as “sentenças clivadas propriamente ditas”, exemplificadas por “É isso que eu quero” (um dos seis tipos propostos no trabalho da autora), iniciam-se com o verbo ‘ser’ e podem conter, após o constituinte focal, além de “que”, o pronome relativo “quem”, em PB. As “sentenças pseudoclivadas”, por sua vez, iniciam-se já com o pronome “quem” ou “o que”. Esse tipo de sentença pode ser exemplificado por: “Quem segura é o Sandro” (BRAGA, 1991, p. 111). Há um outro tipo de clivagem de que a autora não trata nesse trabalho, o qual foi exposto em trabalhos posteriores, a saber, as “sentenças pseudoclivadas extrapostas”, em que a ordem sintática dos constituintes das

¹⁷ O termo adverbial que pode aparecer como elemento focalizado em uma construção clivada é não predicativo, pois não altera o sentido do termo que ele acompanha, e é do tipo circunstancial, isto é, temporal ou espacial (dêitico) (ILARI, 2007).

“sentenças pseudoclivadas” é alterada. Esse tipo foi encontrado nesta pesquisa (com baixa frequência).

Longhin (1999, p. 11), por seu turno, afirma que a clivagem “é a segmentação da oração em duas partes, uma não-focal e outra focal”, sendo que essa divisão é feita pelo acréscimo do verbo *ser* e/ou *que(m)*. Nesta pesquisa, além de *que(m)*, foram encontrados também casos com *quando* em PB. Em inglês, encontraram-se também outros elementos além dos correspondentes de *que (that)* e *quem (who)*, como *where (onde)* e *when (quando)*. Quanto à preferência de um pronome em detrimento de outro, Longhin (1999, p. 14-15) declara que o uso de *quem* é preferível em lugar de *o que* para traço +humano, mas em se tratando de construções como as *it-clefts* e construções *é que*, esse uso é pouco frequente. Nesta tese, a hipótese é que esse traço se mantenha nos dados do *corpus*, o que será discutido no capítulo 6.

A classificação das construções clivadas proposta por Braga e Barbosa (2009) para o PB é amplamente adotada nos estudos sobre o tema. As autoras sugerem sete tipos de CC para o PB, dividindo-os em dois grupos: as *clivadas*, com propriedades similares às *it-cleft sentences* do inglês, e as *pseudoclivadas*, equivalentes às *wh-cleft sentences* do inglês, com suas respectivas variantes; o primeiro grupo também abarca as construções *é que* e as construções *que*; o segundo também abrange as *pseudoclivadas invertidas*, as *pseudoclivadas extrapostas* e as construções *foco-ser*¹⁸ (BRAGA, 1989 *apud* BRAGA; BARBOSA, 2009, p. 180). Essa tipologia será testada nesta pesquisa, em confronto com a proposta do inglês, considerando-se as diferenças estruturais entre o PB e o inglês.

No que tange, também, às CCs em português, uma das alternativas de teste que dá a divisão em tema e rema, mostrada por Ilari (1992, p. 38-39), é aquela em que se associam a praticamente todas as orações paráfrases que expressam o mesmo conteúdo na forma de uma identificação, um conceito proposto por Halliday e entendido aqui, de maneira geral, como de construções clivadas:

(37) Pedro não veio.

(38) Quem não veio foi Pedro.

(39) O que houve com Pedro foi que ele não veio.

¹⁸ Neste trabalho, não foram encontrados dados de construções *que* e construções *foco-ser*. Portanto, essas construções não serão analisadas aqui, apesar de se reconhecer sua existência na tipologia do português. A ausência desses tipos de construção na tradução, os quais são específicos do PB, se deve ao fato de que, primeiramente, são típicos da conversação, com pouca probabilidade de aparecer na narrativa. Além disso, as construções do inglês não sugeriram o uso desses tipos para o tradutor, pelo fato de o inglês não dispor desses tipos de clivagem.

Ao comparar a oração inicial com suas paráfrases, verifica-se que alguns conteúdos são incorporados pela subordinada relativa, enquanto outros seguem o verbo *ser* na oração principal. Ilari (1992, p. 39) chama de tema os primeiros e de rema os últimos.

O teste aplicado por Ilari (1992, p. 40-43) foi o ‘teste de pergunta natural’, o qual identifica tema e rema a partir de perguntas. A partir da pergunta: “Quem chamou o Paulo?”, o autor chegou às seguintes orações como respostas:

- (40a) **Maria** chamou Paulo.
- (40b) O Paulo, chamou-o **Maria**.
- (40c) Ao Paulo chamou **Maria**.
- (40d) O Paulo, esse, chamou-o **Maria**.
- (40e) Chamou-o **Maria**, o Paulo.
- (40f) **Maria** é que chamou o Paulo.
- (40g) Foi **Maria**, que chamou o Paulo.
- (40h) Quem chamou o Paulo foi **Maria**.
- (40i) A pessoa (...) que chamou o Paulo foi **Maria**.

De (40a) a (40e), verifica-se que a ATR é indicada através da ordem de constituintes e da entoação. De (40f) a (40i), construções que são o objeto de pesquisa neste trabalho, tem-se, para Ilari (1992, p. 43), ‘partículas de realce’ ou construções gramaticais utilizando orações relativas que ‘desdobram’ a oração em duas partes; a que o autor chama de ‘orações cindidas’ (aqui tidas por ‘construções clivadas’) e deixa claro que elas têm configurações sintáticas bastante diferentes.

Segundo Ilari (1992, p. 61), ao tratar especificamente das chamadas ‘orações cindidas’, o português utiliza-as para expressar a diferença entre tema e rema, procedimentos que resultam em marcar a segmentação da frase pela aplicação de mecanismos sintáticos apropriados. Para o autor, o termo ‘cindidas’ traduz fielmente a expressão ‘*cleft*’ utilizada no inglês para o mesmo fenômeno, e “faz justiça à nítida separação segmental do tema e do rema que lhes é própria”. A partir da oração “Todos se dão bem **com o Pedro**.”, em que a ATR tem expressão meramente entoacional, tem-se as seguintes orações cindidas:

- (41a) (A pessoa) com quem todos se dão bem é **com o Pedro**.
- (41b) É **com o Pedro** que todos se dão bem.
- (41c) **Com o Pedro** é que todos se dão bem.
- (41d) Todos se dão bem é **com o Pedro**.

Comparando-se as construções, surgem características que podem ser tomadas como um primeiro critério para a separação dos tipos de oração cindida, para Ilari (1992, p. 61):

(41a’) O tema da oração inicial está construído como uma oração relativa, que constitui uma frase nominal completa junto com um termo genérico não necessariamente explicitado; em

seguida, essa frase nominal é tida como um dos termos de um predicado de igualdade expresso pelo verbo *ser*;

- (41b') O rema, deslocado para o início da oração, é delimitado por *é* e *que*;
- (41c') O rema, deslocado para o início da oração, é delimitado por *é que*;
- (41d') O rema, em posição tipicamente pós-verbal, é separado pelo resto da oração por uma forma do verbo *ser*.

Ilari (1992, p. 61-62) apresenta os principais pontos de contraste organizados em quatro grandes classes: restrições ao rema; correlação de tempos; articulação com o verbo de negação; correlações de pessoa e número (fatores que serão examinados aqui no Capítulo 6).

Quanto à seleção do rema, um fator de distinção posto pelo autor é a possibilidade de incluir o verbo no rema, que separa o tipo 'a' de todos os demais: "O que ele fez foi fugir".

Em relação às distinções de tipos de oração cindida baseadas na correlação dos tempos, Ilari (1992, p. 63) afirma que "encontramos em toda oração cindida uma forma do verbo *ser*, rebaixada a instrumento gramatical, ao lado de outro verbo de sentido pleno, que é efetivamente responsável pela organização do conteúdo 'nocional' da frase". Esses verbos podem sofrer, em princípio, todas as modificações que costumam associar-se a verbos. O autor começa por verificar que correlação de tempo existe nos vários tipos de oração cindida entre *ser* e o verbo de sentido pleno:

No tipo 'd', ambos os verbos estão obrigatoriamente no mesmo tempo: "Eles **querem é / quiseram foi / queriam era / vão querer vai ser** o dinheiro.". Para o tipo 'c' (*é que*) não há variação temporal no verbo *ser*: "Você **é que** quis.". Na construção 'a', o tempo verbal pode ou não concordar, mas é possível que o sentido se altere parcialmente: "Quem estava vestindo camisa de flores na festa de ontem **é / era** o presidente do clube.". A primeira opção responde sobre o status da pessoa de camisa florida (que papel identifica o homem de camisa florida?), enquanto a segunda opção responde a uma pergunta sobre a possível aplicação do predicado '...vestir uma camisa florida' (quem fica identificado por ter usado uma camisa florida na festa de ontem?).

Com isso, Ilari (1992, p. 64) identifica três situações básicas quanto à correlação de tempos nas orações cindidas: 1) situações em que não há alteração de forma; 2) situações em que a correlação de tempos é um automatismo gramatical; e 3) situações em que a correlação de tempos está sujeita a uma escolha do falante, e a escolha é relevante para o sentido.

No que tange às distinções de tipos baseadas na negação, existe a possibilidade de aplicar a negação a um dos verbos (*ser* ou o verbo de significação plena) ou a ambos. As três

possibilidades são disponíveis nos tipos ‘a’, ‘b’ e ‘d’, mas não no tipo ‘c’¹⁹ (ILARI, 1992: p. 65):

- (42a) A pessoa com quem os jovens se dão bem não é Pedro.
 A pessoa com quem os jovens não se dão bem é Pedro.
 A pessoa com quem os jovens não se dão bem não é Pedro.
- (42b) Não é com Pedro que os jovens se dão bem.
 É com Pedro que os jovens não se dão bem.
 Não é com Pedro que os jovens não se dão bem.
- (42c) ?Com Pedro não é que os jovens se dão bem.
 Com Pedro é que os jovens não se dão bem.
 ?Com Pedro não é que os jovens não se dão bem.

Quanto às distinções baseadas na concordância de pessoa e número, da mesma forma que para o tempo verbal, as orações cindidas estariam abertas à concordância de pessoa e número entre *ser* e o verbo se sentido pleno, à princípio. Essa concordância se exclui, por definição, para expressões-remas que não estejam no caso reto, mas poderia dar-se, em princípio, quando o rema é um pronome sujeito de primeira ou segunda pessoa. Uma alternativa é manter a forma conjugada do verbo de sentido pleno e concordar com ele *ser* ou passar aquele verbo para a terceira pessoa e colocar *ser* na pessoa e número em que estaria o verbo de sentido pleno: “Quem descobriu fomos nós.” / “Fomos nós que descobrimos”. E não: “Quem descobrimos foi nós.” / “Fomos nós que descobriu”. A primeira alternativa se aplica ao tipo ‘b’, e a segunda ao tipo ‘a’ (ILARI, 1992, p. 65).

O tipo ‘c’ mostra novamente a mesma rigidez do tempo e da negação no que tange à concordância. A única possibilidade, por exemplo, seria: “Eu é que mandei” (“Eu sou que mandei” e “Eu fui que mandei” não são possíveis). O tipo ‘d’, na medida em que se aplica somente a remas ‘não-marcados’, não realiza a condição mínima de ter o sujeito gramatical em posição de rema, e não exhibe concordância de pessoa (ILARI, 1992, p. 66).

Ilari e Basso (2014), ao tratar sobre verbo e mais especificamente sobre as formas de voz passiva, também discutem sobre a clivagem. Para os autores, uma das alternativas de voz do português pode ser exemplificada por “Quem batizou o menino foi o bispo”, um processo de clivagem; “o termo significa “rachadura”, “divisão” e indica o fato de que o verbo *ser* separa a sentença em duas partes – na realidade, dois grandes sintagmas nominais –, ao mesmo tempo que estabelece entre eles uma relação de igualdade ou de identificação” (ILARI; BASSO, 2014, p. 233).

¹⁹ O tipo ‘c’ é o tipo *é que*, o qual possui uma construção cristalizada, que não permite alteração de tempo verbal, além de não ser possível adicionar partículas entre um termo e outro. É por isso que o verbo *ser* não pode ser negado (é um dos termos cristalizados).

Segundo os autores, o primeiro SN retoma toda a informação que pode ser encontrada em uma oração não clivada, exceto a identidade de um dos participantes, e a constrói como uma descrição que corresponde a um único indivíduo; enquanto o segundo SN geralmente é “uma expressão referencial (nome próprio ou descrição definida) através da qual identificamos imediatamente o indivíduo em questão” (“o bispo”, no exemplo dado). O primeiro SN é obtido esvaziando-se uma posição argumental na oração não clivada correspondente: “O bispo batizou a criança” / “x batizou a criança” / “quem batizou a criança”. Com essa substituição, o substantivo reaparece no outro sintagma nominal com função de identificação: “**O bispo** batizou a criança” / “quem batizou a criança” / “quem batizou a criança foi **o bispo**”. Dessa forma, a clivagem é, para os autores, “um meio útil para obter sentenças em que um sintagma nominal aparece em posição final de sentença, a posição que normalmente marcaria informação nova”. Ou seja, ao criar uma estrutura complexa, a clivagem proporciona alternativas suplementares de coincidência de papéis temáticos (e das funções sintáticas) com as várias posições definidas pela estrutura informacional da sentença (ILARI; BASSO, 2014, p. 234).

Verifica-se que os autores se baseiam nos conceitos hallidayianos sobre o processo e consideram apenas SNs como constituintes da clivagem, o que é discutido nesta tese, pois outros elementos podem ser focalizados (cf. seção 3.5). Além disso, os autores se restringem a comentar apenas um tipo de clivagem, apesar de reconhecerem a existência de vários tipos de clivagem e que em todas essas construções existe uma divisão de informação em dado e novo.

Koch (2015), por seu turno, trata da clivagem como uma estratégia de rematização, que marca o elemento focal, em que frequentemente o rema é anteposto ao tema. Segundo a autora, as orações denominadas cindidas ou clivadas são casos em que existe um alto grau de integração sintática, nas quais ocorrem partículas de realce ou construções gramaticais relativas que “desdobram a oração em duas partes” e podem estar contidas configurações sintáticas bastante diferentes (KOCH, 2015, p. 347).

Em relação aos procedimentos linguísticos utilizados na clivagem, Koch (2015, p. 349) declara que há, basicamente, deslocamento à esquerda (o que se decidiu denominar aqui genericamente como *topicalização*), que pode ocorrer acompanhado de determinadas marcas sintáticas que caracterizam as orações cindidas, a saber:

- a. Expressão “*é que (foi que)*” delimitando o rema anteposto;
- b. Expressão “*é que (foi (o) que/que)*” seguindo o rema anteposto;
- c. Construções gramaticais usando orações adjetivas, como “*o que (me) ... é/foi*”, podendo o pronome relativo vir elidido.” (KOCH, 2015, p. 349)

Quanto às funções que desempenham as construções com anteposição do rema, Koch (2015, p. 349) afirma que elas estão diretamente ligadas à expressividade e ao alto envolvimento do falante com o assunto e com o interlocutor, e, por isso, seriam mais frequentes na fala do que na escrita. Na perspectiva do falante, elas permitem-lhe antecipar o que constitui sua meta de comunicação; na perspectiva do interlocutor, esse tipo de oração, normalmente acompanhada de acentuação entonacional do rema, é tida como marcada relativamente à sequência tema-rema e, portanto, veicula algum tipo de informação discursiva adicional, o que compensa seu duplo custo operacional (o rema fora de sua posição sintática normal e de sua posição em termos da estrutura informacional dado/novo). Assim, para a autora, as orações cindidas, “em que comumente a parte focal representa informação nova e a parte pressuposicional, informação dada, a função é enfatizar o rema anteposto”. Além disso, o intuito de assinalar uma sutil oposição ou contraste é um fator determinante no uso das cindidas. Em termos pragmáticos, pode-se entender essas construções como motivadas pela discordância que o falante supõe existir entre a sua posição e aquela que ele se sente autorizado a atribuir ao seu interlocutor (KOCH, 2015, p. 349). Esse contraste proposto pela autora é a função de foco contrastivo discutida na seção 2.1.1.5 e que é retomada adiante.

Baseada na análise hallidayiana de construções como as clivadas, Longhin (1999, p. 47) estabelece que as chamadas por ela de sentenças clivadas e pseudoclivadas são entendidas como “sentenças necessariamente identificadoras em que uma entidade é identificada com outra entidade, e que a escolha da entidade identificadora correta exclui outras possibilidades”, o que leva a uma interpretação de contraste entre a entidade selecionada e as outras. Portanto, segundo a autora, a noção de contraste é inerente a essa construção. Neste trabalho, assume-se essa mesma leitura de contraste inerente às CCs, além da noção de “exaustividade”, que será discutida na seção 3.7.2.

A autora entende a noção de contraste com base em Chafe (1976), também citado nesta tese (cf. seção 2.1.1.2), para quem contrastar é selecionar um elemento correto para um determinado papel, em oposição a outros candidatos possíveis (LONGHIN, 1999, p. 166). Outra proposta que a autora segue em relação ao contraste é a de Dik (1989), o qual estabelece dois tipos de contraste: o paralelo e o contrapressuposicional. O contraste paralelo, um critério formal, consiste no paralelismo estrutural que pode existir entre pares de elementos opostos que geralmente se encontram em orações distintas. Para a autora, no caso das clivadas, um dos elementos do par de opostos é o constituinte focal. O contraste contrapressuposicional, um critério semântico-pragmático, consiste na quebra de expectativa, no inesperado, no contraditório. A leitura desse tipo de contraste sempre depende da

elaboração de inferências do falante. Com isso, interpreta-se que o contraste paralelo é explícito e o contraste contrapressuposicional é implícito. Ambos os tipos foram encontrados nesta pesquisa, como já colocado na seção 2.1.1.2.

Longhin (1999, p. 188) também discute a respeito da função das CCs. Segundo a autora, codificar uma mesma função por meio de várias formas contraria um dos princípios básicos em Linguística: o da economia. Entretanto, este não é o caso das várias formas de clivagem que coexistem no português, pois elas têm funções sutilmente diferenciadas, o que se torna evidente por meio do exame de suas correlações sintático-discursivas. Ou seja, apesar de todas as formas clivadas terem em comum a função de por um elemento em foco, cada forma é mais especializada na focalização de um tipo particular de constituinte. “É essa especificidade que determina o emprego de uma ou outra alternante clivada em certos contextos” (LONGHIN, 1999, p. 188). Aqui, não se desconsidera essa afirmação, mas não é o objetivo das análises deste trabalho examinar os tipos de constituintes em cada tipo de clivagem, analisam-se mais a fundo as subfunções das CCs em relação à posição dos constituintes focais (cf. Capítulo 6).

Em um estudo diacrônico, Longhin (1999) aponta que, em português, a clivagem emergiu por um processo de gramaticalização da estrutura relativa comum. Com a alteração das fronteiras e das propriedades sintáticas dessa estrutura, ela se torna adequada a funções de estratégia de focalização. Segundo a autora, as primeiras alternantes clivadas a surgir no português foram as chamadas *pseudoclivadas* e *pseudoclivadas invertidas*, as quais correspondem, respectivamente, às *wh-clefts* e às *reverse wh-clefts* do inglês. Neste trabalho, objetiva-se discutir, no Capítulo 6, essa tipologia, a partir de uma problematização da estrutura clivada das *wh-clefts*, que são consideradas por autores de língua portuguesa como *pseudoclivadas*.

De acordo com Longhin e Ilari (2000, p. 205), Halliday (1967) propõe que os identificadores (constituintes focais) seriam nominais em inglês. Porém, para os autores, os identificadores das construções clivadas do português não são restritos a nomes ou pronomes: “sintagmas preposicionais, advérbios e orações também podem funcionar como identificadores”. Neste trabalho, em ambas as línguas analisadas, os constituintes focais se apresentam, além de em nomes e pronomes, em todas essas opções citadas pelos autores para o português.

Além dessas classes de palavras, Longhin e Ilari (2000, p. 206) propõem que um adjetivo pode ser admitido como identificador numa situação de ambiguidade, em que a construção pode ser entendida tanto como identificadora quanto como intensiva. Aqui,

discorda-se dessa afirmação, pois em uma construção como “quem vota em ladrão é cúmplice”, proposta pelos autores, trata-se de uma sentença contendo uma oração relativa, sem a possibilidade de se tratar em uma construção clivada. Prova-se isso na medida em que não é possível retirar da construção uma oração canônica, sem que haja mudança de sentido, pois em “Cúmplice vota em ladrão” haveria uma pressuposição de que todo cúmplice vota em ladrão, e não é esse o sentido original da construção. Numa construção de fato clivada, como “quem comeu o pão foi ela”, retira-se uma oração canônica sem mudança de sentido: “ela comeu o pão”.

Quanto à estrutura informacional dos dois segmentos que formam uma CC, na visão hallidayiana de sentenças identificadoras e predicativas do inglês, a informação nova associa-se com a função de identificador. Porém, Longhin e Ilari (2000, p. 206) afirmam que as clivadas do português se comportam de modo particular em relação à codificação de informação do elemento identificador, visão que é endossada nesta tese. Baseados em Longhin (1999), os autores declaram que as cinco formas de clivagem analisadas pela autora focalizam tanto elementos novos como dados, mas a tendência é que construções correspondentes ao tipo *it-cleft* do inglês, bem como construções *é que* e construções *que* focalizem constituintes que veiculam informação dada, enquanto construções correspondentes ao tipo *wh-cleft* do inglês, bem como construções *foco-ser* focalizem constituintes que veiculam informação nova. Esse exame da estrutura informacional das CCs é discutido aqui, no capítulo 6, com alterações para os tipos de clivagem encontrados no *corpus* compilado.

Em relação à estrutura das sentenças predicativas na nomenclatura hallidayiana (construções correspondentes ao tipo *it-cleft* do inglês, bem como construções *é que* e construções *que* do português), elas apresentam o “tema-predicado” em posição inicial na frase, o que, para os autores, parece confirmar a hipótese de Halliday a respeito da relação entre predicação e tema. Entretanto, os autores declaram que a posição inicial pode ser ocupada por constituintes que não podem ser predicados ou sofrem algum tipo de restrição, como é o caso das conjunções, adjuntos, verbos, predicativos do sujeito.

Segundo Longhin e Ilari (2000, p. 207), entre as sentenças predicativas em português (os três tipos citados acima), há uma distinção no que tange à clivagem de interrogativas não polares, sendo que apenas construções *é que* e *que* admitem interrogação. Porém, nesta pesquisa, também foram encontradas construções do tipo *it-cleft* na forma de interrogativa não-polar em ambas as línguas examinadas, além de construções *é que* em português (ambos os casos com baixa frequência de uso no *corpus*). No exemplo (30) repetido aqui para facilitar, tem-se uma *it-cleft* em inglês e uma construção *é que* na tradução para o PB:

<p>43. “<i>We’ve come full circle, Professor. You’ve told me nothing I could not have learned from my own staff. And so I will ask you once more. Why were you brought here tonight? What makes you so special? What is it that you alone know?</i>”</p>	<p>T: – Nós voltamos à estaca zero, professor. O senhor não me disse nada que a minha própria equipe não pudesse ter me informado. Então, vou lhe perguntar mais uma vez. Por que o senhor foi trazido até aqui hoje? O que o torna tão especial? O que é que só o senhor sabe?</p>
---	---

Quanto à negação, os autores afirmam que as construções correspondentes às *it-clefts* do inglês, bem como as construções *foco-ser* e as construções correspondentes ao tipo *wh-cleft* do inglês admitem três padrões de negação: “i) negação da cópula (e conseqüentemente do constituinte focal), ii) negação do verbo de sentido pleno e iii) negação de ambos os verbos”. Porém, alguns padrões de negação são mais frequentes, segundo os autores, a saber: nos dois primeiros tipos, o padrão básico é a negação da cópula; já no último tipo, os dois primeiros padrões são igualmente muito frequentes. Além disso, construções *é que* e *que* “parecem só admitir a negação do verbo de sentido pleno” (LONGHIN; ILARI, 2000, p. 207). No capítulo 6, a negação é investigada, mas tem-se como hipótese que ocorra o mesmo com os dados do *corpus* aqui compilado.

A análise sobre a variação tempo/pessoa do verbo ‘ser’ é a mesma encontrada nos dados do *corpus* compilado aqui. As construções *é que* são mais rígidas, em que o verbo ‘ser’ aparece sempre na terceira pessoa e varia em presente e passado. As construções de tipo *it-cleft* e *wh-cleft* permitem um leque mais amplo de opções, como será mostrado no capítulo 6.

Quanto às CCs que focalizam adjetivos, os autores voltam a discutir a questão, admitindo que há as duas possibilidades de interpretação para uma construção como essa, a de identificadora (clivada) e a de intensiva:

Podemos classificá-la como intensiva, reconhecendo na forma *é o* verbo *ser* da classe-zero (com a interpretação “tem o atributo de ser/pode ser interpretado como”) do que resulta a paráfrase “quem vota em ladrão tem a propriedade de ser cúmplice”; também podemos reconhecer nessa sentença características que as intensivas normalmente não têm, a saber, ela é reversível, comporta uma nominalização e tem uma contraparte não-identificadora; uma boa maneira de expressar essa segunda interpretação é “quem vota em ladrão é identificado como cúmplice”. Normalmente, nas orações intensivas se atribuem propriedades a indivíduos, e, nas equacionais, faz-se o reconhecimento de um indivíduo a partir de seu “retrato falado” (LONGHIN; ILARI, 2000, p. 208).

Porém, mantém-se aqui o argumento de que, em casos como esse, não se pode identificar o mecanismo da clivagem a partir da oração canônica. Assim, a única interpretação que se admite aqui é a de intensiva para esse tipo de construção.

Longhin e Ilari (2000, p. 210-211) citam Longhin (1999) para afirmar que a autora chegou a uma possível conclusão para o fato de que o foco de construções correspondentes ao tipo *wh-cleft* do inglês e de construções *foco-ser* é normalmente colocado em posição final, enquanto o foco de construções correspondentes ao tipo *it-cleft* do inglês, construções *é que* e construções *que* é normalmente colocado em posição inicial na frase: “as primeiras focalizam principalmente elementos que codificam informação nova, enquanto as segundas focalizam elementos que codificam informação evocada ou inferível”; o que, para os autores, está de acordo com o o "Princípio funcional de distribuição de informação" de Givón (1990), para quem, na ordem linear, o dado tende a preceder o novo. Neste trabalho, os dados confirmam essa análise, o que será mostrado no capítulo 6. Esse conceito de distribuição de informação é exatamente a discussão para que se parte a seguir, em relação à clivagem.

3.7 Estrutura informacional das construções clivadas

Sob a perspectiva de que as construções clivadas, como visto, apresentam uma estrutura informacional diferenciada da de orações canônicas, seguem diferentes trabalhos que analisam como se dá a organização da informação nessas construções.

3.7.1 Comparação discursiva das construções *wh-clefts* e *it-clefts*

Destaca-se, aqui, a posição de Prince (1978), que trabalha com os conceitos de foco e pressuposição ao comparar as construções *wh-clefts* e *it-clefts* no discurso. A partir dos exemplos a seguir, Prince (1978, p. 883) mostra que, correspondentemente a 1a, forma simples ou ‘não clivada’, o inglês tem sentenças como 1b, a *wh-cleft*, e 1c, a *it-cleft*. Todas são cognitivamente sinônimas, têm as mesmas condições de verdade e têm o mesmo conteúdo informacional objetivo, mas fazem diferentes tipos de trabalho e significam coisas diferentes. Assim, o falante tem, ao menos, essas três opções:

- (44a) *John lost his keys.*
- (44b) *What John lost was his keys.*
- (44c) *It was his keys that John lost.*

Em relação às diferenças entre clivadas e não clivadas, Prince (1978, p. 884) mostra que elas diferem em **foco** e **pressuposição**. As sentenças (45b-c) logicamente pressupõem que John perdeu algo, mas 1-a não. Para provar, a autora usa as negações de 1a-c:

- (45a) *John didn't lose his keys.*
- (45b) *What John lost wasn't his keys.*

(45c) *It wasn't his keys that John lost.*

Verifica-se que apenas (45a) aceitaria que “de fato, ele nunca perdeu nada na vida”.

Em relação à comparação de *wh-clefts* e *it-clefts* no discurso, a autora mostra que, longe de serem intercambiáveis, os dois tipos de construção têm distribuições e funções altamente especializadas. As *wh-clefts* marcam a informação na oração-*wh* como supostamente estando na consciência do ouvinte, ou *dada*²⁰. O que pode ser dado depende do contexto linguístico e do contexto não linguístico da situação de fala.

As *it-clefts*, no entanto, são muito mais heterogêneas, embora os dois tipos marquem a informação na oração-*that* como fato conhecido – ou simplesmente, *conhecido*. Os dois tipos de *it-clefts* discutidos pela autora são: (a) *it-cleft de foco acentuado*, em que o foco representa informação nova (geralmente contrastiva), e a oração-*that* representa informação geralmente conhecida no contexto; e (b) *it-cleft de pressuposição informativa*, em que o foco geralmente contém um item anafórico e a oração-*that* contém a ‘mensagem’ – mas marcada como fato conhecido.

O primeiro tipo é considerado pela autora como estranho em um aspecto. Em inglês (e isso também é um fato em português), a informação velha geralmente precede a informação nova. As *wh-clefts* estão em conformidade com esse padrão geral. Entretanto, em uma *it-cleft* de foco acentuado, a informação nova situa-se antes da informação velha. Mas a autora declara que, apesar de esse tipo de *it-cleft* apresentar a informação em uma ordem anormal, ele marca, claramente, qual é informação nova e qual é informação velha (PRINCE, 1978, p. 897).

Nas sentenças do último tipo, não se espera que o ouvinte esteja pensando na informação na oração-*that*, nem que ele até saiba dela. De fato, o objetivo dessas sentenças é informar o ouvinte sobre ela. Desse modo, o que é pressuposto lógico-semânticamente, na *it-cleft* de pressuposição-informativa, é informação nova no nível discursivo (PRINCE, 1978, p. 898). O fato de a informação nova ocorrer nessas orações-*that* logicamente pressupostas não é um erro do falante, elas são bem formadas e funcionais. Sua função é a de marcar uma informação como um fato, conhecido a algumas pessoas apesar de ainda não conhecido ao ouvinte. Por isso, esse tipo é tipicamente usado em narrativa histórica e em outros casos em que a auto-anulação é buscada pelo falante, por exemplo por polidez. Esse tipo de *it-cleft* pode

²⁰ Usa-se aqui o termo informação velha, que se refere, no geral, tanto para informação dada, quanto para informação conhecida. Porém, Prince (1978, p. 903) propõe que os termos sejam usados para denotar coisas separadas: informação dada é aquela que o falante cooperativo pode supor apropriada na consciência do ouvinte; enquanto que informação conhecida é aquela que o falante representa como sendo factual e já conhecida a certas pessoas (geralmente não incluindo o ouvinte).

também ter uma função subordinativa, por vezes para indicar ‘pano de fundo’, por vezes para implicar causa e efeito (PRINCE, 1978, p. 900). As funções mencionadas pela autora não são uma lista exaustiva, e, do mesmo modo, os tipos de *it-clefts* listados pela autora não são exaustivos.

Uma construção estudada nesta tese, mas não analisada a fundo pela autora, apesar de ser fortemente relacionada às outras, é a *reverse wh-cleft*: “*That is what I want*”. A autora prevê que a oração-*wh* nessas sentenças é marcada como conhecida. O ponto final enfatizado pela autora é a importância de estudar essas e todas as outras construções no discurso, já que é somente aí que suas funções comunicativas podem ser observadas (PRINCE, 1978, p. 904-905).

3.7.2 Exaustividade, pressuposição, foco e tópico na clivagem

Fukuda (1988) segue a linha de Prince (1978) no que se refere ao foco e à pressuposição (este último sendo o conteúdo que não pode ser influenciado por transformação negativa). Para Fukuda (1988, p. 65), apesar de a pressuposição ser geralmente identificada com a noção de *dado*, não é para ser sempre dessa maneira. A primeira é uma noção lógico-semântica, enquanto a última é uma noção do discurso.

Os tipos de construções clivadas examinadas por Fukuda (1988) são: *it-clefts*, *wh-clefts* e *inverted wh-clefts*. As clivadas são analisadas pelo autor com base nos conceitos de tema-remata de Firbas (1964) e Halliday (1985). No exemplo “*It was his callousness that I wanted to ignore*”, em uma análise baseada em Firbas, ‘*his callousness*’ seria o remata e o foco a ser contrastado com os possíveis candidatos que não foram escolhidos (tendo o maior grau de dinamismo comunicativo), enquanto ‘*It*’ e ‘*that I wanted to ignore*’ seria o tema (‘*it*’ com baixo grau de dinamismo comunicativo e os outros termos com grau maior de dinamismo comunicativo). Em “*What I wanted to ignore was his callousness*”, uma *wh-cleft*, ‘*What I wanted to ignore*’ é o tema (e tem status de *dado*) e ‘*his callousness*’ é o remata (FUKUDA, 1988, p. 68-69)

Em uma análise literal baseada em Halliday usando o mesmo exemplo de *it-cleft* acima, ‘*It*’ e ‘*that*’ são temas e ‘*was his callousness*’ e ‘*I wanted to ignore*’ são rematas. Em uma análise metafórica, ‘*It was his callousness*’ é o tema e ‘*that I wanted to ignore*’ é o remata. Quanto à *wh-cleft*, no esquema de Halliday (similar ao esquema de Firbas), ‘*What I wanted to ignore*’ é o tema e ‘*was his callousness*’ é o remata (FUKUDA, 1988, p. 69).

No caso das chamadas *inverted wh-clefts*, a partir do exemplo “*That is what I want to say*”, ‘*That*’ é o tema e ‘*is what I want to say*’ é o rema, em uma análise baseada em ambos os modelos (FUKUDA, 1988, p. 70).

Fukuda (1988, p. 72) faz o seguinte esquema da estrutura informacional das clivadas, baseado nas definições de novo (*new*), dado (*given*) e conhecido (*known*) de Prince (1978):

Quadro 2 – Esquema da estrutura informacional das construções clivadas

(46) It is FOCUS that PRESSUPPOSITION (<i>It-clefts</i>)		
	(Th)	(Rh)
a.	GIVEN	KNOWN (perhaps NEW to the hearer)
b.	NEW	GIVEN
c.	NEW	KNOWN (perhaps NEW to the hearer)
(47) Wh PRESSUPPOSITION is FOCUS (<i>Wh-cleft</i>)		
	(Th)	(Rh)
	GIVEN	NEW
(48) FOCUS is wh PRESSUPPOSITION (<i>Inverted wh-cleft</i>)		
	(Th)	(Rh)
a.	GIVEN	KNOWN (perhaps NEW to the hearer)
b.	NEW	GIVEN
c.	NEW	KNOWN (perhaps NEW to the hearer)

Fonte: Fukuda (1988, p. 70)

Seguem as exemplificações do esquema:

(46a). “*It is to that evidence that we must now turn*”

(46b). “*It was a tramp who did it*”

(46c). “*It was just about 50 years ago that Henry Ford gave us the weekend*”

(47) “*What we have set as our goal is the grammatical capacity of children*”

(48a). “*The topic is what enables the listener to compute the intended antecedents [...]*”

(48b). “*John was the one who did it*”

(48c). “*Discourse Analysis is what we’re going to look at this term*”.

Além de propor o esquema acima, Fukuda (1988, p. 79) propõe três principais funções discursivas das clivadas: 1) a função de tópico-continuidade; 2) a função de introduzir elemento novo; e 3) a função de definir a cena (tempo e lugar).

A primeira função tem relação com a tendência de processar um tópico contínuo como o primeiro elemento da sentença. O caso (46a) acima é um exemplo dessa função. A função de introduzir um elemento novo, em que um foco novo relevante e contrastivo é posicionado à frente, é exemplificada por: “*the fact that he continued having the recurrent dream was what was bad*”. Por fim, a função de definir a cena, que pode ser temporal ou locacional, é exemplificada por: “*It was hours later, tossing about my bed in the hotel, that I realized what was the matter [...]*”, em que o foco temporal tem estatuto de novo e a pressuposição é

informativa (FUKUDA, 1988, p. 79-85); função esta que tem bastante frequência no *corpus* examinado nesta tese.

Hedberg (2013) também segue a linha de Prince (1978) no sentido de que ela divide as construções clivadas em duas partes, o foco (expresso pelo constituinte clivado) e a pressuposição (expressa pela oração relativa). Para Hedberg (2013, p. 2), o constituinte clivado expressa não só foco, mas um foco exaustivo. No exemplo “*it was Ursula who decided*” (“foi Úrsula que/m decidiu”), o falante exaustivamente escolheu Úrsula como aquela que decidiu, excluindo a alternativa que foi Jim ou, em particular, ambos Úrsula e Jim²¹. A autora cita Krifka (2007, p. 12), para quem o foco pode ser usado pragmaticamente para responder a uma pergunta, corrigir informação ou para confirmar informação. Desse modo, no exemplo dado, tem-se um uso corretivo do foco clivado, já que o falante está corrigindo a si mesmo (de acordo com o contexto de fala).

Além da exaustividade associada ao constituinte clivado, segundo Hedberg (2013, p. 4), a segunda parte da clivada, a oração relativa, expressa uma pressuposição existencial, já que a proposição quantificada existencialmente correspondente sobrevive sob negação, questionamento e no antecedente de uma condicional. Assim, um falante de (49a-d) acreditaria normalmente em (49e) e presumiria que o destinatário compartilha dessa crença:

- (49) a. *It was Ursula who decided.*
 b. *It wasn't Ursula who decided.*
 c. *Was it Ursula who decided?*
 d. *If it was Ursula who decided, then Jim is off the hook.*
 e. *Someone decided.*

Em relação às partes da sentença clivada e sua estrutura informacional, Hedberg (2013, p. 7) argumenta que as sentenças clivadas podem exibir organização *comentário-tópico* bem como *tópico-comentário*. Essas duas organizações correspondem à distinção de Prince (1978) entre *it-clefts* de foco acentuado e de pressuposição informativa.

Em relação ao primeiro tipo, Hedberg (2013, p. 7) argumenta que são clivadas prototípicas, como no exemplo (49a), em que a oração relativa expressa uma pressuposição ativada e o constituinte clivado, que recebe (ou pelo menos poderia receber) o acento primário da sentença, expressa um foco que é usado para fazer uma correção (ou poderia responder a uma questão ou apresentar um contraste). Diferentemente de Hedberg (2013), para quem

²¹ O contexto de fala do exemplo é o que segue: “*Then, ' went on Evelyn with a subdued bitterness that grew more intense with every word, 'when I had done all they asked, and he had come to depend on me—as might have been expected—they decided that this would never do, either. Or rather it was Ursula who decided, and she talked Jim into it...*” (HEDBERG, 2013, p. 1).

apenas uma das possibilidades para a *it-cleft* apresentam um contraste, nesta tese, todas as construções clivadas contêm esse traço (cf. Capítulo 6).

Em casos como esse, o constituinte clivado expressa um foco exaustivo (como já visto) e a oração relativa expressa uma proposição ativada ou uma que é facilmente inferível pela informação ativada. O acento primário da sentença recai no constituinte clivado e a oração relativa é ou pode ser deixada sem acento ou até não ser expressa (HEDBERG, 2013, p. 8). Esse tipo de clivagem é analisado como *clivadas comentário-tópico* (denominado ‘oração-tópico’) em Hedberg (1990) porque a oração relativa pode ser vista como expressando um tópico do enunciado e a predicação do constituinte clivado como expressando um comentário. A autora argumenta que a evidência é que o acento primário da sentença recai no constituinte clivado em vez de recair na oração relativa, e que o material da oração relativa passa por testes de tópico melhor que o constituinte clivado (HEDBERG, 2013, p. 8).

Quanto às *clivadas tópico-comentário*, Hedberg (2013, p. 10) relata que clivadas com acento primário na oração relativa foram discutidas sistematicamente em Prince (1978), que contrastou o outro tipo de *it-cleft* – em que o constituinte clivado apresenta informação contrastiva e a oração apresenta informação que é dada no discurso – com essas – em que a informação na oração relativa é nova e então pode aparecer em posição inicial. Um exemplo de Prince para as denominadas por ela como clivadas de pressuposição informativa, em que o escritor não parece estar esperando que os leitores já saibam que Henry Ford foi responsável por introduzir o fim de semana, é o seguinte: “*It was just about 50 years ago that Henry Ford gave us the weekend*”.

Hedberg (2013, p. 11), baseada em Prince (1978, p. 899) – para quem as clivadas de pressuposição informativa marcam uma parte da informação como fato, conhecido por algumas pessoas embora ainda não conhecido pelo destinatário –, argumenta que, com esse uso, o falante explora a estrutura pressuposicional de uma clivada como um dispositivo retórico para causar uma mudança na base comum. Tais clivadas, portanto, podem ser usadas até em posição inicial para começar um artigo de jornal (como no exemplo dado) ou para começar um romance dramaticamente.

Além desses dois tipos de clivadas, Hedberg (2013, p. 13) denomina um terceiro tipo, a saber, as *clivadas de foco múltiplo*. Segundo a autora, três subtipos de clivadas contêm proeminência prosódica em ambas as partes, no constituinte clivado e na oração relativa. São eles: ‘clivadas vice-versa’, como em “*It’s not John that shot Mary. It’s Mary that shot John.*” (‘Não é John que atirou em Mary. É Mary que atirou em John.’), em que a pressuposição

compartilhada por falante e destinatário é que alguém atirou em alguém; ‘clivadas de repetição enfática’, como em: “*It was she who had been coming down the corridor when he turned away from the window, she who, while his eyes were closed, had vanished into her own compartment.*” (‘Foi ela que/m estava descendo o corredor quando ele virou de costas pra janela, ela que/m, enquanto os olhos dele estavam fechados, desapareceu em seu próprio compartimento.’), em que um operador assertivo é suposto a ligar o foco comentário dado na oração relativa; e ‘clivadas ‘também’ e ‘até’’, como em “*It was also John that danced with her.*” (‘Foi também o John que dançou com ela’), em que um operador de foco adicional liga um foco expresso em uma das duas partes da sentença clivada.

Em Hedberg e Fadden (2007), essa análise da estrutura informacional das *it-clefts* é estendida para os três tipos de clivadas (*it clefts*, *wh-clefts* e *reverse wh-clefts*), comparativamente. Segundo Hedberg e Fadden (2007, p. 50), as *wh-clefts* são mais restritas em estrutura informacional do que as *it-clefts* e as *reverse wh-clefts*.²² O elemento inicial – a oração relativa – em uma *wh-cleft* sempre apresenta o tópico da sentença, e o constituinte clivado sempre apresenta o foco, com o comentário sendo a identificação da variável no tópico com o foco. As *it-clefts* e as *reverse wh-clefts* são mais livres em sua estrutura informacional. Com o constituinte clivado em posição inicial apresentando o tópico ou o foco e a subsequente oração relativa apresentando o foco ou o tópico, respectivamente. Essas duas possibilidades são as referidas acima como *tópico-comentário* ou *comentário-tópico*. As autoras também declaram que clivadas “*all-comment*” são possíveis.

De maneira geral, no estudo efetuado por Hedberg e Fadden (2007, p. 55), quando o constituinte clivado contém informação velha, ocorre uma *reverse wh-cleft*; quando o constituinte clivado contém informação nova, ocorre uma *wh-cleft* (as autoras encontraram poucas ocorrências de *it-clefts*, por isso o foco do estudo é nos dois tipos de *wh-clefts*). Em relação à estrutura informacional da oração relativa, as poucas *it-clefts* são igualmente divididas entre informação velha e informação nova, enquanto as orações relativas das *reverse wh-clefts* e das *wh-clefts* são predominantemente informação velha. Esse exame, como será visto no capítulo 6, é mantido para as ocorrências aqui encontradas.

Lambrecht (2001) analisa a estrutura informacional das construções clivadas baseado nos conceitos de foco, pressuposição e asserção postulados por ele em Lambrecht (1994). O autor aplica tais conceitos em um exemplo de uma *wh-cleft* retirado de Declerck (1998):

²² Embora as *it-clefts* e as *reverse wh-clefts* são idênticas com relação à estrutura informacional, elas diferem em distribuição, de acordo com Hedberg e Fadden (2007, p. 50).

- (50) A: *What do you need?*
 B: *What I need is a sheet of paper and a pencil.*

Pela forma de sua resposta, o falante B expressa a suposição de que sua destinatária sabe, ou acredita na ideia de que ele/a precisa de algo e assera que a coisa que ele/a precisa é uma folha de papel e um lápis. O foco da resposta é aquele *denotatum* cuja adição à proposição fornece a informação requerida pela palavra-*wh* na pergunta, isto é, aquela do sintagma focal (SF) indefinido à direita da cópula. É a ocorrência desse *denotatum* que faz o enunciado de B informativo para o destinatário (LAMBRECHT, 2001, p. 474-475). A estrutura informacional de (50B) é representada por Lambrecht (2001, p. 475) como se segue:

- (50') Estrutura informacional de (50B):
 Frase contextual: A: *What do you need?*
 Frase: B: *What I need is a sheet of paper and a pencil.*
 Pressuposição: 'falante precisa de x'
 Foco: '*a sheet of paper and a pencil*'
 Asserção: '*x = a sheet of paper and a pencil*'

Lê-se (50') do seguinte modo: na frase do falante B, a proposição aberta na oração relativa 'falante precisa de x' é pragmaticamente pressuposta. A asserção pragmática que o falante faz ao enunciar a frase consiste em substituir pela variável nessa proposição aberta o *denotatum* do foco '*a sheet of paper and a pencil*' (LAMBRECHT, 2001, p. 475).

Lambrecht (2001, p. 485) retoma os conceitos de *foco-predicado*, *foco-argumento* e *foco-frase* postulados por ele em Lambrecht (1994). De maneira simplificada, o autor descreve as funções das três articulações de foco como se segue: na categoria *foco-predicado*, inicia-se com um argumento dado e adiciona-se a ele um novo predicado; na categoria *foco-argumento*, inicia-se com um predicado dado e adiciona-se a ele um novo argumento; e na categoria *foco-frase*, adicionam-se ambos um novo argumento e um novo predicado ao discurso.

Para ilustrar a categoria de *foco-predicado*, Lambrecht (2001, p. 285-286) mostra a seguinte ocorrência: "*Have you recovered from your accident? How's your foot and your knee? My foot still **hurts** (but the rest is okay)*"; em que se tem uma estrutura não marcada. Para ilustrar a categoria de *foco-argumento*, por outro lado, há a opção de se utilizar de uma construção *it-cleft* em inglês (mas em francês essa estrutura clivada é obrigatória, como já visto), como em: "*Is your knee hurting? No, my **foot** hurts. / No, it's my **foot** that hurts*". Para ilustrar a categoria de *foco-frase*, Lambrecht (2001, p. 287) mostra o seguinte: "*Why are you walking so slowly? My **foot** hurts*"; em que o acento também recai no SN *foot*, como na categoria anterior (sendo que, em francês, tem-se uma "*have cleft*"). A formação clivada, um

dos dispositivos gramaticais das línguas para as categorias *foco-argumento* e *foco-frase*, é uma codificação bioracional com mudanças concomitantes em prosódia, ordem de constituintes e relação gramatical (LAMBRECHT, 2001, p. 488).

A partir dessas categorias focais, Lambrecht (2001, p. 488) postula dois princípios gerais relativos à ocorrência de CCs. O primeiro princípio se refere à motivação formal para a ocorrência de clivagem: “a ocorrência de construções clivadas em uma língua se relaciona ao grau de liberdade posicional de acentos prosódicos e constituintes sintáticos naquela língua”. Segundo o autor, a formação clivada resulta no posicionamento de constituintes sintáticos e acentos prosódicos em posições cognitivamente preferidas, as quais a gramática da língua normalmente bane, sem causar agramaticalidade.

O segundo princípio se refere à motivação funcional para o uso de clivagem: “construções clivadas são dispositivos de marcação de foco usados para prevenir interpretação de foco-predicado não pretendida de uma proposição”. O autor continua o princípio dizendo que a clivagem serve para marcar como focal um argumento que pode ser construído como não focal, ou como não focal um predicado que pode ser interpretado como focal, ou ambos. A formulação do princípio 2 deve levar em conta o fato de que a marcação de um argumento como focal pode implicar na marcação do predicado como não focal (isto é, pressuposto). Por exemplo, na mudança da estrutura canônica *I hurt my **foot*** para a clivada *It's my **foot** that I hurt* ou *What I hurt is my **foot***, o que é formalmente marcado não é o estatuto focal do argumento, já que o SN que expressa aquele argumento já é marcado como focal na frase canônica por meio de proeminência prosódica e posição final na frase. O que é marcado é o estatuto pressuposto do predicado da frase (LAMBRECHT, 2001, p. 489).

Para Lambrecht (2001, p. 489), ao prevenir uma interpretação não pretendida do foco-predicado de uma frase por meio de uma expressão bioracional de uma única proposição, a operação de clivagem tem a vantagem adicional de permitir os falantes de prevenir certas ambiguidades no âmbito semântico que podem surgir em orações mono-oracionais. Considere-se a frase canônica (51a) e suas contrapartes clivadas (51b) e (51c):

- (51) a. *I don't like **champagne**.*
 b. *It's **champagne** I don't like. / What I don't like is **champagne**.*
 c. *It's not **champagne** that I like. / What I like isn't **champagne**.*

Além da leitura *foco-predicado*, em que a negação tem escopo no SV inteiro, a frase canônica (51a) tem duas leituras *foco-argumento* com escopo de negação estreito: um em que é pressuposto que o falante tem um desgosto por algo e é assertado que o objeto de desgosto é *champagne*; e outro em que é pressuposto que o falante tem um gosto por algo e em que é

assertado que o objeto de seu gosto não é *champagne* (mas outra coisa). Essas duas leituras são desambiguadas nas clivadas (51b) e (51c), ao associar a negação tanto na oração relativa quanto no predicado matriz (LAMBRECHT, 2001, p. 489).

Lambrecht (2001) efetuou uma taxonomia das construções clivadas, levando em conta fatores formais e funcionais. O primeiro tipo formulado por Lambrecht (2001, p. 496) é o das clivadas *foco-argumento*, o tipo *especificacional*, pois sua função é de especificar o valor de uma variável em uma proposição aberta pressuposta. Há dois tipos de CC especificacional, um em que o SF especifica o valor variável exaustivamente, ao denotar o conjunto inteiro de coisas capazes de serem substituídas pela variável; e outro em que o SF especifica esse valor não exaustivamente, ao denotar um ou mais membros de um conjunto aberto (LAMBRECHT, 2001, p. 496-497).

Quanto às clivadas especificacionais exaustivas, as mais conhecidas são as *it-clefts*, as *wh-clefts* e as *reverse wh-clefts*. Nos exemplos a seguir, os SFs estão dentro de chaves e as partes pressupostas em parênteses, para fácil reconhecimento (LAMBRECHT, 2001, p. 497):

(52) *it-cleft*:

It's [the use of clefts] (that he wants to explain).

(53) *wh-cleft*:

(What he wants to explain) is [the use of clefts].

(54) *reverse wh-cleft*:

[The use of clefts] is (what he wants to explain).

As três frases compartilham das mesmas propriedades de estrutura informacional listadas a seguir:

Pressuposição: 'ele quer explicar x.'

Foco: 'the use of clefts'

Asserção: 'x = the use of clefts'

A escolha de um tipo em detrimento dos outros desses três tipos especificacionais é determinada por vários fatores formais e pragmáticos, entre os quais Lambrecht (2001, p. 497) cita: (i) o comprimento (peso) relativo do SF e da oração relativa (PRINCE, 1978); (ii) o grau de pressuposicionalidade da proposição da oração relativa; (iii) o estatuto do elemento pressuposto como ratificado ou não; (iv) a disponibilidade de estratégias gramaticais alternativas para expressar a articulação foco-argumento; (v) restrições morfosintáticas específicas de cada língua; entre outros. O autor cita um subtipo de clivadas especificacionais em português em que falta o marcador relativo e a cópula funciona mais claramente como um marcador de concordância: (Eu visitei) foi [Atibaia]; esse tipo foi classificado por Braga (1989) como construção *foco-ser*.

Entre as clivadas especificacionais, Lambrecht (2001, p. 500) cita um subtipo bastante frequente no *corpus* desta pesquisa, que é o tipo das *reverse wh-clefts* introduzidas pelo demonstrativo *that* ou mais raramente *this*, como em:

(55) [*That*]'s (*what I mean*). (LAMBRECHT, 2001, p. 501)

Um exemplo de uma estrutura similar a essa encontrada no *corpus* é o seguinte (cf. dado 127, quadro 35, apêndice B):

<p>56: “<i>I have a duty to protect your grandfather's assets,</i>” Vernet replied. And <i>that is exactly what I am doing.</i> [...]”</p>	<p>T: - Tenho o dever de proteger os bens do seu avô - respondeu Vernet. - E é exatamente o que estou fazendo.</p>
---	--

Note-se que, na tradução para o PB, o pronome demonstrativo (“isso”) que funciona como objeto foi omitido, assim como o sujeito na primeira pessoa do singular, dada a liberdade de omissão de sujeito e objeto nessa língua.

Em relação às clivadas especificacionais não exaustivas, Lambrecht (2001, p. 504) declara que elas receberam pouca atenção na literatura e foram referidas na literatura gerativa por “função de listagem”, apesar de não ser no contexto de análise de CCs. Lambrecht (2001, p. 505) declara que é possível expressar esse tipo de frase na forma clivada, apenas se for usado o sujeito existencial *there* em vez de *it*, como em: “*There's the use of clefts he wants to explain*”. Esse tipo de sujeito transmite a noção de que, entre as coisas capazes de especificar o valor da variável, existe uma denotada pelo SF. A pressuposição dessa frase seria a de que ‘ele quer explicar x, y, z’, e o foco seria ‘*the use of clefts*’. Esse subtipo de clivagem não foi encontrado no *corpus* dessa pesquisa.

O segundo tipo de clivadas formulado por Lambrecht (2001, p. 507) é o das clivadas *foco-frase*, o tipo *eventivo-apresentacional*, o qual também foi, de acordo com o autor, ignorado na literatura sobre clivagem. A principal diferença entre clivadas *foco-argumento* e clivadas *foco-frase* é que nas últimas a proposição da oração relativa não é pragmaticamente pressuposta, ela é assertada. Construções *foco-frase* podem ser usadas para introduzir novas entidades, as chamadas *apresentacionais*, ou novas situações no discurso, as chamadas *eventivas*. O autor apresenta um exemplo simples de uma CC apresentacional, uma clivada *there* em (57). Note-se que a oração relativa está em chaves e não em parênteses, pois sua proposição também é focal. O foco e a asserção coincidem: ‘*a linguist wants to explain clefts*’ e não há uma parte pressuposta (LAMBRECHT, 2001, p. 507-508):

(57) *There is [a linguist] [who wants to explain clefts].*
A linguist wants to explain clefts.

Assim como na sequência *it is* na clivada especificacional, a sequência *there is* tem uma função essencialmente pragmática: ela marca a entidade denotada pelo SF como sendo recentemente introduzida no discurso (LAMBRECHT, 2001, p. 508). Esse tipo de clivagem também não foi encontrado no *corpus* aqui compilado.

Além do caráter exaustivo (incluído no caráter de foco contrastivo) e do caráter pressuposicional da oração clivada associados à clivagem, Roisenberg e Menuzzi (2008, p. 1) tratam de mais um caráter encontrado na literatura, a saber, o caráter contrapressuposicional, ou caráter “denegador”, como denominado pelos autores. As três propriedades da clivagem citadas podem ser ilustradas pelo exemplo (58), uma tradução de um exemplo de Prince (1978) em Roisenberg e Menuzzi (2008, p. 1, grifos nossos):

(58) “O presidente mentiu ao povo americano quando afirmou que a falta de ação do Congresso impediu a aprovação desta legislação”, disse Waxman. “Na verdade, **foi o presidente que obstruiu a votação no Congresso.**”

Observa-se que: (i) o constituinte clivado “o presidente” é contrastado com “o congresso” e é interpretado exaustivamente, isto é, como o único elemento que satisfaz a variável *x* em “*x* obstruiu a votação no congresso”; (ii) o conteúdo proposicional correspondente à oração clivada é pressuposto, isto é, a proposição “alguém obstruiu a votação no congresso” é pressuposta por Waxman; e (iii) Waxman denega (rejeita) parte da proposição “a falta de ação do Congresso impediu a aprovação desta legislação”, afirmada pelo presidente, isto é, para ele, não é a falta de ação do Congresso, mas o próprio presidente que obstruiu a votação no Congresso (ROISENBERG; MENUZZI, 2008, p. 2).

Segundo os autores, o caráter de exaustividade e o “denegador”, embora muito frequentes, não são inerentes à clivagem e, a depender do contexto, podem não aparecer. Por outro lado, o caráter pressuposicional da oração clivada é a “contribuição semântica” específica das sentenças clivadas. Assim, para os autores, a exaustividade e a denegação são inferências pragmáticas da construção, ainda que normalmente associadas aos contextos mais comuns de uso dela (ROISENBERG; MENUZZI, 2008, p. 2).

É importante destacar aqui que os autores se baseiam em Givón (1993) para argumentar sobre a função “denegadora” da sentença clivada no discurso. Givón (1993) inclui a clivagem entre os “instrumentos de acento contrastivo forte”, cuja função seria de sinalizar algum grau de “contra-expectativa” no discurso (ROISENBERG; MENUZZI, 2008, p. 8).

Essa análise da estrutura informacional das construções clivadas do *corpus* deste trabalho é efetuada no Capítulo 6. Porém, não é examinado se as construções clivadas do *corpus* contêm foco múltiplo (conceito proposto por Hedberg), uma vez que aqui não se

analisa o acento prosódico. Todas as análises efetuadas aqui levam em consideração a sintaxe, a semântica e a pragmática da língua escrita, como previamente colocado.

Neste capítulo, são vistos os trabalhos mais importantes relacionados à clivagem, desde os estudos pioneiros até trabalhos mais recentes efetuados na área. Entre eles, destacam-se os trabalhos de Quirk e Greenbaum (1973) e de Lambrecht (2001) para o inglês e os trabalhos de Longhin (1999) e de Longhin e Ilari (2000) para o português. Ademais, são mostrados trabalhos que analisam a estrutura informacional na clivagem, dentre os quais se destacam os trabalhos de Prince (1978) e, novamente, de Lambrecht (2001). A seguir, são expostos os métodos de análise das construções em exame nesta tese, além de se argumentar sobre a seleção do *corpus* compilado para as análises propostas aqui.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As análises que aqui se projetam têm como meta, a partir da preparação de um panorama dos usos das construções clivadas na língua escrita do inglês e sua tradução para a língua portuguesa brasileira, verificar quais construções clivadas portuguesas correspondem a uma certa construção inglesa, partindo-se do princípio de que o tradutor procurou manter, não apenas o significado, mas o efeito de pôr em foco a informação que vem como nova, na maior parte dos casos. É com essa finalidade que o *corpus* a ser especificado a seguir foi escolhido.

4.1 A seleção do *corpus*

A fim de cumprir a meta proposta, procede-se à compilação de um *corpus* com dados de construções clivadas composto de livros do autor Dan Brown (que foram *best-sellers*) e suas respectivas versões traduzidas para o PB, a saber: *Angels and Demons* (2000) – *Anjos e demônios* (2004a), *The Da Vinci Code* (2003) – *O Código Da Vinci* (2004b) e *The Lost Symbol* (2009a) – *O Símbolo Perdido* (2009b).

Foram selecionados livros de um mesmo autor para que não entrasse em questão, nas diferenças tradutórias, uma diversidade de estilos autorais. Esse romancista foi escolhido porque seus livros são reconhecidos mundialmente, lidos no original, e, além disso, ele escreve com uma linguagem coloquial, não rebuscada, aproximando-se da língua falada, isto é, é um escritor no qual pode-se considerar que não há particularidades de estilo muito fortes, que separariam essa linguagem da linguagem usual. Dentro do conjunto da obra de Dan Brown, escolheram-se essas três por serem das mais reconhecidas do autor²³ e, além disso, com, basicamente, o mesmo tipo textual e tema.

A análise efetuada neste trabalho tem foco em uma possível catalogação dos tipos que há de clivagem no PB vista em relação à catalogação dos tipos de construções clivadas já existentes em inglês, não partindo do princípio de que se fará uma catalogação derivada da que já existe no inglês – o que acontece em alguns trabalhos já efetuados na área, por conta de a teorização da clivagem ser toda feita em inglês –, mas, a partir da análise dos enunciados em si, nomeiam-se os diferentes tipos encontrados e, a partir disso, coteja-se com a catalogação que já está feita. Como as línguas se organizam diferentemente, tem de haver uma

²³ Um exemplo desse amplo reconhecimento é que as obras *Angels & Demons* e *The da Vinci Code* foram até motivo de filme.

organização de tipos de clivagem para cada língua, sendo que a análise de uma não se contamine com a da outra. Desse modo, o objetivo aqui é verificar os tipos de clivagem em língua portuguesa cuja explicitação seja feita por expedientes da própria língua portuguesa, examinando a construção inglesa apenas como análise comparativa sobre a sintaxe, a semântica e a pragmática da clivagem.

Um apontamento muito importante é o de que as três obras dispõem de três diferentes tradutores. Verificando-se tradutores diferentes, tem-se uma melhor amostra do que é possível em construções clivadas em língua portuguesa, isto é, a análise não ficará presa ao estilo de um tradutor. Trata-se de diferentes usuários da língua portuguesa, criadores de texto experientes dessa língua que, com certeza, dispõem de todos os expedientes dessa língua para clivar, cada um a seu modo, e estarão usando livremente esses expedientes. Assim, fornecerão uma amostra que, se houver grande diversidade de possibilidades, mostrará muito bem essa diversidade. Neste trabalho, analisa-se como os tradutores em português trabalham com a clivagem, independentemente de quem seja esse tradutor, afinal, são todos brasileiros e falantes de português.

É valioso destacar também que se pretendeu justamente obter um exame que, pelo *corpus* de língua inglesa já existente, permitisse comparar os expedientes postos em ação em construções que, como versões da mesma proposta significativa, revelam opções construcionais de clivagem em PB por vezes diferentes das que ocorrem em inglês. Ou seja, mediante construções que já estavam feitas numa língua, produzindo determinado significado e efeito, examina-se que construções se fariam na outra língua para produzir o mesmo significado e efeito. Trata-se da verificação de diferentes correspondências possíveis em PB para uma mesma construção em inglês. A partir desse exame, objetiva-se determinar os efeitos dos diferentes modos de clivagem, assim como verificar a natureza da informação dos dados. Busca-se também verificar se os efeitos de foco são mantidos no texto de chegada, bem como testar a tipologia da clivagem em PB e, com isso, propor uma nova classificação para a clivagem nessa língua. Outro objetivo desta pesquisa é o de abarcar um termo adverbial como constituinte focalizado nos estudos da clivagem.

Por se realizar essa análise a partir do processo de tradução, entende-se, neste trabalho, que o texto traduzido é parte do *corpus*. Com base nessa premissa, seguem-se algumas postulações a respeito desse processo, as quais são consideradas importantes para o exame desse tipo de *corpus*. Primeiramente, defende-se, aqui, que o tradutor dispõe de liberdade autoral que lhe permite efetuar escolhas lexicais e gramaticais. Essa posição tomada segue a linha de Jakobson (1977, p. 65), para quem traduzir é substituir “mensagens em uma das

línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua”. Nesse sentido, a tradução é uma forma de discurso indireto: “o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes” (JAKOBSON, 1977, p. 65-66). Sendo assim, o tradutor se comporta como intérprete das mensagens. Nesse viés, Oustinoff (2011) argumenta que a etimologia de “traduzir” é “conduzir”, “levar para o outro lado”.

De acordo com Hatim e Mason (1990), em uma perspectiva funcionalista em que cada modelo de tradução se adapta ao contexto de situação de um determinado texto, cabe ao tradutor mostrar não apenas uma habilidade bilíngue, mas também uma visão bicultural na tarefa de estabelecer mediação entre culturas e ideologias de povos distintos. Traduzir é lidar com diferenças entre línguas, mas também entre contextos de cultura e de situação. Nesse sentido, a tradução tem de ser descrita, analisada e observada em seu real funcionamento, na interação.

Arrojo (1999), baseada na concepção desconstrutivista de Derrida, claramente mostra que, ao ser traduzido, o texto deixa de ser a representação “fiel” de um objeto estável e passa a ser “uma máquina de significados em potencial” e, assim, passa a ter a imagem de um *palimpsesto*²⁴, um texto “que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura do ‘mesmo’ texto” (ARROJO, 1999, p. 23). Partindo-se do pressuposto de que o texto possa ter muitos significados, entende-se que o tradutor tem uma responsabilidade autoral, interferindo e tomando partido a cada opção que faz e, com isso, ele exerce uma intervenção linguística, política, cultural e social (ARROJO, 1996). Nesta proposta, como já apontado, trabalha-se com textos que, desde as primeiras análises, demonstram mudanças estruturais nas versões em PB, isto é, o que se vê é que o texto de chegada é como um *palimpsesto*.

Nesse sentido, para Derrida (1998 apud SILVA, 2007, p. 50), os textos traduzidos nunca dizem a mesma coisa que o “original”, pois sempre ocorre algo novo. “Inclusive, ou sobretudo, nas boas traduções”. O autor crê que o texto traduzido traz outra coisa; mas outra coisa que está em relação com si mesma. “Este é o paradoxo da tradução”, pelo qual o autor se interessa. Na concepção de Derrida (2001), na mesma linha de Arrojo (1996; 1999), o ato de traduzir, a operação tradutória, torna-se eminentemente cultural, uma vez que envolve contextos, registros e lugares de enunciação diferenciados (SILVA, 2007, p. 51).

²⁴ Antigo material de escrita, como o pergaminho, reutilizado algumas vezes por meio de raspagem (ARROJO, 1999).

4.2 O método de análise

Como procedimento inicial de análise, fez-se, no *corpus*, a recolha de ocorrências das construções em exame. São estes os procedimentos efetuados: (i) definem-se expressões recorrentes em cada um dos tipos de construção clivada propostos por Lambrecht (2001), como: para as *it-cleft sentences*, *it* seguido de uma forma do verbo *be* conjugada; para as *wh-cleft sentences*, palavras *wh* (*what*, *who*, *where* e *when*), além de uma forma do verbo *be* flexionada ao longo da construção; e para as *reverse wh-cleft sentences*, essas mesmas palavras *wh* precedidas por uma forma do verbo *be* conjugada; (ii) buscam-se as ocorrências em inglês nas obras citadas acima a partir de uma busca nos arquivos em PDF das obras e, ao mesmo tempo, buscam-se as expressões traduzidas nas versões em PB a partir da página correspondente no arquivo em PDF das obras traduzidas; (iii) separam-se as ocorrências por tipos de construções clivadas, com base nos tipos propostos por Lambrecht (2001) em documento de texto (o que consta em apêndice) a fim de padronizar a análise quantitativa; (iv) verifica-se a estrutura das construções clivadas em ambas as línguas, atentando-se para a determinação dos fatores que se mantêm e dos que se alteram na língua de chegada sem o auxílio de programas específicos para quantificação e análise de dados; (v) investiga-se qualitativamente o nível semântico-pragmático das construções em exame, isto é, verifica-se se elas apresentam um efeito contrastivo ou outro efeito não previsto em trabalhos da área; (vi) analisam-se (também qualitativamente) as construções clivadas no âmbito pragmático, isto é, buscam-se as possíveis razões das escolhas feitas pelo tradutor, tendo em vista as evidentes diferenças entre as línguas no que concerne às construções clivadas.

Entre as questões sintáticas, semânticas e pragmáticas analisadas, encontram-se as listadas a seguir: (i) tempos e aspectos verbais; (ii) tipo de constituinte focalizado (nominal, adverbial circunstancial, oracional); (iii) função sintática do constituinte focalizado (sujeito, objeto ou outros); (iv) presença ou ausência de marcadores especiais de Foco; (v) tipo de informação (dada, nova ou inferível); (vi) valor semântico (contrastivo ou não); (vii) forma do Tópico (oração relativa livre ou termo complexo com núcleo nominal geral).

Evidentemente, esses itens serão analisados para cada uma das duas línguas sob investigação, para que se possa fazer um quadro comparativo entre elas e averiguar as mudanças ocorridas na tradução do inglês para o PB, e para que seja possível investigar as razões pragmáticas das opções estruturais dos tradutores de cada obra.

Foram encontradas, no *corpus* de língua inglesa, 216 construções clivadas (84, 52 e 80, divididas nas três obras em análise, respectivamente²⁵). Em PB, por outro lado, apenas 167 construções (66, 45 e 56, divididas nas três obras em PB) se mantêm clivadas. Entre essas três partes do *corpus*, foram analisadas diversas regularidades, tanto em termos de frequência dos expedientes de clivagem quanto em termos de correspondência estrutural de uma língua para outra. Também se verificam, porém, algumas divergências entre as obras no que tange a essas questões, como será visto a seguir. Essa separação dos dados quantitativos entre obras permite identificar distribuições diferentes das estratégias, uma vez que, como já colocado, cada obra tem um tradutor diferente. Dessa forma, se os dados de uma obra se comportarem de maneira muito distinta dos outros, conclui-se que o tradutor efetuou mudanças estilísticas que não devem ser levadas em consideração no exame das construções clivadas em si.

Como visto neste capítulo, a tradução de obras do inglês para o PB é, nesta tese, um meio de análise das construções clivadas e, por isso, foram considerados alguns conceitos do processo de tradução que se seguem aqui. Foram mostrados também os procedimentos efetuados para o exame da clivagem e as questões a serem analisadas. Como visto, algumas construções não se mantêm clivadas, isto é, encontram-se algumas divergências entre o texto de partida e o de chegada, além de que foram encontradas regularidades em relação às questões já apontadas. É o que se discute no capítulo a seguir.

²⁵ Para efeitos de referência, a obra *Angels & Demons* (Anjos e Demônios) é denominada como obra/livro 1; como obra/livro 2, designa-se *The Da Vinci Code* (O Código da Vinci); e *The Lost Symbol* (O Símbolo Perdido) é denominada como obra/livro 3.

5 CATALOGAÇÃO DOS TIPOS DE CLIVAGEM EM PB E RESULTADOS QUANTITATIVOS

Neste capítulo, são mostrados os tipos de clivagem, tanto em inglês quanto em PB, e suas porcentagens de frequência, bem como as correspondências ou divergências de expediente na tradução. Além disso, é efetuada aqui a devida renomeação para os tipos de CCs em PB.

5.1 Considerações iniciais sobre a análise

Foram encontrados, no *corpus* em inglês, os três tipos de construções clivadas (CCs) propostos por Lambrecht (2001), a saber: *it-clefts*, *wh-clefts* e *reverse wh-clefts*. Quanto à relação entre as duas línguas que estão em exame, parte-se do princípio de que, como era de esperar, por tratar-se de dois sistemas de língua diferentes, os expedientes de clivagem nem sempre correspondem construcionalmente, na tradução do inglês para o PB, e os graus de correspondência, nos diversos casos, são diferentes. Quando esses expedientes correspondem²⁶, considera-se aqui que houve *manutenção de expediente*, ou *de tipo*. Quando não correspondem, há duas possibilidades: (1) ou o tradutor mudou o tipo de clivagem, no texto traduzido, o que aqui se denomina como *mudança de expediente* ou *de tipo*; (2) ou o tradutor não empregou uma CC na língua de chegada, situação que se denomina aqui como *abandono de expediente de clivagem*.

Há algumas diferenças construcionais entre o inglês e o PB, nos casos em que se considera que fica mantido o expediente de clivagem (CCs), exatamente pelo fato de os sistemas das línguas serem distintos. Entende-se que essas divergências construcionais não indicam que se tenha abandonado o expediente de clivagem e as diferenças construcionais se devem a idiossincrasias da língua em questão, para a expressão da clivagem.

A primeira divergência a se considerar está no fato de que as *it-clefts* se iniciam com o pronome *it* em inglês, já que não existem orações sem sujeito exposto nessa língua, ao contrário do português. Dessa forma, quando há manutenção de expediente na tradução do inglês para o PB, a divergência construcional se deve à presença desse sujeito gramatical em inglês, mas não em PB.

²⁶ Evidentemente, algumas construções apresentam divergências construcionais na tradução em PB, mas o expediente de clivagem mantém-se.

Outra diferença é que, em certos casos, os tempos verbais não correspondem exatamente na passagem de uma língua para outra, o que será analisado com maior detalhamento no capítulo seguinte. A questão das *wh-clefts* e das *reverse wh-clefts* também será verificada no próximo capítulo, quanto à falta de correspondência construcional com o PB, por o termo *what* não ter equivalente nessa língua.

5.2 Catalogação dos tipos de clivagem em PB

A fim de mostrar a importância de penetrar nas diferenças dos modos de construir e de examinar o que é que se considerou mais usual para a construção da clivagem no português em relação à gramática do inglês (que dispõe de peças construcionais diferentes das do português, como *it* e *what*), apresenta-se aqui uma refeitura da terminologia dos tipos de construções clivadas em PB relacionados exatamente com o modo de construir de cada uma. Juntamente a isso, também se estabelece aqui que a clivagem pode por em foco um elemento tanto à esquerda quanto à direita do verbo *ser* (da marcação de clivagem). Os tipos encontrados no *corpus* são divididos da seguinte maneira em relação à posição do elemento focalizado: as construções *clivadas (ser) X que(m)*, as *clivadas QU-* e as *clivadas QU-extrapostas* têm seu constituinte focalizado posicionado à direita do verbo *ser*; as construções *clivadas QU-invertidas* e as *clivadas é que* têm seu elemento focalizado posicionado à esquerda do verbo *ser*.

O tipo de clivagem *(ser) X que(m)* é o correspondente ao tipo das *it-clefts* em inglês. Outro tipo analisado em PB é o das construções *clivadas QU-* (oração QU- + *ser* + X)²⁷, que correspondem às *wh-clefts* do inglês. Um terceiro tipo em exame é o das construções *clivadas QU-invertidas* (X + *ser* + oração QU-), que são correspondentes às *reverse wh-clefts*. Em seguida, mostram-se os tipos que não foram atestados para o inglês, mas foram atestados em PB, a saber: as construções *clivadas é que* (X + *é que*) e as construções *clivadas QU-extrapostas* (*ser* + X + oração QU-).

A seguir, analisa-se quantitativamente os tipos de clivagem em inglês e suas traduções para o PB.

²⁷ Nesses esquemas, X é o constituinte focalizado.

5.3 Resultados quantitativos da análise das construções clivadas no *corpus*

Verificou-se que, em termos de conservação do expediente, as *wh-clefts* são o tipo que se coloca com o mais alto grau de correspondência nas duas línguas, em primeira análise²⁸. Em segunda posição, em termos de correspondência nas duas línguas, está o tipo *it-cleft*. E, por fim, as *reverse wh-clefts* são o tipo que menos conserva o expediente de clivagem, como se pode observar em seguida com as numerosas mudanças de expediente.

No geral, a partir da quantificação apresentada a seguir, enquanto as *wh-clefts* são o tipo que mais apresenta *manutenção de expediente* de clivagem na tradução para o PB (em uma primeira análise), o tipo que apresenta mais *mudança de expediente* é o das *reverse wh-clefts* e o tipo que apresenta maior porcentagem de *abandono* é o das *it-clefts*.

Tabela 1 – *Angels & Demons* – tipos de CCs em inglês e PB

Tipos de CCs/ Línguas	<i>It-clefts</i>		<i>Wh-clefts</i>		<i>Rev. Wh-clefts</i>		“É que”		Pseudocliv extraposta		Total
Inglês	57	67,86%	04	4,76%	23	27,38%	-----	-----	84	100%	
PB	39	59,1%	04	6,06%	16	24,24%	06	9,09%	01	1,51%	66 100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Tabela 2 – *The Da Vinci Code* – tipos de CCs em inglês e PB

Tipos de CCs/ Línguas	<i>It-clefts</i>		<i>Wh-clefts</i>		<i>Rev. Wh-clefts</i>		“É que”		Pseudocliv extraposta		Total
Inglês	36	69,23%	04	7,69%	12	23,07%	-----	-----	52	100%	
PB	35	77,78%	04	8,89%	03	6,67%	03	6,67%	-----	45 100%	

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Tabela 3 – *The Lost Symbol* – tipos de CCs em inglês e PB

Tipos de CCs/ Línguas	<i>It-clefts</i>		<i>Wh-clefts</i>		<i>Rev. Wh-clefts</i>		“É que”		Pseudocliv extraposta		Total
Inglês	36	43,9%	10	12,5%	34	42,5%	-----	-----	80	100%	
PB	38	67,86%	09	16,07%	06	10,71%	02	3,57%	01	1,78%	56 100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Outra quantificação efetuada, mostrada nas tabelas 4, 5 e 6 a seguir, é a do total de CCs em cada livro, no que tange aos modos de tradução possíveis (manutenção, mudança ou abandono do expediente clivado).

²⁸ Essa questão será problematizada de acordo com o avanço das discussões no Capítulo 6.

Tabela 4 – *Angels & Demons* – modos de tradução por tipos de CCs

Tradução / Tipos de CCs	Manutenção		Mudança		Abandono		Total de cada tipo	
<i>It-clefts</i>	37	64,91%	07	12,28%	13	22,8%	57	100%
<i>Wh-clefts</i>	03	75%	0	0%	01	25%	4	100%
<i>Rev. Wh-clefts</i>	15	65,21%	04	17,39%	04	17,39%	23	100%
Total de modos de tradução	55	65,48%	11	13,1%	18	21,42%	84	100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Tabela 5 – *The Da Vinci Code* – modos de tradução por tipos de CCs

Tradução / Tipos de CCs	Manutenção		Mudança		Abandono		Total de cada tipo	
<i>It-clefts</i>	26	72,22%	03	8,33%	07	19,44%	36	100%
<i>Wh-clefts</i>	04	100%	0	0%	0	0%	4	100%
<i>Rev. Wh-clefts</i>	03	25%	09	75%	0	0%	12	100%
Total de modos de tradução	33	63,46%	12	23,08%	07	13,46%	52	100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Tabela 6 – *The Lost Symbol* – modos de tradução por tipos de CCs

Tradução / Tipos de CCs	Manutenção		Mudança		Abandono		Total de cada tipo	
<i>It-clefts</i>	15	41,66%	02	5,55%	19	52,77%	36	100%
<i>Wh-clefts</i>	08	80%	0	0%	02	20%	10	100%
<i>Rev. Wh-clefts</i>	06	17,64%	25	73,53%	03	8,82%	34	100%
Total de modos de tradução	29	36,25%	27	33,75%	24	30%	80	100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

5.3.1 *It-clefts* / *clivadas (ser) X que(m)*

Em relação às *it-clefts*, há construções que mantiveram o expediente na tradução, como em (cf. dado 1, quadro 1, apêndice A):

59: *She had imagined her father calling CERN's top scientists to his lab, showing them his discovery, watching their awestruck faces. Then he would beam with fatherly pride as he explained to them how it had been one of Vittoria's ideas that had helped him make the project a reality...*

T: Imaginara aquele momento de forma muito diferente: seu pai convocando os maiores cientistas do CERN, mostrando-lhes sua descoberta, vendo as expressões de admiração e respeito em seus rostos. Em seguida, radiante de orgulho paterno, ele explicaria a eles como **havia sido uma ideia de Vittoria que o ajudara a transformar o projeto em realidade...**

Há, por outro lado, construções que mudaram o expediente, como em (cf. dado 33, quadro 5, apêndice A):

<p>60: <i>The object they were pondering on the monitor was a canister of some sort - a canister with transparent sides. That much was easy. It was the rest that was difficult.</i></p>	<p>T: O objeto que eles observavam no monitor era um tipo de tubo, um cilindro com laterais transparentes. Até aí, era fácil. O resto é que era difícil.</p>
--	--

E, por fim, há aquelas *it-clefts* em que houve abandono de expediente de clivagem na tradução para o PB, como em (cf. dado 38, quadro 6, apêndice A):

<p>61: <i>“Someday I will ask your forgiveness for placing you in this position. Today I ask for your obedience. Vatican laws are established to protect this church. It is in that very spirit that I command you to break them now.”</i></p>	<p>T: - Um dia, vou pedir perdão a vocês por tê-los colocado nesta situação. Hoje, peço que me obedeam. As leis do Vaticano foram estabelecidas para proteger esta igreja. Com esse mesmo espírito, exijo que agora as infrinjam.</p>
--	---

Verifica-se que esse expediente de clivagem (*it-clefts*) é o mais frequente no *corpus* em inglês, nas 3 obras, como se vê nas tabelas 1, 2 e 3 acima.

Em termos de frequência das *it-clefts*, houve correspondência construcional na tradução, isto é, manutenção do expediente de clivagem, nas obras 1 e 2, mas não na obra 3, em que há numerosas mudanças de expediente de outro tipo para *it-cleft*, o que ocasiona uma porcentagem de *it-clefts* muito maior em PB. A ocorrência de *it-cleft* (59), acima, exemplifica a manutenção desse expediente.

A porcentagem de mudança de expediente na tradução das *it-clefts* para o PB é baixa, como se verifica nas tabelas 4, 5 e 6. A mudança mais frequente é para o tipo “é que” em PB (10 ocorrências de 12 que mudam o expediente), o que significa que a estrutura “verbo ser + que” é frequentemente mantida, apenas a ordem dos constituintes é trocada, como se vê no exemplo (60) de *it-cleft*, já mostrado acima, com mudança de expediente na tradução.

Quanto ao abandono de expediente de clivagem na tradução das *it-clefts*, as construções dos livros 1 e 2 apresentam baixa porcentagem, como também se verifica nas tabelas 4, 5 e 6 acima. O livro 3 é o único em que a porcentagem de abandono é maior que a de manutenção de expediente. A terceira ocorrência de *it-cleft* dada, ocorrência (61), exemplifica esse abandono.

5.3.2 Reverse *wh-clefts* / *clivadas QU- invertidas*

As *reverse wh-clefts* também apresentaram ocorrências que mantiveram o expediente de clivagem, como em (cf. dado 62, quadro 14, apêndice A):

62: <i>The building seemed deserted. “Where is everyone?” he asked. The lack of activity was hardly what he expected [...].</i>	T: O prédio parecia deserto. - Onde está todo mundo? - perguntou. A ausência de atividade não era o que ele esperava [...].
--	---

Também há aquelas que mudaram de expediente na tradução, como em (cf. dado 77, quadro 16, apêndice A):

63: <i>Do I believe in God? He had hoped for a lighter topic of conversation to pass the trip. A spiritual conundrum, Langdon thought. That’s what my friends call me.</i>	T: Se eu acredito em Deus? Esperava que pudesses conversar sobre um assunto mais leve para o tempo da viagem passar mais depressa. Um enigma espiritual, pensou Langdon. É assim que meus amigos me chamam.
---	---

Ainda há aquelas que abandonaram a clivagem em PB, como em (cf. dado 81, quadro 18, apêndice A):

64: <i>Langdon had to admit, the Pantheon was not what he had expected for the placement of the first marker.</i>	T: Langdon tinha de admitir que o Panteão não era o lugar que esperara para o primeiro marco.
--	---

A partir da verificação do *corpus* em inglês, como se vê nas tabelas 1, 2 e 3, tem-se que as *reverse wh-clefts* são o tipo de CC que ocupa o segundo lugar em termos de frequência. Na análise da tradução das ocorrências desse tipo, há uma discrepância entre as obras no que tange à manutenção do expediente de clivagem. Essa manutenção é exemplificada pela ocorrência (62), de *reverse wh-clefts*, dada acima.

Na obra 1, a manutenção desse tipo de CC é mais frequente, porém, nas obras 2 e 3, há baixa porcentagem de manutenção do expediente na tradução, como se vê novamente nas tabelas 4, 5 e 6 acima.

Também há uma alta porcentagem de mudança de expediente de *reverse wh-clefts* em PB, exceto pelo livro 1, como também se vê nas tabelas 4, 5 e 6. A mudança mais frequente na tradução é de *reverse wh-clefts* para *it-clefts* (34 de 38 ocorrências), como se observa no segundo exemplo de *reverse wh-cleft*, ocorrência (63), com mudança de expediente.

Ademais, há, nas três obras analisadas, baixa frequência de *reverse wh-clefts* que abandonam o expediente de clivagem na tradução, o que se exemplifica pela terceira ocorrência de *reverse wh-clefts* dada, ocorrência (64).

5.3.3 *Wh-clefts* / *clivadas QU-*

No que tange às *wh-clefts*, à primeira vista²⁹, interpreta-se que a grande maioria das ocorrências desse tipo mantém o expediente de clivagem na tradução, como em (cf. dado 60, quadro 12, apêndice A):

<p>65: <i>Though some thought it a masterpiece, Pope Urban VIII had rejected The Ecstasy of St. Teresa as too sexually explicit for the Vatican. What had caught Langdon's eye was that the work had apparently been placed in one of the five churches on his list.</i></p>	<p>T: Considerada uma obra-prima por alguns, o Papa Urbano VIII recusou O Êxtase de Santa Teresa alegando que se tratava de uma obra sexualmente muito explícita para o Vaticano. O que despertou o interesse de Langdon foi constatar que essa capela era uma das cinco igrejas de sua lista.</p>
---	--

Entre as *wh-clefts*, ainda em uma primeira análise, nenhuma ocorrência muda de estrutura clivada na tradução para o PB, diferentemente do que ocorre nos outros tipos de CCs. E, por fim, apenas uma pequena parte de *wh-clefts* apresenta, na tradução, o abandono de expediente, como em (cf. dado 61, quadro 13, apêndice A):

<p>66: <i>Glick had come to expect Macri's cynicism, but what she was forgetting was that liars and lunatics had been Glick's business for almost a decade at the British Tattler.</i></p>	<p>T: Glick já esperava a reação sarcástica de Macri, mas ela estava esquecendo que ele lidara com mentirosos e lunáticos por mais de dez anos no British Tattler.</p>
---	--

Esse tipo de clivagem das *wh-clefts* é o menos frequente em inglês, em todas as obras do *corpus*, como se vê nas tabelas 1, 2 e 3 acima. A porcentagem de manutenção de expediente de *wh-clefts* na tradução é alta (em primeira análise), nas três obras analisadas. Um exemplo dessa manutenção pode ser visto na ocorrência (65) acima.

Ademais, esse tipo de CC apresenta praticamente o mesmo número de ocorrências em PB, isto é, poucas ocorrências abandonam o expediente da clivagem na tradução, apenas uma ocorrência na obra 1 e duas ocorrências na obra 3. Um dos raros exemplos de abandono da clivagem de *wh-clefts* é a segunda ocorrência dada acima, ocorrência (66).

5.3.4 Modos de tradução por tipos de CCs em cada obra analisada

A priori, a partir da verificação das tabelas 4, 5 e 6 acima, conclui-se que o livro 1 é o que apresenta maior porcentagem de manutenção de expediente de clivagem. O livro 3 é o

que apresenta maiores porcentagens tanto de mudança de expediente de clivagem, quanto de abandono de expediente. Verifica-se também que todos os tradutores tenderam a manter a estrutura clivada, embora na obra 3 haja pouca diferença de porcentual entre os modos de traduzir.

O total no conjunto das três obras em relação aos modos de tradução (manutenção, mudança e abandono de expediente de clivagem) é o que se demonstra na tabela 7. Apesar de ter sido verificada cada obra separadamente para concluir sobre os resultados de cada uma de maneira individual, a Tabela 7 mostra essa unificação das obras uma vez que a separação delas não se tornou relevante para a discussão a seguir:

Tabela 7 – Todas as obras – modos de tradução separados por tipos de CCs

Tradução / Tipos de CCs	Manutenção		Mudança		Abandono		Total de cada tipo	
<i>It-clefts</i>	78	60,46%	12	9,30%	39	30,23%	129	100%
<i>Wh-clefts</i>	15	83,33%	0	0%	03	16,67%	18	100%
<i>Rev. Wh-clefts</i>	24	34,78%	38	55,07%	07	10,14%	69	100%
Total de modos de tradução	117	54,16%	50	23,15%	49	22,68%	216	100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Verifica-se, portanto, que as *it-clefts* tendem à manutenção do expediente na tradução para o PB, mas há também uma porcentagem relativamente alta de abandono, sendo que a mudança de expediente tem baixa frequência. Entre as *wh-clefts*, na maioria dos casos mantém-se o expediente, não havendo nenhuma mudança e com frequência de abandono muito baixa. Em contraste com as outras duas construções, as *reverse wh-clefts* apresentam uma maior porcentagem de mudança de expediente na tradução, havendo também uma porcentagem relativamente alta de manutenção, sendo que o abandono de expediente tem baixa frequência. No geral, dentre todos os tipos de clivagem em todas as obras, verifica-se a tendência a manter o expediente.

²⁹ Analisa-se aqui à primeira vista, pois tem-se a hipótese de que esse tipo de CC apresenta mudança de estrutura sintática, mesmo mantendo o conteúdo informacional, o que será discutido no capítulo 6 com uma problematização do assunto.

5.3.5 Ocorrências de cada tipo de CCs em cada língua em exame

Também foram quantificados o número de ocorrências e a porcentagem de cada tipo de CC nas duas línguas em exame (cf. Tabelas 8 e 9), a fim de se verificar quais tipos são mais comuns em cada língua, dentro do *corpus* examinado. Em PB, levou-se em consideração todos os modos de tradução. Dessa maneira, para cada tipo de clivagem, são quantificadas quantas ocorrências foram mantidas, quantas mudaram de expediente e quantas abandonaram a clivagem.

Tabela 8 – Tipos de CCs em cada uma das obras em inglês

Tipos de CCs / Obras em inglês	<i>It-clefts</i>		<i>Wh-clefts</i>		<i>Reverse wh-clefts</i>		Total de CCs por livro	
<i>Angels & Demons</i>	57	67,86%	04	4,76%	23	27,38%	84	100%
<i>The Da Vinci Code</i>	36	69,23%	04	8,89%	12	23,07%	52	100%
<i>The Lost Symbol</i>	36	43,9%	10	12,5%	34	42,5%	80	100%
Total de cada tipo	129	59,73%	18	8,33%	69	31,94%	216	100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Tabela 9 – Tipos de CCs em cada uma das obras em PB

Tipos de CCs / Obras em PB	Clivadas (<i>ser</i>) <i>X que(m)</i>		Clivadas <i>QU-</i>		Clivadas <i>QU-</i> <i>invertidas</i>		Clivadas <i>é que</i>		Clivadas <i>QU-</i> <i>extrapostas</i>		Total de CCs por livro	
<i>Anjos e Demônios</i>	39	59,1%	04	6,06%	16	24,24%	06	9,09%	01	1,51%	66	100%
<i>O Código Da Vinci</i>	35	77,78%	04	8,89%	03	6,67%	03	6,67%	0	0%	45	100%
<i>O Símbolo Perdido</i>	38	67,86%	09	16,07%	06	10,71%	02	3,57%	01	1,78%	56	100%
Total de cada tipo	112	67,04%	17	10,18%	25	14,98%	11	6,58%	02	1,20%	167	100%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Como consta nas tabelas 8 e 9, as *it-clefts/ clivadas (ser) X que(m)*, que apresentam maior frequência em inglês, também são as mais frequentes em PB, o que se aproxima dos resultados encontrados por Braga e Barbosa (2009). Verifica-se que esse tipo de CC apresenta maior porcentagem em PB nas obras 2 e 3, uma vez que, como já exposto, em muitas *reverse wh-clefts* há mudança para *clivadas (ser) X que(m)* na tradução (34 ocorrências de 38), como em (cf. dado 205, quadro 56, apêndice C):

67: <i>He pictured the tiny engraving on the east-facing side of the aluminum tip and realized to his amazement that the first ray of sunlight to hit the nation's capital, every single day, did so by illuminating two words:</i>	T: Pensou na pequena inscrição na lateral leste do cume de alumínio e se deu conta, para seu espanto, de que o primeiro raio de luz do sol a atingir a capital todos os dias iluminava duas palavras: Laus Deo.
--	--

Laus Deo.

“Robert,” Katherine whispered. “Nobody ever gets to come up here at sunrise. **This is what Peter wanted us to witness.**”

– Robert - sussurrou Katherine -, ninguém nunca vem aqui ao nascer do sol. **Era isso que Peter queria que nós víssemos.**

As *reverse wh-clefts/ clivadas QU- invertidas*, que ocupam a segunda posição em termos de frequência na língua inglesa, em todas as obras, apresentam taxas bastante distintas na tradução para o PB na comparação entre os três livros em análise, como também se vê nas tabelas 7 e 8. No livro 1, esse tipo de CC também se apresenta na segunda posição em PB. Nas obras 2 e 3, porém, esse tipo vai para a terceira posição no texto traduzido.

Como também se verifica nas tabelas 8 e 9, em última posição em termos de frequência na língua inglesa estão as *wh-clefts*. Em PB, porém, apenas na obra 1 esse tipo de CC se apresenta na última posição. Nas obras 2 e 3, esse tipo de clivagem se encontra na segunda posição em PB.

Além desses 3 tipos de CC que foram encontrados no *corpus* tanto em inglês quanto em PB, nessa última língua foram encontrados outros dois tipos, os quais não foram atestados na língua inglesa, a saber: as construções *clivadas é que*, como em (cf. dado 34, quadro 5, apêndice A): **As questões humanas e espirituais é que a deixavam desorientada.**; e as *clivadas QU- extrapostas*, como em (cf. dado 192, quadro 56, apêndice C): [...] **era exatamente isso o que Katherine vinha fazendo.**

As construções *é que*, como já exposto, são traduzidas principalmente de *it-clefts*. Verifica-se que as estruturas de ambas as construções são similares, com mudança apenas na ordem de constituintes. Assim, as construções *é que* correspondem mais às *it-clefts* do que às *reverse wh-clefts* e às *wh-clefts*. Esse tipo de construção foi catalogado também por Braga e Barbosa (2009), porém com uma frequência muito maior. Deve-se essa discrepância de resultado entre este estudo e o das autoras pelo fato de que elas analisaram *corpus* de língua falada e aqui analisa-se a modalidade escrita da língua, que tende a ser mais fixa em termos de sintaxe. A fim de ilustração, repete-se aqui uma ocorrência em que ocorre essa mudança de *it-cleft* para construção *é que*:

68: *The object they were pondering on the monitor was a canister of some sort - a canister with transparent sides. That much was easy. It was the rest that was difficult.*

T: O objeto que eles observavam no monitor era um tipo de tubo, um cilindro com laterais transparentes. Até aí, era fácil. **O resto é que era difícil.**

As *clivadas QU- extrapostas*, por sua vez, com apenas 2 ocorrências em todo o *corpus*, são traduzidas de *reverse wh-clefts*, as quais também contêm os mesmos constituintes

estruturais da construção em inglês, com mudança de ordem destes, como se vê em (cf. dado 78, quadro 16, apêndice A):

<p>69: <i>With less than twenty-five minutes left until midnight, the people were still packed together, some praying, some weeping for the church, others screaming obscenities and proclaiming that this was what the church deserved [...].</i></p>	<p>T: Faltavam menos de 25 minutos para a meia-noite e as pessoas ainda estavam amontoadas lá, umas rezando, outras chorando pela Igreja, algumas gritando obscenidades e proclamando que era isso mesmo o que a igreja merecia [...].</p>
--	--

Com isso, conclui-se que o *corpus* de PB, além de apresentar as mesmas estruturas clivadas do inglês (correspondentes às *it-clefts*, *wh-clefts* e *reverse wh-clefts*), apresenta outras duas (*clivadas é que* e *clivadas QU- extrapostas*), que contêm os mesmos constituintes estruturais daquelas, mas que mudam de posição na sentença, o que comprova que o PB dispõe de um número maior de expedientes de clivagem.

5.3.6 O tipo “É / QUE” nas obras em análise

Quanto à relação entre as construções *clivadas é que* e as *clivadas (ser) X que(m)* em PB, apresenta-se a seguir uma tabela (cf. Tabela 10), em que se quantificam juntamente os dois tipos, nomeados aqui em geral como “É / QUE”, com os dois elementos tanto posicionados juntos (tipo *é que*), quanto separados (tipo *(ser) X que(m)*).

Tabela 10 – O tipo “É / QUE” nas três obras em PB

Modo de ocorrência / Obra	Junto (é que)		Separado ((ser) X que(m))		Total (É / QUE)	
<i>Anjos e Demônios</i>	06	9,09%	39	59,1%	45	68,18%
<i>O Código Da Vinci</i>	03	6,67%	35	77,78%	38	84,44%
<i>O Símbolo Perdido</i>	02	3,57%	38	67,86%	40	71,43%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Como se verifica, no livro 1 em PB, há um percentual de *clivadas (ser) X que(m)* ligeiramente maior em inglês (67,86%). O livro 2 do PB, por sua vez, supera ainda mais que o livro 1 a taxa de *clivadas (ser) X que(m)* do inglês (69,23%). Por fim, a terceira obra do PB apresenta um percentual muito maior de *clivadas (ser) X que(m)* do texto inglês (43,9%).

Com isso, conclui-se que o tipo “É / QUE” (tanto com os termos posicionados juntos, quanto com os termos separados) é o expediente de clivagem mais frequente do *corpus* em PB, assim como as *it-clefts* são o expediente mais frequente do *corpus* em inglês, como já visto.

São exibidos, neste capítulo, os resultados da análise quantitativa das CCs em ambas as línguas em exame, com os percentuais de frequência dos tipos de CC, além de ter sido efetuada uma catalogação dos tipos de clivagem para o PB. É uma discussão desses resultados que se segue no próximo capítulo.

6 DISCUSSÃO SOBRE OS ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DA CLIVAGEM

No presente capítulo, são considerados aspectos relevantes da clivagem, a fim de se criar um amplo panorama desse tipo de construção em PB. É importante destacar aqui que, como visto, algumas CCs do inglês não são traduzidas como CCs em PB. Esse abandono de clivagem pode ser feito pelo tradutor pelo fato de a manutenção no PB da mesma estrutura clivada provavelmente causar um certo ruído no leitor brasileiro, dado que a construção perderia a naturalidade em PB. Pode-se notar isso numa possível tradução (“isso é o que se deve sentir ao ser uma criança cristã”, que, claramente, soa estranha em PB, mas mantém a mesma estrutura clivada) da ocorrência (3) já mostrada e repetida a seguir (cf. dado 80, quadro 18, apêndice A).

<p>70: <i>Although his people did not celebrate Christmas, he imagined that this is what it must feel like to be a Christian child, sitting before a stack of Christmas presents, about to discover the miracles inside.</i></p>	<p>T: Seu povo não comemorava o Natal, mas essa deveria ser a sensação que as crianças cristãs experimentavam diante de uma pilha de presentes, prestes a descobrir os mistérios que continham.</p>
--	---

6.1 Verificação das traduções para cada tipo de construção inglesa

A seguir, apresenta-se uma verificação de traduções encontradas no *corpus* a partir de cada tipo de clivagem em inglês e as discussões de cada caso. O primeiro tipo a se examinar é o das *it-clefts*.

6.1.1 Traduções a partir de *it-clefts*

Tabela 11 – Traduções a partir de *it-clefts*

Denominação de clivagem em inglês	Tradução em PB para tipo:	Números/porcentagem Total: 129 / 100%
<i>It-clefts</i> (<i>It (be) X that</i>)	<i>Clivadas (ser) X que(m)</i> (manutenção)	78 / 60,46%
	<i>Clivadas é que</i>	10 / 7,75%
	<i>Clivadas QU-</i>	1 / 0,77%
	Não clivadas (abandono)	39 / 30,24%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Como se vê na tabela, o tipo de clivagem *it-cleft* tende a manter o expediente de clivagem (salvo diferenças construcionais entre as línguas) na tradução do inglês para o PB, com cerca de 60% de frequência de construções *clivadas (ser) X que(m)* em relação ao total em inglês. Exemplifica-se esse procedimento tradutório de manutenção de expediente com a ocorrência (12) já mostrada e repetida aqui:

<p>71: <i>Before Chartrand saw Kohler's camcorder, Langdon slipped it into his deepest jacket pocket. Kohler's final message can rot in hell! It was the voice of the camerlegno that broke the silence.</i></p>	<p>T: Antes que Chartrand visse a pequenina câmera, Langdon enfiou-a no bolso mais fundo de seu paletó. A mensagem final de Kohler que vá para o inferno! Foi a voz do camerlengo que quebrou o silêncio.</p>
---	---

Quando há mudança de expediente na tradução de *it-clefts*, o tipo mais frequente na tradução é o de uma construção *clivada é que*, expediente de clivagem estruturalmente semelhante ao das *it-clefts*, mas com mudança de ordem dos constituintes sintáticos e com cristalização do verbo ‘ser’ na forma da terceira pessoa do singular do presente do Indicativo (‘é’). É o caso da construção a seguir (cf. dado 34, quadro 5, apêndice A):

<p>72: <i>Nature was her refuge. She understood nature. But it was matters of man and spirit that left her mystified.</i></p>	<p>T: A natureza era seu refúgio. Ela compreendia a natureza. As questões humanas e espirituais é que a deixavam desorientada.</p>
--	--

Em inglês, o constituinte focal ‘*matters of man and spirit*’ vem após o sujeito gramatical ‘*it*’, e o verbo *be* vem no passado. Na tradução, o constituinte focal correspondente ‘as questões humanas e espirituais’ inicia a sentença, seguido da expressão cristalizada ‘é que’.

Em Braga (1991), que examina o português falado do Rio de Janeiro, a construção encontrada com maior frequência é a *clivada é que*. Nesta pesquisa, tem-se um resultado baixo das *clivadas é que*, que têm apenas 6,58% de frequência. Essa diferença existe porque, diferentemente de Braga (1991), aqui se examinam construções clivadas na modalidade escrita da língua e, além disso, analisa-se a tradução destas em relação às já construídas em inglês, língua na qual não se encontra o tipo *é que*.

Ainda em relação à mudança de expediente na tradução de *it-clefts*, além de construções desse tipo mudarem para *clivadas é que*, apenas 1 construção foi traduzida como *clivada QU-*. O caso é raro porque os dois tipos dispõem de estruturas muito diferentes, e a intenção pragmática do autor é alterada na tradução³⁰. Isso se dá justamente por a ordem dos constituintes ser alterada e pelos 2 tipos de construção possuírem peças gramaticais diferentes

³⁰ A intenção pragmática, a qual tem relação com a estrutura da informação, será discutida na seção 6.4.

(*that/* o que). Evidentemente, a rara tradução para esse tipo de clivagem deve ser entendida como uma liberdade autoral do tradutor, como em (cf. dado 35, quadro 5, apêndice A):

<p>73: <i>Of course, all of that had all been at the camerlegno's behest, so that was not the reason Glick and Macri were now locked in a Swiss Guard holding tank. It had been Glick's daring addendum to their coverage that the guards had not appreciated.</i></p>	<p>T: Claro que tudo acontecera sob os auspícios do camerlengo, portanto não era essa a razão pela qual Glick e Macri estavam presos na Guarda Suíça. O que não tinha agradado aos guardas fora aquele audacioso acréscimo de Glick à matéria.</p>
---	--

A porcentagem de abandono de expediente de clivagem na tradução das *it-clefts* também é relativamente alta: mais de 30% de frequência de transformação em construções não clivadas. Uma possível razão para essa taxa é o fato de que a construção (*ser*) *X que(m)* em PB não possui exatamente as mesmas peças gramaticais da construção correspondente inglesa. Pelo fato de o inglês necessitar usar o sujeito gramatical *it*, o que não ocorre em português, seria mais usual dispor de uma construção que marcasse o Foco de outra maneira em PB, não com clivagem. É o caso da ocorrência a seguir (cf. dado 38, quadro 6, apêndice A), que mantém a marcação de Foco, mas com o recurso de deslocamento à esquerda (Topicalização) do constituinte que era focal em inglês (*in that very spirit* / ‘com esse mesmo espírito’). O recurso de Topicalização tende a ocorrer com informação velha, como já visto, e é exatamente este o caso aqui:

<p>74: <i>“Someday I will ask your forgiveness for placing you in this position. Today I ask for your obedience. Vatican laws are established to protect this church. It is in that very spirit that I command you to break them now.”</i></p>	<p>T: - Um dia, vou pedir perdão a vocês por tê-los colocado nesta situação. Hoje, peço que me obedeam. As leis do Vaticano foram estabelecidas para proteger esta igreja. Com esse mesmo espírito, exijo que agora as infrinjam.</p>
---	---

Ainda em relação ao abandono do expediente de *it-clefts* na tradução, outro modo de manter a marcação de Foco em construções não clivadas é a utilização de marcadores especiais de Foco (DIK, 1997) do tipo de ‘só’, ‘somente’. Nesses casos, apesar de haver abandono de expediente clivado, mantém-se a proposta semântico-pragmática do texto de partida, que é a de Foco contrastivo. É o caso da construção a seguir (cf. dado 52, quadro 9, apêndice A), que não mantém a construção clivada, mas marca o Foco com o marcador especial ‘só’ no início da sentença:

<p>75: <i>Langdon looked at his shredded Harris tweed and frowned. “You had some Kleenex in your pocket”, the nurse said.</i></p>	<p>T: Langdon olhou para seu tweed Harris em frangalhos e franziu a testa. - O senhor tinha uma porção de lenços de papel em seu bolso - disse a enfermeira.</p>
--	---

It was then that Langdon saw the ravaged shreds of parchment clinging all over the lining of his jacket. **Só então Langdon notou os fragmentos de pergaminho espalhados pelo forro do paletó.**

6.1.2 Traduções a partir de *wh-clefts*

Tabela 12 – Traduções a partir de *wh-clefts*

Denominação de clivagem em inglês	Tradução em PB para tipo	Números/porcentagem Total: 18 / 100%
<i>Wh-clefts</i> (orações <i>wh-</i> (be) X)	<i>Clivadas QU-</i> (manutenção)	15 / 83,33%
	Não clivadas (abandono)	03 / 16,67%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Como se verifica na tabela, as *wh-clefts* não apresentam mudança de expediente na tradução, apenas diferenças construcionais inerentes ao sistema de cada língua³¹. A tendência é que esse tipo de construção se mantenha na tradução como a construção correspondente *clivada QU-*, que apresentam uma frequência de mais de 80%, como em (cf. quadro 12, dado 59, apêndice A):

76: *“I’m sorry, that always seems like a strange question. What I mean is that I’ve always known I would serve God.”* **T:** - Desculpe - explicou o camerlengo -, essa questão sempre parece estranha. **O que quero dizer é que sempre soube que iria servir a Deus.**

A pequena porcentagem de abandono do expediente de *wh-clefts* (menos de 20%) demonstra que, apesar das diferenças construcionais inerentes às construções em inglês e em PB, é mais frequente manter esse expediente de clivagem. Um raro exemplo de uso de uma construção não clivada na tradução em que não se mantém a marcação de Foco é o seguinte (cf. dado 61, quadro 13, apêndice A), em que a estrutura das *wh-clefts* tem um posicionamento canônico de tema-remata e esse posicionamento foi mantido na tradução:

77: *Glick had come to expect Macri’s cynicism, but what she was forgetting was that liars and lunatics had been Glick’s business for almost a decade at the British Tattler.* **T:** Glick já esperava a reação sarcástica de Macri, **mas ela estava esquecendo que ele lidara com mentirosos e lunáticos por mais de dez anos no British Tattler.**

³¹ Essas diferenças construcionais serão discutidas na seção 6.2.

6.1.3 Traduções a partir de *reverse wh-clefts*Tabela 13 – Traduções a partir de *reverse wh-clefts*

Denominação de clivagem inglês	Tradução em PB para tipo	Números/porcentagem Total: 69 / 100%
<i>Reverse wh-clefts</i> (X (be) oração wh-)	<i>Clivadas QU- invertidas</i> (manutenção)	24 / 34,78%
	<i>Clivadas é que</i>	01 / 1,45%
	<i>Clivadas (ser) X que(m)</i>	34 / 49,27%
	<i>Clivadas QU- extrapostas</i>	02 / 2,90%
	<i>Clivadas QU-</i>	01 / 1,45%
	Não clivadas (abandono)	07 / 10,15%

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2020

Como se vê, diferentemente do que ocorre com os outros tipos de clivagem, a manutenção das *reverse wh-clefts* não é o procedimento de tradução de maior frequência: a manutenção do tipo é a segunda maior frequência, com menos de 35%. A ocorrência a seguir exemplifica esse caso, em que o elemento anafórico *this* do inglês é omitido em PB, o que se dá porque o português pode ficar sem expressão do sujeito (cf. dado 125, quadro 35, apêndice B):

78: *Behind the wheel Sophie was fishing in her sweater pocket. She removed a small metal object and held it out for him. "Robert, you'd better have a look at this. This is what my grandfather left me behind Madonna of the Rocks."*

T: Dirigindo com uma só mão, Sophie procurava qualquer coisa no bolso do camisolão. Tirou de lá um pequeno objeto de metal e entregou-o.
- É melhor dar uma olhada nisto, Robert. **Foi o que o meu avô me deixou atrás da Madonna dos Rochedos.**

A maior parte das ocorrências inglesas de *reverse wh-clefts* muda o expediente para construções *clivadas (ser) X que(m)* na tradução para o PB. Isso demonstra que, em muitos casos, *clivadas QU- invertidas* e *clivadas (ser) X que(m)* são construções intercambiáveis, talvez por o constituinte focalizado estar em posição temática canônica em ambas as construções. Além disso, o tradutor pode escolher uma construção *(ser) X que(m)* em vez de uma *clivada QU- invertida* pelo fato de que as *clivadas (ser) X que(m)* são muito naturais aos falantes de PB. Segue um exemplo dessa mudança (cf. dado 128, quadro 36, apêndice B):

79: *"But the church is far more interesting by day. The sun's rays through the oculus, the graduated shadows on the gnomon, this is what makes Saint-Sulpice unique."*

T: - Mas a igreja é muito mais interessante durante o dia. Os raios de sol entrando pelo óculo, as sombras graduadas do gnômon, **é isso que torna Saint-Sulpice única.**

Outra motivação possível para tal mudança é que 11 *reverse wh-clefts* que apresentavam *where* como elemento clivador e um constituinte focal (pro)nominal em inglês passam para o PB como *clivadas (ser) X que(m)* com o elemento clivador *que* e um constituinte focal adverbial de lugar³². Essa alteração se deve ao fato de que não é frequente clivar com ‘onde’ (correspondente de *where*) em português. É o caso de (cf. dado 133, quadro 37, apêndice B):

<p>80: <i>Thirty yards ahead loomed the gateway to the Louvre's most popular section—the Grande Galerie—a seemingly endless corridor that housed the Louvre's most valuable Italian masterpieces. Langdon had already discerned that this was where Saunière's body lay [...].</i></p>	<p>T: Trinta metros mais à frente, abria-se a entrada da mais popular das seções do Louvre - La Grande Galerie - um corredor aparentemente interminável que albergava as mais famosas obras-primas italianas da coleção do museu. Langdon sabia que era ali que ia encontrar o corpo de Jacques Saunière [...].</p>
---	---

Nessa ocorrência, o elemento clivador de lugar *where* mudou para ‘que’, sendo que o constituinte focal pronominal *this* se tornou um adverbial de lugar ‘ali’ na tradução, o que mantém a proposta semântica de lugar na tradução, mas com uma construção estruturalmente distinta.

As traduções de *reverse wh-clefts* para *clivadas QU- extrapostas* (2 casos), para *clivada QU-* (1 caso) e para *clivada é que* (1 caso) ocorrem em raros dados. Atribuem-se, aqui, essas mudanças a escolhas próprias do tradutor apenas, não a razões dos sistemas das línguas. Uma mudança de *reverse-wh cleft* para *clivada QU- extraposta* é o caso do dado a seguir, que só muda a ordem dos constituintes e troca o pronome *that* pela expressão ‘o que’ em PB (cf. dado 192, quadro 56, apêndice C):

<p>81: <i>He had brought her to this place not to behold scientific marvels, but rather to create them. And that was exactly what Katherine had been doing.</i></p>	<p>T: Ele a chamara até ali não para ver maravilhas científicas, mas sim para criá-las. E era exatamente isso o que Katherine vinha fazendo.</p>
--	--

Verifica-se que em apenas cerca de 10% dos dados abandona-se a estrutura clivada de *reverse wh-cleft* na tradução para o PB. O uso de não clivadas na tradução desse tipo de clivagem também pode ser atribuído, simplesmente a questões de estilo do tradutor, já que não há uma razão linguística para o fato. Tem-se como exemplo de abandono do expediente

³² Em um caso particular, o constituinte focal é adverbial de causa, não de lugar. Isso se dá pela extensão do valor de *onde*, que deixa de ser apenas espacial, tornando-se causal também, como se vê em (cf. dado 135, quadro 37, apêndice B): And *that's where they get the silly name 'gargoyles'*. / T: **É por isso que lhes chamam gárgulas.**

de *reverse wh-cleft* na tradução a seguinte construção, que utilizou o recurso de deslocamento à esquerda, ou Topicalização, do elemento focalizado em inglês, *antimatter* / ‘anitmátéria’, para manter o Foco em PB, além de abandonar o uso da negação (cf. dado 82, quadro 19, apêndice A):

82: <i>Langdon flushed. “Well, my students enjoy.”... He frowned. “Isn’t antimatter what fuels the U.S.S. Enterprise?”</i>	T: Langdon enrubesceu. - Bem, meus alunos gostam... - Ele franziu a testa. - Antimatéria é o combustível da Enterprise?
---	--

6.2 O caso das *wh-clefts* e das *reverse wh-clefts* com ‘*what*’

Primeiramente, analisa-se aqui o expediente de clivagem das *wh-clefts* (LAMBRECHT, 2001), como na construção (2) repetida qui (cf. dado 58, quadro 8, apêndice A):

83: <i>“A librarian docent accompanies every entrant at all times. Tonight, the docents are gone. What you are requesting is carte blanche access. [...]”</i>	T: - Um bibliotecário docente acompanha todos os que entram em todas as ocasiões. Esta noite, não há nenhum docente, todos saíram do Vaticano. O que me pede é um acesso com carta branca.
--	--

Em inglês, as *wh-clefts* recebem essa denominação dado o arranjo gramatical que serve a esse tipo de clivagem. Como se verifica, o termo (pro)nominal ‘*what*’ é um exemplar desse tipo de CCs em inglês (além de outros termos –*wh*: *who*, *where*, *when*). Evidentemente, a análise efetuada aqui refere-se apenas às *wh-clefts* que contêm o termo ‘o que’ como clivador, que é a maior parte delas. Quando o elemento clivador é ‘quem’ ou ‘quando’ mantém-se o mesmo sistema do inglês para o português, pois são da mesma natureza construcional que seus correspondentes em inglês *who* e *where*. Segundo Lambrecht (2001), o termo *what* compreenderia os termos *it* e *that* das *it-clefts*. Por ser equivalente a esses dois termos, *what* não é um clivador exatamente do mesmo modo que o elemento ‘*that*’ (usado em outros casos), o que faz das *wh-clefts* do inglês construções não estritamente clivadas, do ponto de vista gramatical, já que, em princípio, entende-se que em uma construção clivada existe claramente um elemento que alavanca alguma parte da construção.

Em contrapartida, em português não há um termo pronominal assim complexo como ‘*what*’. Nessa língua, o que corresponde a um termo como esse é uma construção que faz a junção de dois termos, a saber: ‘o’ e ‘que’. Evidentemente, pois, o expediente gramatical de *wh-cleft* do inglês não tem equivalente em português, uma vez que ‘*what*’ é gramaticalmente

diferente de ‘o que’. Apesar de uma construção como “**O que me pede é um acesso com carta branca**” expressar conteúdo informativo equivalente ao de “*What you are requesting is carte blanche access*”, tem-se uma analisabilidade diferente na construção em português, por causa das peças que formam a construção. Isto é, exprime-se o mesmo efeito focal de clivagem que em inglês, porém as peças que compõem a construção têm um arranjo gramatical diferente em português, já que se estruturam de outro modo.

Por esse tipo de construção em português conter, além do elemento nominal clivado ‘o’, o elemento clivador ‘que’, como peças gramaticais, nessa língua configura-se uma construção clivada: como já se observou, há um elemento gramatical que faz que o elemento nominal fique em foco, diferentemente do que ocorre em inglês. É assim que, em inglês, tem-se uma construção considerada ‘pseudoclivada’, uma “clivada condensada”, na qual um elemento (pro)nominal ‘*what*’ condensa em si um elemento nominal clivado e um elemento gramatical clivador, não ficando explicitamente extraposto nenhum elemento. Assim, por serem gramaticalmente diferentes as construções em inglês e em português, há clivagem de diferente natureza em cada uma dessas duas línguas. De todo modo, pode-se entender que se tem o mesmo efeito de focalização nas duas diferentes construções.

Como se verifica, esse tipo de clivagem pode ser analisado por dois planos: a clivagem do ponto de vista da construção gramatical, do elemento alavancador (verifica-se o que ficou alavancado em termos gramaticais), e a clivagem do ponto de vista do efeito (verifica-se o que ficou alavancado em termos informativos). Assim, tem-se, sintaticamente, um expediente gramatical de alavancagem, e, pragmaticamente, o efeito informativo de foco. Com essa evidência de uma duplicidade de componentes a examinar, a análise de tradução efetua-se neste trabalho, verificando, primeiramente, a manutenção, ou não, do conteúdo informativo de clivagem e, em seguida, analisando os expedientes gramaticais de construção que conseguem obter efeito de focalização correspondente.

Na análise da tradução desse tipo de clivagem do inglês para o PB, verifica-se que o equivalente de tradução de ‘*what*’ é, realmente, ‘o que’. Essa correspondência significa que, ao fazer essa tradução mais transparente do ‘*what*’ e usar um ‘o que’, o tradutor, ao mesmo tempo que mantém absolutamente a construção inglesa em termos do que fica composto no todo informativo, automaticamente muda o expediente construcional da clivagem, fazendo uma construção de natureza gramatical diferente na língua de chegada. Isto é, ele mantém o mesmo efeito focal em PB, utilizando-se de uma construção que tem outra análise.

Na construção exemplificada acima, em inglês, a parte “*What you are requesting*” é o sujeito da outra oração, constituída pelo predicado “*is carte blanche access*”. Em

contrapartida, em PB tem-se uma oração adjetiva encaixada em outra (que tem sujeito e predicado): “O [que me pede] é um acesso com carta branca”. Porém a construção “*O é um acesso com carta branca” é agramatical, diferentemente de um caso em que fosse empregado o pronome ‘aquilo’, que resultaria em uma oração, como “Aquilo é um acesso com carta branca”, que pode ser entendida como “Aquilo [que me pede] é um acesso com carta branca”. Na comparação das duas construções clivadas – uma formada com ‘o que’ e outra formada com ‘aquilo que’ –, verifica-se o mesmo expediente de clivagem, com a diferença de que a última apresenta “um termo complexo que contém um núcleo nominal geral, classificatório, de tipo substitutivo [...], seguido de uma oração relativa restritiva”³³ (“Aquilo que me pede”). Esse tipo de construção, embora com baixa frequência, foi encontrado no *corpus*, sendo exemplo “Aquilo [que tanto atrapalha o Robert] é o fato da rosa desabrochada fazer lembrar o órgão genital feminino” (construção traduzida de: *What Robert is fumbling with is the fact that the blossoming flower resembles the female genitalia* – cf. dado 122, quadro 32, apêndice B).

No geral, verifica-se que as chamadas *wh-clefts* encontradas no *corpus* em inglês mantiveram, no processo de tradução para o PB, o efeito focal da clivagem, porém com outra organização das peças, exatamente em razão do diferente sistema gramatical de cada língua.

Em princípio, essa problematização acerca das *wh-clefts* pode ser contestada com base no fato de que se poderia creditar a ‘o que’ o estatuto de construção cristalizada, equivalente a ‘*what*’ do inglês. Entretanto, como na gramática as categorias não se determinam estanquamente, há de se analisar o grau de gramaticalidade dessa construção. Não se está desconhecendo o fato de que o uso de ‘o que’ é similar ao de ‘quem’ (com a diferença de que o último é utilizado para traço +humano), porém, leva-se em conta aqui o grau de gramaticalidade. A expressão ‘o que’ não chega a se cristalizar como ‘*what*’, primeiramente, pela evidência física, concreta, ou seja, pelo fato de se ter duas palavras em vez de uma só, mas apenas essa evidência não é suficiente para explicar o caso. Invertendo-se a ordem da sentença citada acima, ocorreria a seguinte construção: ‘Um acesso com carta branca é o que você me pede’. Ao mudar-se a ordem da construção, deixa-se mais evidente que pode ser considerada a existência de duas palavras separadas, pois a análise sintática seria a seguinte: ‘Um acesso com carta branca é o/ que você me pede’ (em que a oração ‘que você me pede’ é uma oração subordinada adjetiva).

³³ Original inglês: “a complex term containing a general, classificatory, almost dummy-like head nominal (such as thing, that, person, one), followed by a restrictive relative clause” (DIK, 1997, p. 293-294).

É evidente que existe um limite fluido de análise, pois, pela posição sintática original, fica evidenciada a condição única e amalgamada dos itens ‘o’ e ‘que’. Entretanto, se se inverter a construção, essa condição não é tão clara, porque a inversão resulta no outro tipo de clivagem estudado aqui: as *reverse wh-clefts*. De fato, o argumento de que ‘o que’ seria um elemento cristalizado é válido. Como a questão da amalgamação das duas partículas é uma questão de gramaticalização – a representação em apenas 1 palavra é o ponto final da gramaticalização –, pode-se optar por analisar como um elemento só. No entanto, pela análise da inversão sintática, opta-se aqui por esse grau de interpretação, o de que seriam dois termos separados em português. Em inglês, *what* é claramente amalgamado, mas em português não se tem algo como ‘quem’ para traço não humano.³⁴

Essa análise efetuada sobre as *wh-clefts* que contêm o elemento clivador ‘*what*’ / ‘o que’ é mantida para as *reverse wh-clefts* que contêm o mesmo elemento clivador, visto que dispõem dos mesmos constituintes estruturais, mas com ordem de constituintes distinta. A construção (84) a seguir ilustra essa análise (cf. dado 63, quadro 14, apêndice A):

<p>84: <i>Both science and religion rejoiced in God's symmetry . . . the endless contest of light and dark.</i>” Langdon paused, stamping his feet to stay warm. Kohler simply sat in his wheelchair and stared. “Unfortunately,” Langdon added, “the unification of science and religion was not what the church wanted.</p>	<p>T: Tanto a ciência quanto a religião exultavam com a simetria de Deus, o infundável confronto da luz e das trevas. - Langdon fez uma pausa, batendo com os pés no chão para se aquecer. Kohler permaneceu sentado em sua cadeira de rodas olhando para ele. - Infelizmente - Langdon acrescentou -, a unificação da ciência e da religião não era o que a Igreja queria.</p>
---	---

É válido ressaltar que, como já dito, se as construções em língua portuguesa contiverem um elemento clivador como ‘quem’, o sistema é o mesmo do da língua inglesa com *who*.

6.3 O caso das construções clivadas *é que*

O texto em PB da ocorrência (85) a seguir (cf. dado 107, quadro 24, apêndice B) corresponde a uma construção *clivada é que*, com alteração de estrutura clivada de *it-cleft*, havendo uma mudança de ordem dos constituintes. Para haver estrutura correspondente à do

³⁴ Poderia-se arguir que, no uso interrogativo dos termos ‘o que’, como em ‘O que você fez com o seu dinheiro?’, é evidente que a cristalização ocorre. Porém, esse uso não é uma clivagem, o que serve para provar que não é dessa construção de que se está tratando aqui.

inglês, o verbo *ser* teria de estar posicionado antes do elemento focalizado ‘eu’, como em: “Sou eu que tenho de lhe agradecer”, uma estrutura pouco natural no PB.

<p>85: “Thank you, Father.” The priest touched his bloody lip. “<i>It is I who am thankful, my friend.</i>”</p>	<p>T: - Obrigado, padre. O padre levou um dedo aos lábios ensanguentados. - Eu é que tenho de lhe agradecer, meu amigo.</p>
--	---

Como já argumentado, a construção *é que* passa por um processo de gramaticalização e cristalização, fato verificado também por Casteleiro (1979), Braga (1991), Longhin (1999), Mikolajczak (2003), entre outros. O verbo *ser* da construção passa a não ter flexão de tempo e de número, além de não ter concordância com o sujeito; isto é, o verbo *é* da expressão *é que* não mostra as propriedades duma plena forma do verbo *ser*. Além disso, o segundo elemento da expressão, o termo *que*, também não tem clara a sua funcionalidade na construção, ou seja, na expressão gramaticalizada, pois nem o verbo *ser* guarda suas propriedades funcionais/gramaticais nem o termo *que* tem uma categoria gramatical determinada (como pronome, conjunção etc), ou seja, não é o caso de se definir uma categoria gramatical para o *que* na construção. Para Braga e Barbosa (2009, p. 181), “a restrição à variação sugere que a expressão *é que* está constituindo um todo amalgamado, imune à correlação modo-temporal, à concordância número-temporal e à interferência de material linguístico entre os dois itens que a integram”. A mesma verificação do elemento *que* feita para as construções *é que* ocorre para as construções *que*, analisadas por Braga e Barbosa (2009) e não encontradas no *corpus* deste estudo.

Outra característica que se verifica a respeito da cristalização da construção *é que*, ou seja, do fato de cada um dos elementos não terem uma categorização independente, é que não é possível inserir nenhum elemento entre eles. Esse fato é mais um indício do alto grau de cristalização da construção, com ambos os elementos formando uma só categoria.

A esse propósito, Casteleiro (1979) observa que a expressão *é que* é um morfema, isto é, no todo, uma unidade mínima de significação. Mikolajczak (2003, p. 193) cita Casteleiro para indicar que o papel semântico da construção é o de “ênfaticamente contrastivamente o sintagma à sua esquerda”. No entanto, neste estudo, não se considera propriamente uma significação, um valor semântico, para *é que*, considerando-se que essa construção se reveste de um valor especificamente pragmático, provendo um efeito focal no ato de fala. Mikolajczak (2003) acrescenta, citando Casteleiro, que a construção *é que* tem natureza

modal, pois exibe o mesmo comportamento dos advérbios modais. Entretanto, esta não é a conclusão a que se chega nesta tese, como se verá.

No *corpus* deste estudo em PB, encontraram-se 11 construções *é que* (cristalizadas). Observe-se a ocorrência (1) já colocada e repetida aqui (cf. dado 33, quadro 1, apêndice A):

<p>86: <i>The object they were pondering on the monitor was a canister of some sort-a canister with transparent sides. That much was easy. It was the rest that was difficult.</i></p>	<p>T: O objeto que eles observavam no monitor era um tipo de tubo, um cilindro com laterais transparentes. Até aí, era fácil. O resto é que era difícil.</p>
---	--

Nesse caso, uma *it-cleft* é traduzida como *é que* provavelmente por haver uma repetição do verbo *ser* em inglês (*was [...] was*). Nota-se que, em PB, a construção “era...que” (no pretérito imperfeito) é gramatical, o que faz que a mudança de tempo verbal para o presente “é que” não seja estritamente necessária. Entretanto, se se repetisse o verbo *ser*, a construção não soaria natural ao interlocutor do PB, como em “era o resto que era difícil”, provavelmente porque a repetição do verbo *ser* não é usual em PB.

Outra descoberta quanto ao uso da construção *é que* refere-se ao fato de que, quando o constituinte focalizado da *it-cleft* é oracional, observa-se, também, a mudança do expediente de clivagem *it-cleft* para *é que* na tradução. Tem-se como hipótese, aqui, que essa alteração se deve ao fato de que a oração é um constituinte muito longo, o que iria separar o verbo *ser* do pronome *que*.

Em inglês, em construções como a (87) a seguir (cf. dado 55, quadro 10, apêndice A), o autor é obrigado a repetir o verbo “*be*”, uma vez que seu significado é tanto ‘ser’ quanto ‘estar’. Mas, segundo a análise da pequena amostra dessas construções no *corpus* deste trabalho, em PB não se faz essa repetição. Verifica-se que, quando se tem a clivagem com *é que*, não se tem como necessário que a proposição esteja no presente, mas entende-se a construção como uma expressão fixa, gramaticalizada no PB.

<p>87: <i>He moved across the room, through the crowd. As he drew near, Langdon recognized the work was pure Bernini [...]. It was not until he was almost directly in front of it that Langdon recognized the sculpture itself.</i></p>	<p>T: Cruzou o recinto pelo meio de todas as pessoas. Ao se aproximar, reconheceu o puro estilo de Bernini na obra [...]. Somente quando ficou de frente para ela é que reconhece a própria escultura.</p>
---	--

Além dessas finalidades, o uso de *clivadas é que* pode ser analisado segundo sua estrutura informacional, e tal análise das construções clivadas em geral é o que se discute a seguir.

6.4 Análise da estrutura informacional do constituinte focalizado no processo de tradução

A estrutura informacional das construções clivadas é, em grande parte, mantida, no processo tradutório, visto que, obviamente, a informação é a mesma nas duas línguas. Neste estudo, categoriza-se a informação em: *nova*, *inferível* ou *velha* (a qual pode ser dada ou conhecida), em relação aos conceitos de Prince (1981). Quando o expediente de clivagem é mantido na tradução, o estatuto informacional também se mantém. Em alguns casos, ocorre o abandono do expediente de clivagem na tradução para o PB, e, nesses casos, apesar de se mudar o modo de pôr Foco em algum constituinte (ou simplesmente abandoná-lo, em raros casos), o estatuto informacional do constituinte focalizado é mantido; o *foco*, por sua vez, é marcado, no geral, com deslocamento à esquerda (*topicalização*) e/ou marcadores especiais de foco (DIK, 1997), como já visto.

Quando o expediente de clivagem muda no processo de tradução para o PB, apesar de o estatuto informacional do constituinte focalizado ser mantido, pode alterar-se a posição desse elemento. Como já dito, as *it-clefts* (construções que focalizam informação *nova* ou *velha*) que passam por mudança na tradução para o PB mudam, na sua maioria, para clivadas *é que*. A razão de se mudar para *é que*, além do fato de que esse tipo de clivagem foi atestado para o PB e não para o inglês, tem relação com o fato de que essas construções deslocam o constituinte focalizado ainda mais à esquerda, e ele fica, então, no início da construção (posição temática canônica). É evidente, assim, que em PB se dá mais foco, ainda, à informação *nova* quando se usa *é que* em vez de *(ser) X que(m)* (correspondente às *it-clefts* do inglês em PB), como se vê na ocorrência (88), em que ‘as questões humanas e espirituais’ é o constituinte focalizado posicionado no início da construção (cf. dado 34, quadro 5, apêndice A):

<p>88: <i>Nature was her refuge. She understood nature. But it was matters of man and spirit that left her mystified.</i></p>	<p>T: A natureza era seu refúgio. Ela compreendia a natureza. As questões humanas e espirituais é que a deixavam desorientada.</p>
--	--

O único caso de mudança de *it-cleft* para clivada *QU-* não tem razões linguísticas ou pragmáticas visíveis, então ela se deve a uma escolha livre do tradutor. O que ocorre é que o constituinte focalizado ‘*Glick’s daring addendum to their coverage*’ / ‘aquele audacioso acréscimo de Glick à matéria’ muda do início da construção (posição de *tema*) para o fim (posição de *rema*), como se observa em (73), aqui repetida. Essa mudança de posição deve ter

sido efetuada por conta de o constituinte focalizado ser recuperável no contexto, portanto, informação *velha*:

89: *Of course, all of that had all been at the camerlegno's behest, so that was not the reason Glick and Macri were now locked in a Swiss Guard holding tank. It had been Glick's daring addendum to their coverage that the guards had not appreciated.* **T:** Claro que tudo acontecera sob os auspícios do camerlengo, portanto não era essa a razão pela qual Glick e Macri estavam presos na Guarda Suíça. **O que não tinha agradado aos guardas fora aquele audacioso acréscimo de Glick à matéria.**

Outro caso único no grupo de mudança é a passagem de *reverse wh-cleft* com informação *nova* no constituinte focalizado para (*ser*) *X que(m)*. Essa mudança deve-se, provavelmente, ao fato de que no PB é mais frequente a informação *nova* aparecer nesse último tipo de clivagem, como se vê em (cf. dado 132, quadro 36, apêndice B):

90: *On the back, Collet found notations scrawled in English, describing a cathedral's long hollow nave as a secret pagan tribute to a woman's womb. This was strange. The notation describing the cathedral's doorway, however, was what startled him.* **T:** No verso da fotografia, Collet encontrou anotações, rabiscadas em inglês, que descreviam a longa e cavernosa nave da catedral como um tributo pagão secreto ao útero feminino. Aquilo era estranho. **Foram, no entanto, as anotações sobre o pórtico que o fizeram dar um salto.**

Foram encontrados também 2 casos em que a informação do constituinte focalizado é *velha*, e muda o expediente: um de *reverse wh-cleft* e um de *it-cleft*, ambos mudando para *é que*. Todos esses expedientes de clivagem têm a marcação de *foco* na posição inicial (de *tema*) e isso não se altera quando muda o expediente; isto é, a posição temática canônica do constituinte focalizado é a mesma nesses 3 tipos de clivagem, como se vê nas ocorrências (91), em que ‘*life*’ / ‘a própria vida’ é o constituinte focalizado em posição temática canônica (cf. dado 76, quadro 16, apêndice A), e (92), em que ‘*our minds*’ / ‘nossas mentes’ é o constituinte focalizado posicionado no início (cf. dado 145, quadro 41, apêndice C):

91: *Vittoria looked away. "And as far as endangering lives," Kohler said, "life is exactly what this is about. [...]"* **T:** Vittoria virou o rosto para o lado. - E no que se refere a vidas em perigo - completou Kohler -, **a própria vida é que está em questão [...].**

92: *"I'm sorry?" Langdon interrupted. "Created in the image of... mental energy?" "Exactly. Our physical bodies have evolved over the ages, but it was our minds that were created in the image of God.* **T:** – Como assim? - Interrompeu Langdon. - Criados à imagem de... Uma energia mental? – Exatamente. Nossos corpos físicos evoluíram com o tempo, mas **nossas mentes é que foram criadas à semelhança de Deus.**

Ademais, a grande maioria de *reverse wh-clefts*, que contêm constituintes focalizados com informação *velha* (dada), passam por uma mudança para as *clivadas (ser) X que(m)* na tradução (34 casos), que constituem o tipo mais frequente em PB. Conforme Prince (1979), este seria o tipo de *it-cleft de pressuposição informativa*, que também existe no PB (denominado aqui como *clivadas (ser) X que(m) de pressuposição informativa*), enquanto as *it-clefts* que focalizam informação *nova* vistas acima são as consideradas como *it-clefts de foco acentuado (clivadas (ser) X que(m) de foco acentuado)*. Nesses casos em que *reverse wh-clefts* passam para *(ser) X que(m)*, apesar de mudar-se o expediente na tradução, o *foco* fica mantido no início (*tema*), mas à direita do verbo *ser*, como se observa em (cf. dado 129, quadro 36, apêndice B):

93: “ <i>Captain, you asked for my instincts as to what Saunière is trying to say here, and that's what I'm giving you.</i> ”	T: - Capitão, pediu-me um palpite sobre o que o senhor Saunière poderia querer dizer, e é isso que estou dando.
--	---

Em apenas 2 casos, as *reverse wh-clefts* com informação *velha* (dada) no constituinte focalizado mudam para *clivadas QU- extrapostas*, mas o *foco* se mantém no início (*tema*); isto é, o que muda é apenas a posição do verbo *be (ser)* e do pronome anafórico, como se vê em (cf. dado 78, quadro 16), apêndice A):

94: <i>With less than twenty-five minutes left until midnight, the people were still packed together, some praying, some weeping for the church, others screaming obscenities and proclaiming that this was what the church deserved [...].</i>	T: Faltavam menos de 25 minutos para a meia-noite e as pessoas ainda estavam amontoadas lá, umas rezando, outras chorando pela Igreja, algumas gritando obscenidades e proclamando que era isso mesmo o que a Igreja merecia [...].
---	---

Foi encontrado também apenas 1 caso de mudança de *reverse wh-cleft*, com informação *velha* (dada) em *foco*, para *clivada QU-*, isto é, muda a posição do constituinte focalizado do início da construção (*tema*) para o fim (*rema*), o que foi uma livre escolha do tradutor (cf. dado 200, quadro 56, apêndice C):

95: <i>My God, he's looking for the verbum significatium . . . the Lost Word. Langdon let the thought take shape, recalling fragments of Peter's lecture. The Lost Word is what he's looking for!</i>	T: <i>Meu Deus, ele está procurando o verbum significatium... a Palavra Perdida.</i> Langdon deixou esse pensamento tomar forma, lembrando trechos da palestra de Peter. O que ele está procurando é a Palavra Perdida!
---	---

Outros casos encontrados são os de apenas 2 *it-clefts* que apresentam informação *velha* (conhecida) no constituinte focalizado e que mudam para *clivadas é que*. Novamente, tem-se um caso de *it-cleft de pressuposição informativa*, que muda para *clivada é que* pelas mesmas

razões das *it-clefts de foco acentuado* (com o *foco* na informação *nova*), isto é, por deslocar o constituinte focalizado ainda mais à esquerda, aumentando o grau de focalidade, e por serem frequentes em PB, como se pode observar em (cf. dado 108, quadro 24, apêndice B):

<p>96: “<i>I am so very sorry, Father.</i>” <i>He seemed almost too pained to speak.</i> “<i>No, Silas,</i>” <i>Aringarosa replied.</i> “<i>It is I who am sorry.</i>”</p>	<p>T: - Perdoe-me, oh, perdoe-me, Pai - murmurou, como se a dor fosse de mais para lhe permitir falar. - Não, Silas. Eu é que peço perdão.</p>
--	--

Quanto ao tipo de informação do constituinte focalizado nas construções clivadas de ambas as línguas em exame, conclui-se, em geral, que as *it-clefts / clivadas (ser) X que(m)* e as clivadas *é que* focalizam tanto informação *nova* quanto informação *velha* (algumas são *inferíveis*). As *wh-clefts / clivadas QU-* tendem a focalizar informação *nova*, enquanto as *reverse wh-clefts / clivadas QU- invertidas* tendem a focalizar informação *velha*, como já examinado por Hedberg e Fadden (2007).

Em relação aos tipos de clivagem relacionados à estrutura informacional postulados por Hedberg (2013), a saber, construções *tópico-comentário* e construções *comentário-tópico*, entende-se aqui ‘comentário’ como a parte da proposição que traz o constituinte focalizado e o ‘tópico’ como sendo a parte da proposição que traz o conteúdo pressuposto. Com isso, conclui-se que as construções *it-clefts / clivadas (ser) X que(m)*, *clivadas é que*, *reverse wh-clefts / clivadas QU- invertidas* e *clivadas QU- extrapostas* são do tipo *comentário-tópico*, visto que posicionam o constituinte focalizado em posição inicial; o que muda entre elas é apenas a distribuição dos termos. Logo, todos esses tipos de CC são marcados tanto pela possível mudança de ordem de constituintes quanto pela morfossintaxe da clivagem. E as construções *wh-clefts / clivadas QU-* são do tipo *tópico-comentário*, uma vez que o constituinte focalizado aparece em posição final, posição já esperada para colocação de informação *nova*, mas que é marcada apenas pela operação de clivagem; ou seja, as *wh-clefts* e suas correspondentes em PB são o tipo menos marcado de clivagem, o que deve ser a razão pela qual é o tipo menos frequente em ambas as línguas examinadas no *corpus*.

Na linha de Lambrecht (2001), as construções clivadas analisadas neste trabalho são do tipo *foco-argumento*, em que o *foco* recai sobre um argumento da construção, o qual, como visto, pode ser nominal, adverbial ou até oracional. De acordo com o autor, como já visto no capítulo 3, esse tipo de *foco* tem um caráter especificacional e um sentido exaustivo, o que será visto na próxima seção. A seguir, apresenta-se uma discussão da estrutura informacional nos termos de Lambrecht (2001), em que se analisam a pressuposição, o *foco* e a asserção das

construções. O que se segue, então, são análises para cada tipo de construção clivada encontrada nos dados em exame.

Observe-se a ocorrência a seguir, um caso de *it-cleft* / *clivada (ser) X que(m)*, em que a proposição na oração relativa de que algo arrancou o Fantasma ao sono é pragmaticamente pressuposta. A asserção pragmática feita pelo falante ao enunciar a frase consiste em substituir a variável pelo *denotatum* do foco (cf. dado 86, quadro 21, apêndice B):

<p>97: <i>When he awoke, Jesus was still smiling down, speaking. You are saved, my son. Blessed are those who follow my path. Again, he slept.</i></p> <p><i>It was a scream of anguish that startled the ghost from his slumber.</i></p>	<p>T: Quando acordou, Jesus continuava a sorrir-lhe, e disse: Você está salvo, meu filho. Abençoados aqueles que seguem o meu caminho. Adormeceu mais uma vez.</p> <p>Foi um grito de angústia que arrancou o Fantasma ao sono.</p>
---	---

Pressuposição: ‘*x startled the ghost from his slumber*’ / ‘x arrancou o Fantasma ao sono’

Foco: ‘*a scream of anguish*’ / ‘um grito de angústia’

Asserção: ‘*x = a scream of anguish* / um grito de angústia’

Na ocorrência a seguir, tem-se um caso de *it-cleft* traduzida para uma *clivada é que*, em que a proposição na oração relativa de que em algum momento Langdon se convenceu de que tinha efetivamente escapado é pragmaticamente pressuposta (cf. dado 120, quadro 30, apêndice B):

<p>98: <i>As the taxi pulled away from station, Sophie took out their newly purchased train tickets and tore them up. Langdon sighed. Seventy dollars well spent.</i></p> <p><i>It was not until their taxi had settled into a monotonous northbound hum on Rue de Clichy that Langdon felt they'd actually escaped.</i></p>	<p>T: Quando o táxi arrancou, Sophie pegou os bilhetes de trem recém comprados e rasgou-os em pedacinhos pequenos. Langdon suspirou. Setenta dólares bem gastos.</p> <p>Só depois do táxi ter entrado em uma monótona velocidade de cruzeiro, seguindo para norte pela Rue de Clichy, é que Langdon se convenceu de que tinha efetivamente escapado.</p>
--	--

Pressuposição: ‘*not until x Langdon felt they'd actually escaped*’ / ‘só depois de x Langdon se convenceu de que tinha efetivamente escapado’

Foco: ‘*until their taxi had settled into a monotonous northbound hum on Rue de Clichy*’ / ‘o táxi ter entrado em uma monótona velocidade de cruzeiro, seguindo para norte pela Rue de Clichy’

Asserção: ‘*x = until their taxi had settled into a monotonous northbound hum on Rue de Clichy* / o táxi ter entrado em uma monótona velocidade de cruzeiro, seguindo para norte pela Rue de Clichy’

Na construção a seguir, uma *wh-cleft* / *clivada Qu-*, a proposição da oração relativa que é pragmaticamente pressuposta é a de que o interlocutor viu algo (cf. dado 121, quadro 31, apêndice B):

<p>99: <i>Langdon nodded. The numbers and words were imprinted on Langdon's mind. Sophie's voice dropped to a whisper now. Unfortunately, what you saw was not the entire message.</i></p>	<p>T: Langdon assentiu. As palavras e os números estavam gravados na memória. A voz de Sophie reduziu-se a um murmúrio: - Infelizmente, o que viu não era a mensagem completa.</p>
---	--

Pressuposição: ‘*interlocutor saw x*’ / ‘interlocutor viu x’
 Foco: ‘*not the entire message*’ / ‘não a mensagem completa’
 Asserção: ‘*x = not the entire message* / não a mensagem completa’

A seguir, tem-se um caso de *reverse wh-cleft* / *clivada QU- invertida*, em que a proposição da oração relativa que é pragmaticamente pressuposta é a de que falta algo aos interlocutores. Nota-se neste dado um caso de uso de marcador especial de foco ‘*precisely*’ / ‘exatamente’ (cf. dado 64, quadro 14, apêndice A):

<p>100: “[...] <i>Look at the symmetry! You of all people should realize the authenticity of...</i>” “<i>Authenticity is precisely what you lack.</i>”</p>	<p>T: Veja a simetria! O senhor melhor do que ninguém deveria reconhecer a autenticidade de... - Autenticidade é exatamente o que falta a vocês.</p>
---	--

Pressuposição: ‘*interlocutors lack x*’ / ‘falta x aos interlocutores’
 Foco: ‘*authenticity*’ / ‘autenticidade’
 Asserção: ‘*x = authenticity* / autenticidade’

Por fim, tem-se um caso, ocorrência (69) repetida aqui, de *reverse wh-cleft* que é traduzido por uma *clivada QU- extraposta*, em que a proposição da oração relativa que é pragmaticamente pressuposta é que a Igreja merecia algo. Nota-se que em PB há o uso do marcador especial de foco ‘*mesmo*’, o que marca ainda mais o constituinte focalizado:

<p>101: <i>With less than twenty-five minutes left until midnight, the people were still packed together, some praying, some weeping for the church, others screaming obscenities and proclaiming that this was what the church deserved [...].</i></p>	<p>T: Faltavam menos de 25 minutos para a meia-noite e as pessoas ainda estavam amontoadas lá, umas rezando, outras chorando pela Igreja, algumas gritando obscenidades e proclamando que era isso mesmo o que a Igreja merecia [...].</p>
--	--

Pressuposição: ‘*the church deserved x*’ / ‘a igreja merecia x’
 Foco: ‘*this*’ / ‘isso mesmo’
 Asserção: ‘*x = this* / isso mesmo’

6.5 O foco contrastivo e a exaustividade na clivagem

Quanto à função semântico-pragmática de *foco contrastivo*, que, para alguns autores (mencionados no capítulo 2), recai, na maioria dos casos, na informação *nova*, verificou-se

aqui que, no geral, todos os tipos de construções clivadas, independentemente de focalizar informação *nova* ou não, apresentam um sentido contrastivo no elemento focalizado. Como já visto, esse efeito pode ser implícito ou explícito. Além disso, todos os tipos de construções clivadas apresentam um caráter exaustivo (especificacional, nos termos de Lambrecht, 2001).

Na ocorrência a seguir, uma construção *clivada QU-* (*wh-cleft* em inglês), a informação *nova* focalizada ‘*more of a thermal cloud*’ / ‘mais uma nuvem térmica’ contrasta explicitamente com o que havia sido dado antes (‘*a human form moving through a cool space*’ / ‘uma forma humana se movendo por um espaço frio’), isto é, não se trata de uma forma humana se movendo por um espaço frio, mas, sim, de uma nuvem térmica. Nota-se que esse contraste implica um caráter de exaustividade na construção, visto que apenas uma nuvem térmica pode ser o que aparecia no monitor, e não a outra alternativa que era esperada (uma forma humana se movendo por um espaço frio), o que também tem relação com a noção de denegação já discutida, em que há um sentido de quebra de expectativa (cf. dado 174, quadro 49, apêndice C):

102: *Working on the same principle as home-security systems, the detector had identified a strong temperature differential. Usually this meant a human form moving through a cool space, but what appeared on the monitor was more of a thermal cloud, a patch of hot air drifting across the lawn.*

T: Funcionando segundo o mesmo princípio dos sistemas de segurança domésticos, o detector havia identificado uma forte diferença de temperatura. Em geral, isso significava uma forma humana se movendo por um espaço frio, mas **o que aparecia no monitor era mais uma nuvem térmica, uma mancha de ar quente que se deslocava pelo gramado.**

O contraste implícito, por seu turno, pode ser exemplificado com a construção (36), repetida aqui, em que o constituinte focalizado é ‘*10 A.M. in the Balearic Islands*’ / ‘dez da manhã’, que constitui informação *nova*. Nesse caso, não há um elemento que contrasta explicitamente com o constituinte focalizado, mas entende-se que foi nesse horário exclusivamente, e não em outro, que algo aconteceu. E, novamente, observa-se o sentido de foco exaustivo, em que apenas aquele horário é o certo, nenhum outro é:

103: *Normally she existed in a state of deep calm, in harmony with the world around her. But now, very suddenly, nothing made sense. The last three hours had been a blur. It had been 10 A.M. in the Balearic Islands when Kohler’s call came through.*

T: Normalmente, ela vivia em um estado de profunda calma, em harmonia com o mundo à sua volta. Agora, porém, de repente, nada mais fazia sentido. As últimas três horas haviam sido como um borrão indistinto. **Eram dez da manhã quando a chamada de Kohler chegou nas ilhas Baleares.**

6.6 Uso dos pronomes nas construções clivadas – uma comparação entre as línguas

Outro levantamento relevante para o estudo da clivagem refere-se ao uso dos pronomes relativos, os quais, além de fazerem a ligação entre o constituinte focalizado e a sentença relativa, em uma construção clivada, transmitem traços sintáticos e semânticos ao se juntarem com o verbo *be / ser*. Segundo Mikolajczak (2003), a maioria das línguas opta pelo uso do pronome relativo correspondente ao *que* do português, por razões de economia. A autora cita um trabalho de Sedano (1995) em que se analisa o uso do relativizador *que* em cinco línguas românicas (catalão, francês, espanhol, italiano e português), no qual o uso de *que* atingiu 87% dos casos em português. Além disso, foi verificado que o emprego de *que* é categórico quando o Foco não cumpre papel de sujeito em português. Caso contrário, usa-se *que* em 50% dos casos e, na outra metade, usam-se outros relativizadores. No entanto, Mikolajczak (2003) não deixa claro que essa discussão se refere apenas às construções correspondentes às *it-clefts*, chamadas pela autora apenas de *clivadas*.

Neste estudo, verificou-se que, em todos os tipos de construções clivadas, são apenas 37,5% das construções em inglês que apresentam o *that* como pronome clivador (correspondente ao *que* em português). Por outro lado, em PB, o uso de *que* é de 63%. Quanto ao termo *what*, ele tem frequência de 35,6%, em inglês, contra 25,3% de uso de *o que*, termo correspondente em PB. Verifica-se que, em inglês, a frequência de *what* é praticamente a mesma de *that*, mas em PB o pronome *que* é muito mais frequente do que o termo *o que*. Isso se deve, pelo menos em partes, pelo fato de que, em grande proporção, as *reverse wh-clefts* passam por uma mudança para *clivadas ser (x) que(m)* na tradução, isto é, passa-se de *what* para *que*, em vez de empregar-se *o que*.

Outra possível razão para essa discrepância de frequência dos relativizadores entre as línguas seria que, em inglês, usam-se mais termos relativizadores para a operação de clivagem e, além disso, o pronome sujeito pode não ocorrer, nessa língua. Os pronomes encontrados em inglês para a operação de clivagem são os seguintes: *that* (37,5%), *what* (35,6%), *who* (12%), pronome oculto (7,4%), *where* (5,1%), *when* (0,9%), *whom* (0,9%) e *which* (0,4%). No corpus em PB, por outro lado, foram empregados 5 elementos, a saber: *que* (63%), *o que* (25,3%), *quem* (10%), *quando* (1,1%) e o termo complexo *aquilo que* (0,6%).

Em relação ao estudo de Sedano (1995), que verifica o emprego de *que* em construções do tipo das aqui denominadas como *(ser) X que(m)* com constituinte focalizado que não é sujeito, comprova-se, aqui, que, de fato, as clivadas com papéis sintáticos que não forem de sujeito em Foco empregam o pronome relativo *que*. Na ocorrência a seguir, o

constituente focalizado *one option* / *uma opção* tem função de objeto direto, e em inglês o pronome foi omitido, enquanto em PB emprega-se *que* (cf. dado 2, quadro 1, apêndice A):

104: *I don't yet know if it's possible, but it is* **T:** Ainda não sei se é possível, mas é **uma opção que quero explorar.**

A única exceção são as construções que usam *quando* como clivador (apenas 2 casos encontrados no *corpus*), e em que a função sintática do termo em Foco é complemento circunstancial de tempo (com categoria nominal), como *10 A.M. / dez da manhã* na ocorrência (36), repetida aqui:

105: *Normally she existed in a state of deep calm, in harmony with the world around her. But now, very suddenly, nothing made sense. The last three hours had been a blur. It had been 10 A.M. in the Balearic Islands when Kohler's call came through.* **T:** Normalmente, ela vivia em um estado de profunda calma, em harmonia com o mundo à sua volta. Agora, porém, de repente, nada mais fazia sentido. As últimas três horas haviam sido como um borrão indistinto. **Eram dez da manhã quando a chamada de Kohler chegou nas ilhas Baleares.**

Quando o constituinte focalizado de uma construção (*ser*) *X que(m)* tem papel de sujeito, a maior parte dos casos apresenta *que* como clivador também. Porém, quando o sujeito possui traço +humano, tem-se *quem* como clivador, como em (cf. dado 19, quadro 3, apêndice A):

106: *"Most academics believe it was through Vice President Henry Wallace. He was an upper echelon Mason and certainly had ties to the Illuminati. Whether it was as a member or innocently under their influence, nobody knows. But it was Wallace who sold the design of the great Seal to the president."* **T:** - Muitos acadêmicos acham que foi através do vice-presidente Henry Wallace. / Ele era um maçom dos altos escalões e certamente tinha ligações com os Illuminati. Se era um membro ou estava inocentemente sob a influência deles, não se sabe. **Mas foi Wallace quem vendeu o desenho do sinete oficial para o presidente.**

6.7 Tempos e aspectos verbais

Outra discussão que se faz aqui diz respeito aos tempos e aspectos verbais que se encontram nas CCs, comparando-se as ocorrências em inglês com as em PB. A hipótese, a partir de uma análise preliminar dos tempos e aspectos verbais, é a de que o autor dos textos em inglês cria relevos temporais e os tradutores dos textos em PB nem sempre correspondem a essa temporalidade. Essa discrepância acontece provavelmente por questão de norma, isto é, os tradutores estariam criando uma norma para a tradução com a possível finalidade de evitar

críticas. Com isso, estariam perdendo de vista o significado, importando-se menos para a mensagem original e querendo manter uma construção gramatical que acreditam ser a mais aceitável, com PMQP (pretérito mais que perfeito). Portanto, estariam governados por um padrão e estariam desconsiderando os relevos de temporalidade. Se a tradução seguisse o mesmo modo de construir do inglês, ela conservaria tais relevos.

É importante destacar que não foi feita uma análise quantitativa dos tempos e modos verbais por questões de relevância. Este é um tópico que, apesar de ser importante para o estudo das CCs, não é o mais relevante aqui por não ser conclusivo quanto à matriz da clivagem em PB. É necessário um estudo mais a fundo em PB para que se defina algo concreto para a matriz da clivagem nessa língua.

De maneira geral, o presente, o passado simples e o passado composto do inglês são geralmente mantidos em PB. Porém, o PB cliva mais com PMQP do que o inglês, pois alguns *simple past* são traduzidos para PMQP simples. Nesse sentido, em inglês usa-se mais o passado do passado e em PB, um simples passado (do presente). Além disso, o PB tem a tendência para não fazer PMQP composto, para fazer o PMQP simples (mais formal do que o composto). Esse tempo verbal é pouco usado em PB, mas em clivagem “*tinha sido*” não soa bem, por isso, condensa-se para dar a cadência. O PMQP composto quebra a cadência da clivagem e só foi usado em duas ocorrências por razões inerentes à língua, devido ao contexto linguístico anterior. A clivagem, assim, tende a ser curta em PB. Na ocorrência a seguir (cf. dado 6, quadro 1, apêndice A), a construção em inglês apresenta o verbo *be* no *simple past* e o verbo da oração relativa no *past perfect*, enquanto em PB a construção apresenta o verbo *ser* no PMQP composto e o verbo da oração relativa no PMQP simples. Nota-se que a construção do PB é mais formal que a do inglês, já que não apresenta, respectivamente, passado simples e PMQP composto, correspondentes ao inglês.

<p>107: <i>The skeleton was carrying a tablet portraying the same pyramid and stars they had seen outside. It was not the image, however, that had turned Langdon's blood cold.</i></p>	<p>T: O esqueleto carregava uma placa com a mesma imagem da pirâmide e estrela que tinham visto lá fora. Não havia sido a figura, entretanto, que gelara o sangue de Langdon.</p>
--	---

Além disso, os autores que analisam a clivagem em PB se preocupam mais com a expressão cristalizada “é que” do que com a que se faz com os outros tempos verbais do verbo *ser*. No tratamento com a clivagem, é necessário levar em consideração todas as possibilidades do tempo verbal. Quanto a essa questão, outra análise efetuada nesta pesquisa encontrou, em PB, o uso do futuro do pretérito (*seria*) em CCs que criam alternância com o

uso da conjunção integrante (*se*), que carrega alguma condicionalidade, como em (cf. dado 8, quadro 1, apêndice A):

<p>108: <i>As the mist rose all around him, he wondered if it was the cold or the fear that was causing the gun in his hand to shake.</i></p>	<p>T: À medida que a névoa o envolvia, ficou imaginando se ficou imaginando se seria o frio ou o medo que fazia com que a arma lhe tremesse nas mãos.</p>
--	---

Portanto, a partir dessa descoberta, insere-se, na matriz de clivagem do PB, o uso desse tipo de construção clivada de alternância com o futuro do pretérito e a conjunção integrante.

6.8 A negação na clivagem

Observe-se a seguinte ocorrência (cf. dado 44, quadro 8, apêndice A):

<p>109: <i>The camerlegno had often prayed to God to show him how to make the people believe again. But God had been silent. It was not until the camerlegno's moment of deepest darkness that God had come to him.</i></p>	<p>T: O camerlengo sempre rezava para que Deus lhe mostrasse como fazer os homens acreditarem outra vez. Mas Deus permanecia em silêncio. Foi somente no momento mais sombrio que Deus veio ao encontro do camerlengo.</p>
--	--

No que se refere à construção em inglês ‘*It was not until the camerlegno's moment of deepest darkness that God had come to him.*’, outro aspecto da clivagem que não está sendo notado na matriz de clivagem em inglês é esse uso da negação. Essa expressão “*It was not until*”, que tem a finalidade de focalizar o momento em que algo ocorreu, foi constatada nas ocorrências analisadas em inglês. O PB não faz uso da negação nesse tipo de construção, pois isso causaria um ruído para os falantes (como numa possível tradução de “*it was not until*” mais próxima gramaticalmente: “não foi até”). A fim de manter o sentido do texto de partida, o tradutor lança mão da expressão “só/somente quando...” em uma construção *clivada (ser) X que(m)*, o que mantém a focalização do momento em que algo ocorreu (**Foi somente no momento mais sombrio que Deus veio ao encontro do camerlengo**).

Outra possibilidade de manter a focalização do momento em que algo ocorreu sem lançar mão da negação em PB é o uso da expressão “só/somente quando” juntamente com uma construção cristalizada *é que*, como no dado (87), repetido aqui:

<p>110: <i>He moved across the room, through the crowd. As he drew near, Langdon recognized the work was pure Bernini [...]. It was not</i></p>	<p>T: Cruzou o recinto pelo meio de todas as pessoas. Ao se aproximar, reconheceu o puro estilo de Bernini na obra [...].</p>
--	--

until he was almost directly in front of it that Langdon recognized the sculpture itself. **Somente quando ficou de frente para ela é que reconhece a própria escultura.**

Do total de 216 construções analisadas, 10 (4,63%) têm essa peculiaridade. Todas são construções do tipo *it-clefts* (a 45 do quadro 8, apêndice A; a 55, a 56 e a 57 do quadro 10, apêndice A; a 115 e a 116 do quadro 28, apêndice B; a 119 do quadro 29, apêndice B; a 120 do quadro 30, apêndice B; a 163 e a 164 do quadro 47, apêndice C), com constituintes focais tanto adverbiais quanto oracionais (com sentido adverbial circunstancial).

Por outro lado, quando a negação ocorre com constituintes focais nominais, ela é mantida na tradução para o PB, para que não se altere o sentido do texto. Nesses casos, a negação serve para apresentar um sentido de contraste explícito do tipo “não é isso, é aquilo que [...]”, como a construção (27), repetida aqui (cf. dado 5, quadro 1, apêndice A):

111: <i>“What are you talking about?”</i>	T: você está dizendo?
<i>“I misunderstood the clue. It’s not Raphael’s burial site we’re looking for, it’s a tomb. [...]”</i>	- Eu não compreendi direito a frase. Não é o túmulo de Rafael que estamos procurando, e sim um túmulo [...].

Na mesma linha de análise da negação em construções clivadas efetuada por Ilari (1992) e Longhin (1999), a clivagem nesta pesquisa apresenta na maior parte dos dados a negação no verbo *ser* (cópula), que é a negação do constituinte focal. Isso ocorreu em 23 casos (10,65% do total de CCs) no *corpus*. Esse tipo de negação ocorre nos três tipos de CC do inglês, *it-clefts*, *wh-clefts* e *reverse wh-clefts*, e nos seus correspondentes em PB, *clivadas (ser) X que(m)*, *clivadas QU-* e *clivadas QU- invertidas*. Há poucos casos em que uma *it-cleft* nega o verbo de sentido pleno (apenas 7 casos, ou 3,24% do total de CCs) e nenhum caso em que a negação tem escopo em ambos os verbos. Na ocorrência a seguir, tem-se uma *it-cleft / (ser) X que(m)* com negação na cópula (cf. dado 26, quadro 3, apêndice A):

112: <i>He felt as light as a ghost. Although the people below were chanting his name, he knew it was not him they were cheering.</i>	T: Sentia-se leve como um fantasma. Embora as pessoas lá embaixo estivessem entoando seu nome, sabia que não era ele quem estavam saudando.
--	---

A ocorrência (73), repetida a seguir, diferentemente da anterior, é um caso de negação no verbo de sentido pleno (*had appreciated / tinha agradado*), em que uma *it-cleft* é traduzida para uma *clivada QU-*:

113: <i>Of course, all of that had all been at the camerlegno’s behest, so that was not the reason Glick and Macri were now locked in a Swiss Guard holding tank. It had been Glick’s daring addendum to</i>	T: Claro que tudo acontecera sob os auspícios do camerlengo, portanto não era essa a razão pela qual Glick e Macri estavam presos na Guarda Suíça. O que não tinha agradado aos guardas fora aquele audacioso
---	---

their coverage that the guards had not appreciated. **acréscimo de Glick à matéria.**

6.9 Tipos e funções sintáticas dos constituintes focalizados

Como visto, não é apenas o SN, com função de sujeito e objeto, que pode ser o constituinte focalizado em uma CC. De fato, esse é o tipo mais frequente no *corpus*, mas também foram encontrados termos adverbiais circunstanciais e orações em posição focal.

O SN com função de sujeito é o tipo de constituinte focalizado mais frequente no *corpus*, com 35,65% dos dados (77 do total das 216 ocorrências), como se pode observar na ocorrência a seguir, em que *a 'different sound'* / 'outro som' tem papel de sujeito (cf. dado 140, quadro 38, apêndice C):

<p>114: <i>She could hear her attacker lumbering loudly after her now, groping his way down the wall in her direction. Even so, it was a different sound that scared Katherine even more [...].</i></p>	<p>T: Agora ela conseguia ouvir seu agressor perseguindo-a ruidosamente, deslizando as mãos pela parede enquanto avançava na sua direção. No entanto, foi outro som que deixou Katherine ainda mais assustada [...].</p>
--	--

Com muita frequência no *corpus* analisado também estão os SNs com função de objeto direto, com 29,16% dos dados (63 do total de ocorrências), como se vê no exemplo a seguir, em que *'the man behind Bellamy in the shadows'* / 'o homem atrás dele, nas sombras' é o objeto (cf. dado 141, quadro 38, apêndice C):

<p>115: <i>The figure in the library doorway was Warren Bellamy, a friend and confidant of her brother's. But it was the man behind Bellamy in the shadows whom Katherine felt happiest to see.</i></p>	<p>T: A figura que apareceu na soleira da porta era Warren Bellamy, amigo e confidente de seu irmão. Mas foi o homem atrás dele, nas sombras, que Katherine ficou mais feliz em ver.</p>
--	--

Outro tipo de constituinte focalizado frequente nos dados são os termos adverbiais de lugar e de tempo, os quais podem aparecer tanto na forma de um SN com função sintática adverbial quanto na forma de um advérbio em si (ou locução adverbial). Os termos adverbiais de tempo são mais frequentes do que os de lugar, com 12,96% (28 casos) de termos temporais contra apenas 6,48% (14 casos) de termos adverbiais de lugar. No exemplo a seguir, tem-se a locução adverbial de lugar *'farther away'* / 'mais adiante' como constituinte focalizado (cf. dado 162, quadro 47, apêndice C):

<p>116: <i>Directly in front of the car, the Lincoln Memorial rose with rigid austerity, its orthogonal lines reminiscent of</i></p>	<p>T: Bem na frente do carro, um segundo monumento, o Lincoln Memorial, se erguia com rígida austeridade, lembrando com suas</p>
---	---

<i>Athens's ancient Parthenon. But it was farther away that Langdon saw the city's centerpiece.</i>	linhas ortogonais o antigo Partenon de Atenas. Mas foi mais adiante que Langdon viu a peça central da cidade.
---	--

E, na ocorrência a seguir, tem-se o advérbio de tempo ‘*then*’ / ‘então’ em posição focal (cf. dado 166, quadro 47, apêndice C):

117: <i>The fixation this man had on the Solomon family was beyond fanatical, and yet Katherine saw nothing yet to suggest why.</i> <i>It was then that she saw the photographs.</i>	T: A obsessão daquele homem pelos Solomon ia além do fanatismo, mas Katherine ainda não tinha visto nada que sugerisse por quê. Foi então que se deparou com as fotografias.
--	---

Um tipo de constituinte focalizado menos frequente, mas presente nos dados analisados é a oração, com 7,87% dos casos (17 ocorrências), como no exemplo a seguir, em que a oração ‘*that it quantified the nation's emotional state*’ / ‘que ele quantifica o estado emocional do país’ (cf. dado 180, quadro 52, apêndice C):

118: <i>“Essentially, my software let them take America's temperature.”</i> <i>“I'm sorry?”</i> <i>Trish laughed. “Yeah, sounds crazy, I know. What I mean is that it quantified the nation's emotional state.”</i>	T: - Basicamente, o meu software lhes permite medir a temperatura dos Estados Unidos. – Como assim? Trish riu. - É, eu sei que parece loucura. O que estou querendo dizer é que ele quantifica o estado emocional do país.
--	--

Por fim, outro tipo de constituinte focalizado é nominal preposicionado com função de objeto indireto, também com menor frequência no *corpus* aqui compilado, com 6,48% dos casos (14 ocorrências). Na ocorrência (31), repetida a seguir, ‘*Peter*’ / ‘Pedro’ é o objeto indireto do verbo transitivo indireto ‘*give*’ / ‘dar’:

119: <i>“The same, except for one catch. According to these unaltered gospels, it was not Peter to whom Christ gave directions with which to establish the Christian Church. It was Mary Magdalene.”</i>	T: - Ele mesmo, com uma pequena diferença. Segundo estes evangelhos não adulterados, não foi a Pedro que Jesus deu instruções sobre como estabelecer a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena.
---	---

Esses resultados se aproximam da teoria de Quirk e Greenbaum (1973), os quais, como visto na seção 3.3, admitem como constituintes focalizados termos com função de sujeito, objeto direto, advérbio de tempo e de lugar e os menos frequentes, objeto indireto e complemento nominal. Nesta pesquisa, apenas complementos nominais não foram atestados, mas todos os outros termos foram atestados com semelhante frequência daquela proposta pelos autores. Esses resultados também se aproximam dos dados de Longhin (1999) e

Longhin e Ilari (2000), para quem, além de termos nominais (nomes e pronomes), os constituintes focalizados podem ser sintagmas preposicionais, advérbios e orações; assim como encontrado neste trabalho.

Neste capítulo, foram discutidos os resultados quantitativos e também os principais aspectos da clivagem, tanto semântico-pragmáticos (como os tipos de informação do constituinte focalizado, o foco, a pressuposição e a asserção, o foco contrastivo e a exaustividade) quanto sintáticos (como o uso dos pronomes, os tempos e aspectos verbais, a negação, e os tipos e funções sintáticas dos constituintes focalizados). Com isso, conclui-se que, como foi proposto na hipótese desta tese, os efeitos semântico-pragmáticos são mantidos na tradução para o PB, apesar de se alterarem algumas estruturas sintáticas. Foi verificado que a clivagem é uma construção de marcação de foco que pode focalizar tanto informação nova quanto informação velha (a depender do tipo de construção), podendo suas partes ser distribuídas tanto em termos de Halliday, como tema-remática, quanto em termos de Prince (1981) e de Lambrecht (1994), como foco-pressuposição e asserção-pressuposição. Além disso, foi mostrado o caráter contrastivo, exaustivo e denegador das construções clivadas. Por fim, conclui-se que as propriedades sintáticas da clivagem são idiossincráticas, sendo que: (i) os pronomes que podem aparecer nas construções clivadas são variados, em ambas as línguas em exame, mas os mais comuns são *'that'* e *'que'*; (ii) os tempos e os aspectos verbais em ambas as línguas também são variáveis, a depender do tipo de clivagem; (iii) a negação recai principalmente no verbo copular; e (iv) os tipos e as funções sintáticas dos constituintes focalizados podem ser, em ordem de frequência, nominais com função de sujeito seguidos da função de objeto, adverbiais com função de advérbio circunstancial, oracionais (seja com função de sujeito, objeto ou de advérbio circunstancial) e nominais preposicionados com função de objeto indireto.

7 CONCLUSÃO

Esta tese buscou verificar a estrutura das construções clivadas portuguesas em relação com as construções inglesas, a partir da tradução de textos do inglês para o PB. A fim de se cumprir esse objetivo, efetuou-se um panorama dos usos das construções clivadas na língua escrita de ambas as línguas em exame e procedeu-se à análise do *corpus* estabelecido, guiado pelo aparato teórico funcionalista que foi desenvolvido. Os resultados obtidos serão relatados a seguir.

A análise teve apoio na verificação da frequência dos modos de traduzir as construções clivadas constantes do *corpus*, contemplando a manutenção, a mudança ou o abandono do expediente de clivagem. Verificou-se que, no geral, a tradução tende a manter o expediente, mas mudanças e abandonos também foram atestados, verificando que, como se esperava, a alteração da forma de clivagem é natural no processo de tradução, dada a liberdade autoral que possuem os tradutores.

Verificou-se também a frequência de cada um dos três tipos de construções clivadas, tanto em inglês quanto em PB, além dos outros tipos de CCs encontrados apenas em PB. Concluiu-se que as *it-clefts* são o tipo mais frequente em inglês, e o tipo correspondente (*ser*) *X que(m)* é o mais frequente em PB. As *wh-clefts*, por sua vez, são o tipo menos frequente em inglês, assim como seu tipo correspondente, as *clivadas QU-*, são o tipo menos frequente em PB.

Quanto a esse último tipo de CCs, verificou-se que, apesar de as *wh-clefts*, bem como as *reverse wh-clefts*, com ‘*what*’ manterem o conteúdo informacional na tradução para o PB, elas não mantêm a mesma estrutura construcional do inglês, que não apresenta um elemento clivador como o ‘*that*’ isolado e, sim, uma junção de ‘*it*’ com ‘*that*’, condensados em ‘*what*’ (por isso são tratadas por alguns teóricos como “*pseudoclefts*”). Essa análise é diferente da das construções *clivadas QU-* em PB, nas quais o elemento clivador ‘*que*’ vem isolado, em sequência ao pronome ‘*o*’ (‘*o que*’), e, por isso, não podem ser denominadas como “*pseudoclivadas*” em PB.

A partir dessa verificação de que as construções *clivadas QU-* e as *clivadas QU-invertidas* com ‘*o que*’ como clivador em PB não correspondem construcionalmente às *wh-clefts* e *reverse wh-clefts* com ‘*what*’ como clivador em inglês, entende-se que seria mais exata uma nova nomenclatura para o conjunto das CCs em PB: construções *clivadas (ser) X que(m)*, *clivadas QU-*, *clivadas QU- invertidas*, *clivadas QU- extrapostas* e *clivadas é que*

(além das classificadas por Braga e Barbosa, 2009: construções *que* e *foco-ser*, das quais nosso *corpus* não trouxe nenhum exemplo).

Ao retomar a pergunta inicial desta tese, a de como se configuram as estruturas das CCs nas duas línguas, chega-se à conclusão de que, em relação ao *corpus* aqui examinado, em geral, as construções selecionadas em PB para corresponder às *it-clefts* do inglês são as *clivadas (ser) X que(m)* e as *clivadas é que*; para corresponder às *wh-clefts* são selecionadas apenas construções *clivadas QU-*; e, para corresponder às *reverse wh-clefts* são selecionadas mais *clivadas (ser) X que(m)* do que suas correspondentes de fato, as *clivadas QU-invertidas*. Além disso, verificou-se que a hipótese desta tese, a de que seria mantido, obviamente, o máximo possível de correspondência semântica e de efeito pragmático em PB, foi confirmada de fato, pois, apesar de as construções não coincidirem em todos os casos, os efeitos semântico-pragmáticos foram mantidos na tradução para o PB.

Em relação aos tempos verbais na clivagem, concluiu-se que a tendência é, no geral, a de manutenção do tempo verbal do texto de partida na tradução, mas também há algumas mudanças temporais. O PB tende a presentificar mais, utilizando a expressão cristalizada “é que”, que não existe em inglês. Em termos de matrizes de clivagem, o PB apresenta mais PMQP simples e mais presente do que o inglês, que traz mais *simple past* e *past perfect*. Porém, partindo-se do pressuposto de que o tradutor pode ter usado tal tempo verbal apenas para obter maior formalidade, esse aspecto não será considerado para constituir a matriz de clivagem do PB. Por outro lado, o uso do presente com a expressão cristalizada “é que” faz parte da matriz de clivagem do PB. Ademais, propõe-se aqui, como parte da matriz de clivagem do PB, o uso do futuro do pretérito em construções clivadas que criam alternância com uso da conjunção integrante ‘*se*’ e carregando um sentido condicional (como em “se seria o frio ou o medo que fazia com que a arma lhe tremesse nas mãos”) que não encontramos atestado em trabalhos anteriores.

O uso atestado das construções *é que* nas traduções em PB permite concluir que, por serem construções já gramaticalizadas na língua e os termos “*é*” e “*que*” estarem amalgamados, elas não se prendem ao tempo verbal nem à concordância com o sujeito do texto de partida, mas são escolhidas pelos tradutores por conta da obtenção de maior focalização das construções em PB, em certos contextos.

Em relação à estrutura informacional do constituinte focalizado nas CCs, concluiu-se que as construções *(ser) X que(m)* focalizam tanto informação nova quanto informação velha (algumas ainda focalizam informação inferível), e também que as *clivadas QU-* tendem a focalizar informação nova, enquanto as construções *QU- invertidas* tendem a focalizar

informação velha. Foi também verificado que, pela posição das partes da informação na frase, as construções *it-clefts / clivadas (ser) X que(m)*, *clivadas é que*, *reverse wh-clefts / clivadas QU- invertidas* e *clivadas QU- extrapostas* são do tipo comentário-tópico, enquanto as *wh-clefts / clivadas QU-* são do tipo tópico-comentário. Além disso, verificou-se que as construções clivadas são categorizadas como foco-argumento, com uma pressuposição e uma asserção, ficando contido nesta última o argumento em foco.

Outra conclusão a que se chegou é que, independentemente do tipo de construção clivada, os efeitos de foco são mantidos na maioria dos dados traduzidos para o PB, mesmo que o foco seja construído de outra maneira nessa língua, sendo que, nos raros casos em que não se manteve a construção de foco, não há razões linguísticas para tal e, portanto, atribui-se esse fato ao estilo próprio do tradutor. Verificou-se que a clivagem tem, em todo o *corpus* (em ambas as línguas examinadas), a função semântico-pragmática de foco contrastivo, embora, por vezes, implicitamente. O caráter de exaustividade também foi verificado, concluindo-se que ele também é inerente a todas as CCs analisadas.

Confirmou-se, também, que o elemento clivador mais comum no *corpus* em PB é o *que* (assim como o seu correspondente *that* em inglês). O uso de *que*, entretanto, é muito mais frequente em PB do que o de *that* em inglês, o que se deve ao fato de que há mais opções de relativizadores em inglês do que em PB, inclusive podendo ocorrer, em inglês, em certos casos, a elipse do pronome.

Em relação à negação na clivagem, chegou-se à conclusão de que as CCs tendem a negar o verbo ‘*be*’ / ‘*ser*’ (a cópula) e, portanto, tendem a negar o constituinte focalizado, mas também é possível que se negue o verbo de sentido pleno da oração relativa.

Na análise estrutural das construções clivadas efetuada, verificou-se que: o tipo de constituinte focalizado mais encontrado foi o nominal, seguido do adverbial e, por fim, do oracional, assim como se verificou que a função sintática do constituinte focalizado mais encontrada foi a de sujeito, seguida da função de objeto direto, da função adverbial circunstancial e, por fim, da função de objeto indireto.

Acredita-se que tais verificações chegaram a uma descrição relevante das CCs (em particular na língua escrita) na direção dos objetivos específicos registrados no projeto inicial, permitindo que se possa recolher proposições significativas especialmente quanto a: propor uma definição de clivagem que possa abarcar um conjunto mais completo de possíveis constituintes focalizados (não apenas termos nominais e orações, mas também adverbiais circunstanciais); equacionar a estrutura das supostas “pseudoclivadas” em português (com vista ao fato de que, havendo um elemento clivador isolado, o termo “pseudoclivadas” não se

aplica exatamente); com isso, chegando-se a propor uma reclassificação, com relação à proposta de Braga e Barbosa (2009), das construções clivadas em PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- _____. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. *Cadernos de Tradução*. Santa Catarina: UFSC, v. 1, n. 1, p. 53-69, 1996.
- _____. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1999.
- BARBOSA, J. *Foco e Tópico: algumas questões terminológicas*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2005.
- BLANCHOT, M. Translating. In: *Friendship*. Trad.: Elizabeth Rottenberg. Stanford: Stanford University Press, p. 73-81, 1997.
- BOLINGER, D. Contrastive accent and contrastive stress. *Language*, v. 37, p. 83-96, 1961.
- BRAGA, M. L. *As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro*. Relatório final apresentado ao CNPq, 1989. Mimeografado.
- _____. As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. *Organon* (UFRGS), Brasil, v. 5, n.5, p. 109-125, 1991.
- BRAGA, M. L.; BARBOSA, E. M. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 173-196, 2009.
- BROWN, D. *Angels & Demons*. New York: Pocket books, 2000.
- _____. *The da Vinci code*. New York: Doubleday, 2003.
- _____. *Anjos e Demônios*. Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2004a.
- _____. *O código da Vinci*. Tradução de Mário Dias Correia. Rio de Janeiro: Bertrand editora, 2004b.
- _____. *The lost symbol*. New York: Doubleday, 2009a.
- _____. *O símbolo perdido*. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2009b.
- CALLOU, D. et al. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe & prosódia. In: Castilho, Ataliba (org.). *Gramática do Português falado: as abordagens*. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, vol.3, p. 315-61, 1993.
- CASTELEIRO, J. M. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com “é que”. *Boletim de Filologia*, t. XXV, 1979, p. 97-163.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. (ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure and semantics interpretation. In: Steinberg & Jakobovits (eds.): *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 183-216, 1971.

- DANEŠ, F. Functional sentence perspective and the organization of the text. In: _____. (org.). *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Academia, 1974.
- DERRIDA, J. *Positions*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Parte I. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- _____. *The theory of functional grammar*. Parte II. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- FICHTNER, E. G. Cleft sentences in English: A comprehensive view. *Word*, 44:1, p. 1-30, 1993.
- FIRBAS, J. On Defining the Theme in Functional Sentence Analysis. *Travaux de Linguistique de Prague*, 1, pp. 267-280, 1964.
- FUKUDA, K. Discourse functions of cleft sentences in English. *Journal of General Education Department*. Niigata University, 19, p. 65-89, 1988.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. The Netherlands: John Benjamins, 2005.
- GONÇALVES, C. A. *Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas*. *Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, jan./jun., 1998.
- HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*, v. 3, p. 199-244, 1967.
- _____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. (3 ed). London: Edward Arnold Publishers, 2004.
- _____. *An introduction to functional grammar*. (4 ed). London and New York: Routledge, 2014.
- HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. New York: Longman, 1990.
- HEDBERG, N. A. Multiple focus and cleft sentences. In: Hartmann, K.; Veenstra, T. (eds.). *Cleft structures*. Amsterdam: John Benjamins, p. 227-250, 2013.
- HEDBERG, N.; FADDEN, L. The information structure of it-clefts, wh-clefts and reverse wh-clefts in English. In: Hedberg, N.; Zacharski, R. (eds). *The Grammar-Pragmatics Interface: Essays in Honor of Jeanette K. Gundel*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 49-76, 2007.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.
- HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992.

_____. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Alfa*: São Paulo, 51 (1): 151-174, 2007.

ILARI, R.; BASSO, R. O verbo. In: Ilari, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: palavras de classe aberta (vol III). São Paulo: Editora Contexto, 2014.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.

JESPERSEN, O. *A modern English grammar on historical principles*. Part III, Syntax. 2 vol. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1927.

_____. *Analytic syntax*. London: Allen & Unwin, 1937.

JUBRAN et al. Organização tópica da conversação. In: Ilari, R. (org.). *Gramática do Português falado*: Níveis de análise linguística (vol. II). Campinas: Unicamp, p. 357-397, 1992.

KATO, M. A. Sujeito e tópico: duas categorias em sintaxe?. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 17, p. 109-132, 1989.

KOCH, I. V. Tematização e rematização. In: Jubran, C. S. (org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*: a construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*: topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39 (3), 2001.

LEITE, Y et al. Tópicos e adjuntos. In: Castilho, A. T. de; Basílio, M. (orgs.). *Gramática do Português Falado*: estudos descritivos (Vol. IV). Campinas: Unicamp, 2003.

LONGHIN, S. R. *As construções clivadas*: uma abordagem diacrônica. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LONGHIN, S. R.; ILARI, R. Uma leitura hallidayiana das sentenças clivadas do português. *Alfa*, São Paulo, n. 44, p. 193-213, 2000.

LOPES, M. M. M. *A diversidade de versões do livro sagrado no jogo das vozes em interação*. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

MIKOLAJCZAK, S. Os tipos das construções com clivagem em português. *Studia romanica Posnaniensia* (Universidade Adam Mickiewicz), Poznan, vol. 29, p. 187-196, 2003.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Reviews Anthropol*, v. 13, p. 97-117, 1984.

OLMI. Metodologia crítica de tradução literária: *duas versões italianas de Dom Casmurro*. EDUNISC, 2001.

OUSTINOFF, M. Tradução: história, teoria e métodos. São Paulo: Parábola, 2011.

PAZ, O. *Tradução: Literatura e literalidade*. Tradução de S. Bassnett-McGuire. New York: Methuen, 1980.

PEREGRIN, J. Topic and Focus in a Formal Framework. In: Partee, B. Sgall, P. (orgs.): *Discourse and Meaning: Papers in Honor of Eva Hajiová*. Amsterdam: Benjamins, pp. 235-254, 1995.

PONTES, E. Topicalização e deslocamento à esquerda. *Ensaio de Linguística*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 9 (1): 121-51, 1983.

PRINCE, E. F. A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse. *Language*, v. 54, p. 883-906, 1978.

_____. Toward a Taxonomy of Given-New Information. In: COLE, P. (ed.). *Radical Pragmatics*. Academic Press, New York, p. 223-254, 1981.

QUIRK, R; GREENBAUM, S. *A university grammar of English*. London: Longman, 1973

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. Pressuposição, Exaustividade e Denegação nas Clivadas. *Revista de Estudos da Linguagem*, UFMG, 2008.

ROSS, J. *Constraints on variables in syntax*. Tese de doutoramento – MIT, Massachussets, 1967.

SEDANO, M. Variación de las hendidas en cinco lenguas romances. *Anuario de la Lingüística Hispánica*, XI, p. 353-366, 1995.

SILVA, F. de F. da. Tradução em Derrida: um evento catacréstico. In: FERREIRA, E. (org.). *Trabalhos em linguística aplicada*. Campinas: Unicamp, p. 45-58, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do português falado: novos estudos* (vol. VII). Campinas: Editora da Unicamp, 1999; p. 77-130.

_____. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C. .S. (org.). *Gramática do Português culto falado no Brasil: A construção do texto falado*. (2 ed.). São Paulo: Contexto, 2015, v. 1, p. 159-203.

APÊNDICES

APÊNDICE A – *Angels & Demons*

QUADRO 1 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que* (declarativas)

1: Then he would beam with fatherly pride as he explained to them how it had been one of Vittoria's ideas that had helped him make the project a reality . . . that his daughter had been integral in his breakthrough. (p. 46)	T: Em seguida, radiante de orgulho paterno, ele explicaria a eles como havia sido uma idéia de Vittoria que o ajudara a transformar o projeto em realidade ., que a participação de sua filha havia sido essencial naquele trabalho pioneiro. (p. 49)
2: I don't yet know if it's possible, but it is one option I want to explore . (p. 116)	T: Ainda não sei se é possível, mas é uma opção que quero explorar . (p. 125)
3: For Langdon, though, it was a more modern usage that always gave him chills – the Mason's four mystic grades of Absolute Initiation: Earth, Air, Fire, and Water. (p. 126)	T: Para Langdon, porém, era um uso mais moderno que sempre lhe dava arrepios – os quatro graus místicos de Iniciação Absoluta dos maçons: Terra, Ar, Fogo e Água. (p. 135)
4: Langdon didn't know whether it was the docent's words or the ornate tombs around them that brought the revelation to mind , but it didn't matter. (p. 173)	T: Langdon não soube se foram as palavras do guia ou as tumbas ornamentadas em torno dele que abriram sua mente para a revelação , mas não tinha importância, o pensamento lhe viera. (p. 184)
5: It's not Raphael's burial site we're looking for , it's a tomb. (p. 173)	T: Não é o túmulo de Rafael que estamos procurando , e sim um túmulo [...]. (p. 184)
6: It was not the image, however, that had turned Langdon's blood cold . (p. 186)	T: Não havia sido a figura, entretanto, que gelara o sangue de Langdon . (p. 198)
7: You encourage people to interact on phones, video screens, and computers, but it is the church who opens its doors and reminds us to commune in person as we were meant to do . (p. 260)	T: Incentivam as pessoas a interagir através de telefones, telas de vídeo e computadores, mas é a Igreja que abre suas portas e nos lembra de comungar aqui, no mundo real, que é como se deve fazer . (p. 278)
8: As the mist rose all around him, he wondered if it was the cold or the fear that was causing the gun in his hand to shake . (p. 279)	T: À medida que a névoa o envolvia, ficou imaginando se seria o frio ou o medo que fazia com que a arma lhe tremesse nas mãos . (p. 300)
9: In Langdon's mind, it was Kohler's voice that answered . (p. 309)	T: Na mente de Langdon, foi a própria voz de Kohler que respondeu [...]. (p. 334)
10: It was the voice of the camerlegno that broke the silence . (p. 316)	T: Foi a voz do camerlengo que quebrou o silêncio . (p. 341)
11: It had been the thundering sound of the flapping canopy that drew the group's eyes away from the fireball in the sky . (p. 341)	T: Foi o barulho trovejante da lona batendo que fez o grupo tirar os olhos da bola de fogo no alto . (p. 367)
12: He wondered if it was his body or just his spirit that had floated down from heaven toward the soft, darkened expanse of the Vatican City Gardens . (p. 342)	T: Pensava se teria sido seu corpo ou somente seu espírito que tinha descido flutuando do céu para a maciez e a penumbra dos Jardins do Vaticano (p. 368)
13: He wondered if it was his body or his spirit that had possessed the strength to climb the ancient Stairway of Medallions to	T: Pensava se teria sido seu corpo ou seu espírito que tivera forças para subir a antiga Escadaria dos Medalhões até o terraço onde

the rooftop terrace where he now stood. (p. 343)	agora se encontrava. (p. 368)
14: It is God we serve by exercising prudence! ” (p. 349)	T: É a Deus que servimos exercendo a prudência! (p. 375)
15: It is doubt that brings souls to you. (p. 359)	T: É a dúvida que traz as almas para vocês. (p. 385)

QUADRO 2 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que* (interrogativas)

16: “ And what is it that troubles you? (p. 351)	T: - E é isso que o incomoda? (p. 377)
---	---

QUADRO 3 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *quem*

17: Vittoria knew it had been she who convinced her father to create the specimen. (p. 65)	T: Havia sido ela quem convencera o pai a criar o espécime. (p. 69)
18: Either her father had taken someone into his confidence without telling her, which made no sense because it was her father who had sworn them both to secrecy , or she and her father had been monitored. (p. 67)	T: Ou seu pai fizera confidências a alguém sem dizer nada a ela, o que não fazia sentido porque havia sido ele quem exigira que jurassem segredo , ou ela e o pai haviam sido monitorados. (p. 72)
19: But it was Wallace who sold the design of the great Seal to the president ” (p. 80)	T: Mas foi Wallace quem vendeu o desenho do sinete oficial para o presidente. (p. 85)
20: It was Vittoria who finally struck gold near the back of the vault. (p. 144)	T: Foi Vittoria quem finalmente tirou a sorte grande do outro lado da câmara. (p. 154)
21: You proliferate weapons of mass destruction, but it is the Pope who travels the world beseeching leaders to use restraint. (p. 260)	T: Promovem o aumento das armas de destruição em massa, mas é o Papa quem tem de viajar pelo mundo suplicando aos líderes que tenham prudência. (p. 278)
22: The whole world was staring at this logo, but it had been Glick , a bit of a symbologist himself, who had first seen the Illuminati symbology hidden in it. (p. 277)	T: O mundo inteiro não tirava os olhos desse logotipo, mas fora Glick , que também tinha os seus conhecimentos sobre símbolos, quem primeiro havia reparado na simbologia dos Illuminati ali camuflada. (p. 296)
23: Langdon gave an exhausted smile and reminded her that it was she who deserved thanks. (p. 302)	T: Ele deu um sorriso cansado e lembrou-lhe que era ela quem merecia os agradecimentos. (p. 326)
24: “Mr. Kohler?” It was the Swiss Guard who had run ahead. (p. 307)	T: - Senhor Kohler? - era o guarda suíço que corria na frente quem falava. (p. 331)
25: This time it was Chartrand who reacted on instinct , putting three bullets in Rocher’s back. (p. 314)	T: Dessa vez foi Chartrand quem reagiu por instinto , metendo três balas nas costas de Rocher. (p. 339)
26: Although the people below were chanting his name, he knew it was not him they were cheering. (p. 343)	T: Embora as pessoas lá embaixo estivessem entoando seu nome, sabia que não era ele quem estavam saudando. (p. 368)
27: It is God who gave us reason and circumspection! (p. 349)	T: Foi Deus quem nos concedeu razão e circunspeção! (p. 375)
28: It was Mortati who broke the spell. (p.	T: Foi Mortati quem quebrou o feitiço do

359)	momento. (p. 385)
29: It was Mortati who spoke next , his voice thin with devastation. (p. 363)	T: Foi Mortati quem falou em seguida , com um fio de voz, abalado. (p. 390)

QUADRO 4 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – casos especiais

30: It had been 10 A.M. in the Balearic Islands when Kohler’s call came through. P. 46	T: Eram dez da manhã quando a chamada de Kohler chegou nas ilhas Baleares. (p. 49)
31: It is what I am trained for. (p. 115)	T: É para isso que sou treinado. (p. 124)
32: Vittoria was plagued with guilt to think that it was her invention that had enabled the antimatter to be transported (p. 170)	T: Atormentava-a a culpa de ter sido a sua invenção o que permitira que a antimatéria pudesse ser transportada. (p. 181)

QUADRO 5 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução

33: It was the rest that was difficult. (p. 64)	T: O resto é que era difícil. P. 68
34: But it was matters of man and spirit that left her mystified. (p. 228)	T: As questões humanas e espirituais é que a deixavam desorientada. (p. 244)
35: It had been Glick’s daring addendum to their coverage that the guards had not appreciated. (p. 275)	T: O que não tinha agradado aos guardas fora aquele audacioso acréscimo de Glick à matéria. (p. 290)

QUADRO 6 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *that*

36: Three rungs deeper, he almost fell again, but this time it was not a rung that caused the mishap. (p. 190)	T: Três degraus depois, quase caiu de novo, mas dessa vez por um motivo diferente [...]. (p. 213)
(desconsiderada) It is the soul that interests me.” (p. 229)	ESSA FALA NÃO FOI TRADUZIDA (p. 245)
37: It is in that very spirit that I command you to break them now”. (p. 235)	T: Com esse mesmo espírito, exijo que agora as infrinjam. (p. 251)
38: Whether it was the roar of the crowd or the cool night air that caused it , Langdon would never know, but at that moment, the inconceivable occurred. (p. 318)	T: Se foi a algazarra do povo ou o ar frio da noite a causa de tudo o que se seguiu , Langdon jamais saberia, mas o fato é que, naquele momento, o inconcebível aconteceu. (p. 343)
39: It was an odd memento, but it was one that for a fleeting instant had given him hope. (p. 340)	T: Era uma lembrança esquisita, mas que por um instante fugaz dera-lhe alguma esperança. (p. 366)

QUADRO 7 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *who*

40: Again, it is the church who points out the fallacy of this reasoning. (p. 260)	T: Mais uma vez, cabe à Igreja comprovar a falácia de tal raciocínio. (p. 278)
---	---

QUADRO 8 - *It clefts*: Constituinte focal adverbial – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

41: It is these areas on which we are focusing our search. (p. 214)	T: É nestas áreas que estamos concentrando nossas buscas. (p. 230)
42: It was then that he saw her. (p. 255)	T: Foi então que a viu. (p. 273)
43: “It was only by the grace of God”, the priest told them, “that this boy survived.” (p. 307)	T: - Foi apenas pela graça de Deus - disse o padre - que esse menino sobreviveu. (p. 331)
44: It was not until the camerlegno’s moment of deepest darkness that God had come to him. (p. 355)	T: Foi somente no momento mais sombrio que Deus veio ao encontro do camerlengo. (p. 381)
45: It was in that moment of pain and betrayal, as the camerlegno lay devastated in the Necropolis, praying for God to take him from this faithless world, that God had come. (p. 355)	T: Foi naquele momento de dor e traição, quando o camerlengo estava prostrado na Necrópole, rezando para Deus levá-lo deste mundo sem fé, que Ele veio. (p. 381)

QUADRO 9 - *It clefts*: Constituinte focal adverbial – abandono de clivagem – pronome relativo *that*

46: It was then that the oldest and most secretive political ritual in the world would begin. (p. 86)	T: Então, tinha início o ritual político mais secreto do mundo. (p. 93)
47: It was once in a lifetime, usually never, that a cardinal had the chance to be elected Supreme Pontiff, and by Vatican Law the cardinal had to be inside the Sistine Chapel when the vote took place. (p. 112)	T: Só uma vez na vida, geralmente nunca, um cardeal tinha a oportunidade de ser eleito Sumo Pontífice e, pela Lei Vaticana, esse cardeal tinha de estar dentro da Capela Sistina quando a votação se realizasse. (p. 119)
48: It’s only by luck that we know where the first kill zone is. (p. 157)	T: Foi pura sorte termos conseguido saber onde vai ocorrer a primeira morte. (p. 168)
49: It was then that Langdon knew he was not coming up. (p. 282)	T: Langdon convenceu-se de que não iria conseguir subir à superfície. (p. 303)
50: It was in that moment of clarity, as Vittoria plunged deeper into the earth, that she felt her own mind open . . . her own wisdom surface. (p. 327)	T: Naquele momento de clareza, descendo ao fundo da terra, Vittoria sentiu sua mente se abrir, sua sabedoria vir à tona. (p. 352)
51: It was then that Langdon saw the ravaged shreds of parchment clinging all over the lining of his jacket. (p. 345)	T: Só então Langdon notou os fragmentos de pergaminho espalhados pelo forro do paletó. (p. 371)
52: It was in the silence that followed that the camerlegno felt himself falling into the abyss. (p. 356)	T: No silêncio que se seguiu, o camerlengo sentiu-se despencando no abismo. (p. 382)
53: It was then that God came to him with an awesome fierceness. (p. 362)	T: Foi quando Deus veio a ele com uma assombrosa ferocidade. (p. 389)

QUADRO 10 - *It clefts*: Constituinte focal oracional – mudança de expediente na tradução

54: It was not until he was almost directly in front of it that Langdon recognized the sculpture itself. (p. 197)	T: Somente quando ficou de frente para ela é que reconhece a própria escultura. (p. 210)
--	---

55: It wasn't until I was a young man, though, in the military, that I truly understood my purpose. (p. 229)	T: Só quando rapaz, porém, no exército, é que compreendi verdadeiramente meu objetivo. (p. 245)
56: It was not until Langdon circled back to the beginning of the collection and climbed a rolling ladder to the top shelf that he understood the vault's organization. (p. 230-231)	T: Só depois de contornar tudo, voltar ao início e subir uma escada com rodízios para chegar à prateleira mais alta é que compreendeu o critério da organização da câmara. (p. 247)

QUADRO 11 - *Wh-clefts*: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

57: What you are requesting is carte blanche access. (p. 123)	T: O que me pede é um acesso com carta branca. (p. 132)
---	---

QUADRO 12 - *Wh-clefts*: constituinte focal oracional – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

58: What I mean is that I've always known I would serve God. (p. 229)	T: O que quero dizer é que sempre soube que iria servir a Deus. (p. 245)
59: What had caught Langdon's eye was that the work had apparently been placed in one of the five churches on his list. (p. 232)	T: O que despertou o interesse de Langdon foi constatar que essa capela era uma das cinco igrejas de sua lista. (p. 248)

QUADRO 13 - *Wh-clefts*: constituinte focal oracional – abandono de clivagem – pronome relativo *what*

60: Glick had come to expect Macri's cynicism, but what she was forgetting was that liars and lunatics had been Glick's business for almost a decade at the British Tattler. (p. 143)	T: Glick já esperava a reação sarcástica de Macri, mas ela estava esquecendo que ele lidara com mentirosos e lunáticos por mais de dez anos no British Tattler. (p. 153)
---	--

QUADRO 14 - *Reverse wh-clefts*: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

61: It's what gurus call higher consciousness. (p. 326)	T: É o que os gurus chamam de consciência elevada. (p. 351)
62: The lack of activity was hardly what he expected considering they were about to enter a murder scene. (p. 23)	T: A ausência de atividade não era o que ele esperava, considerando-se que estavam prestes a entrar no local de um crime. (p. 24)
63: "Unfortunately," Langdon added, "the unification of science and religion was not what the church wanted." (p. 27)	T: - Infelizmente - Langdon acrescentou -, a unificação da ciência e da religião não era o que a Igreja queria. (p. 27)
64: "Authenticity is precisely what you lack. (p. 94)	T: - Autenticidade é exatamente o que falta a vocês. (p. 101)
65: "Her attire is not what concerns me", the camerlengo replied, sounding too exhausted to be bothered. (p. 101)	T: - A roupa dela não é o que me preocupa - replicou o camerlengo, a voz revelando que estava fatigado demais para ser incomodado. (p. 109)

66: That is exactly what the Illuminati want you to do – confirm them, empower them. (p. 221)	T: Isso é precisamente o que os Illuminati querem que faça. Legitimá-los, admitir seu poder. (p. 237)
67: Last night's events were no doubt not what he had intended , but the undeniable fact remained [...]. (p. 378)	T: Os acontecimentos da véspera seguramente não eram o que ele pretendia , mas havia um fato que não se podia negar [...]. (p. 405)
68: "We don't have much information about the knight we're looking for," Sophie said, "but this is what we know. " (p. 319)	T: - Não temos muita informação sobre o cavaleiro que procuramos - explicou Sophie -, mas isto é o que sabemos. (p. 242)

QUADRO 15 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que* (com sujeito oculto em PB)

69: That this whole situation is insanity, that's what I know! (p. 109)	T: Que esta situação é insana, é o que sei! (p. 116)
70: "That's what it says. Path of light." (p. 149)	T: - É o que está escrito aqui. Caminho da luz. (p. 160)
71: "Maybe English is what they meant by the lingua pura? " (p. 150)	T: - Quem sabe é o que eles chamavam de língua pura? (p. 160)
72: "That's what we're looking for." (p. 188)	T: - É o que estamos procurando. (p. 201)
73: "That's what he said." (p. 188)	T: - Foi o que ele disse. (p. 201)
74: That's what made me think of it. (p. 204-205)	T: Foi o que me fez pensar nela. (p. 217-218)
75: "I wouldn't run behind him and mollycoddle him if that's what you mean. " (p. 248)	T: - Eu não correria atrás dele para mimá-lo, se é o que o senhor quer dizer. (p. 265)

QUADRO 16 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução (declarativas)

76: "And as far as endangering lives," Kohler said, " life is exactly what this is about. " (p. 69)	T: - E no que se refere a vidas em perigo - completou Kohler -, a própria vida é que está em questão. (p. 73-74)
77: That's what my friends call me. (p. 77)	T: É assim que meus amigos me chamam. (p. 82)
78: [...] others screaming obscenities and proclaiming that this was what the church deserved [...]. (p. 316)	T: [...] algumas gritando obscenidades e proclamando que era isso mesmo o que a Igreja merecia [...]. (p. 341)

QUADRO 17 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução (interrogativas)

79: So that's what they were looking for downstairs? (p. 108)	T: Então eram eles que estavam sendo procurados lá embaixo? (p. 115)
--	---

QUADRO 18 - Reverse wh-clefts: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *what* (declarativas)

80: Although his people did not celebrate Christmas, he imagined that this is what it	T: T: Seu povo não comemorava o Natal, mas essa deveria ser a sensação que as crianças
--	---

must feel like to be a Christian child , sitting before a stack of Christmas presents, about to discover the miracles inside. (p. 29)	cristãs experimentavam diante de uma pilha de presentes, prestes a descobrir os mistérios que continham. (p. 29)
81: Langdon had to admit, the Pantheon was not what he had expected for the placement of the first marker . (p. 154)	T: Langdon tinha de admitir que o Panteão não era o lugar que esperara para o primeiro marco . (p. 165)

QUADRO 19 - Reverse *wh-clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *what* (interrogativas)

82: “Isn’t antimatter what fuels the U.S.S. Enterprise? ” (p. 54)	T: Antimatéria é o combustível da Enterprise? (p. 58)
83: Loss of faith... Is that what this was all about? (p. 121)	T: Perda de fé... Seria esta a questão? (p. 130)

QUADRO 20 - Reverse *wh-clefts*: constituinte focal oracional – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

84: “Believe me, removing all protection from Vatican City in order to stake out hundreds of churches is what the Illuminati hope we will do... [...]. ” (p. 117)	T: - Afastar toda a proteção do Vaticano para correr centenas de igrejas é o que os Illuminati esperam que façamos, [...]. (p. 126)
--	--

APÊNDICE B – *The da Vinci Code*

QUADRO 21 – *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

85: The agent supérieur knew it was moments like these that had lifted the captain to the pinnacle of French law enforcement. (p. 41)	T: O agent supérieur sabia que tinham sido momentos como aquele que tinham elevado Fache aos pináculos da Polícia francesa. (p. 34)
86: It was a scream of anguish that startled the ghost from his slumber. (p. 49)	T: Foi um grito de angústia que arrancou o Fantasma ao sono. (p. 40)
87: It had been Sophie who spotted the Fibonacci sequence, and, no doubt, Sophie who, if given a little more time, would have deciphered the message with no help from Langdon. (p. 88)	T: Fora Sophie que detectara a sequência Fibonacci e sem a mínima dúvida, com um pouco mais de tempo, teria decifrado a mensagem sem ajuda de ninguém. (p. 69)
88: The Priory of Sion believed that it was this obliteration of the sacred feminine in modern life that had caused what the Hopi Native Americans called <i>koyanisquatsi</i>—“life out of balance” — [...].(p. 106)	T: O Priorado de Sião acreditava que fora esta obliteração do sagrado feminino que causara aquilo a que os índios Hopi da América chamavam <i>koyanisquatsi</i> - «vida sem equilíbrio» - [...]. (p. 83)
89: Even so, it was a chance Silas preferred not to take. (p. 107)	T: Mesmo assim, era um risco que Silas não queria correr. (p. 83)
90: Ironically, it had been another key—a far more normal one—that had revealed his true nature to her. (p. 118)	T: Ironicamente, fora uma outra chave – esta muito mais vulgar – que lhe revelara a verdadeira natureza do avô. (p. 91)
91: At the moment, though, in his room at the residence hall, it was his father’s disappointed voice that whispered to him from the past. (p. 141)	T: No momento, no entanto, naquele quarto da residência, foi a voz do pai que lhe sussurrou, desapontada, do passado. (p. 109)
92: As mystifying as the construction of the cylinder was, however, it was the engravings around the tube’s circumference that drew Langdon’s primary focus. (p. 167)	T: Por mais intrigante que fosse a construção do cilindro, foram, porém, as gravações à volta da circunferência do tubo que atraíram mais fortemente a atenção de Langdon. (p. 129)
93: Finally, it was the bumper that gave, tearing half off. (p. 178)	T: Finalmente, foi o pára-choques que cedeu, partindo-se ao meio. (p. 137)
94: It was <i>man</i>, not God, who created the concept of ‘original sin,’ whereby Eve tasted of the apple and caused the downfall of the human race. (p. 202)	T: Foi o homem, e não Deus, que criou o conceito do “pecado original”, em que Eva prova a maçã e provoca a queda da raça humana. (p. 154-155)
95: “Yes, but it is not I who <i>claim</i> she is the Grail. Christ Himself made that claim.” (p. 204-205)	T: - Sim, mas não sou eu que afirmo que ela é o Santo Graal. O próprio Cristo fez essa afirmação. (p. 156)
96: According to these unaltered gospels, it was not <i>Peter</i> to whom Christ gave directions with which to establish the Christian Church. It was <i>Mary Magdalene.</i> ” (p. 209-10)	T: Segundo estes evangelhos não adulterados, não foi a Pedro que Jesus deu instruções sobre como estabelecer a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena. (p. 160)
97: “My dear child, it was not <i>Mary Magdalene’s</i> royal blood that concerned the	T: - Minha querida, não era o sangue real de Maria Madalena que tanto preocupava a

Church so much as it was her consorting with Christ, who <i>also</i> had royal blood. (p. 211)	Igreja , e sim o seu casamento com Cristo, que também tinha sangue real. (p. 161)
98: Langdon sensed it was actually something else in the manuscript that had piqued Saunière's interest , but that topic was something he would discuss with Sophie when they were alone. (p. 247)	T: Langdon tinha a sensação de que fora na realidade outra coisa no manuscrito que despertara o interesse de Saunière , mas esse tópico era algo que discutiria com Sophie quando estivessem a sós. (p. 188-189)
99: Whether the Teacher had intended to kill Rémy all along or whether it had been Rémy's actions in the Temple Church that had made the Teacher lose faith , Rémy would never know. (p. 325-326)	T: Se o Professor sempre tencionara matá-lo ou se tinham sido as suas ações em Temple Church que o tinham feito perder a fé nele era algo que Rémy nunca viria a saber. (p. 247)
100: Although the pyramid itself seemed an oddity, it was the giant shape mounted halfway up the pyramid that most intrigued the Teacher . (p. 335)	T: Embora a pirâmide em si parecesse uma singularidade, era a gigantesca forma montada a meia altura dessa mesma pirâmide que mais intrigava o Professor . (p. 254-255)
101: It is from this hallowed Rose Line that Rosslyn —originally spelled Roslin— takes its name . (p. 364)	T: Foi desta Linha da Rosa sagrada que Rosslyn – originariamente escrevia-se Roslin – recebeu o nome . (p. 276)
102: “It is the mystery and wonderment that serve our souls, not the Grail itself. (p. 375)	T: - São o mistério e o maravilhoso que servem as nossas almas, não o Graal em si. (p. 285)

QUADRO 22 – *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *quem*

103: Oddly, though, rather than the usual Jesus-blessing-John scenario, it was baby John who was blessing Jesus... and Jesus was submitting to his authority! (p. 116-117)	T: Mas, em vez da cena habitual de Jesus abençoar João, era João quem abençoava Jesus... e Jesus submetia-se à sua autoridade! (p. 90)
104: After all, it had been Aringarosa who gave Silas life in the first place... [...]. (p. 140)	T: Afinal, fora Aringarosa quem a dera... [...]. (p. 108-109)
105: [...] but failed to mention that it was Leonardo who had invented one of the first rudimentary forms of public key encryption centuries ago. (p. 169)	T: [...] mas esqueciam-se de mencionar que fora Leonardo quem inventara as primeiras formas rudimentares de cifragem, séculos antes. (p. 130)

QUADRO 23 – *It clefts*: Constituinte focal nominal com função adverbial – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

106: It was only a month later that the clouds parted miraculously and the light of possibility shone through. (p. 165-166)	T: Fora só um mês mais tarde que as nuvens tinham miraculosamente se rasgado e a luz da possibilidade brilhara através delas. (p. 127)
--	---

QUADRO 24 – *It clefts*: Constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução

107: “It is I who am thankful, my friend.” (p. 50)	T: - Eu é que tenho de lhe agradecer, meu amigo. (p. 41)
108: “No, Silas,” Aringarosa replied. “It is I	T: - Não, Silas. Eu é que peço perdão. A culpa

who am sorry. This is my fault.”. (p. 349)	foi minha. (p. 265)
---	---------------------

QUADRO 25 – *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *that*

109: Sophie needed Langdon for herself, and it was this dilemma that left Sophie only one logical conclusion. (p. 68)	T: Sophie precisava de Langdon, e isto era um dilema que lhe deixava apenas uma conclusão lógica. (p. 54)
--	--

QUADRO 26 – *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *who*

110: Now it was Sophie who reeled , numb with shock. (p. 155)	T: Foi a vez de Sophie estremecer, aturdida pelo choque. (p. 119)
111: After a long silence, Sophie said, “But if it is the Church who is responsible for this attack , why would they act now? (p. 226)	T: - Mas se é a Igreja a responsável por este ataque – perguntou Sophie, ao cabo de um longo silêncio -, por que foi que só agiram agora? (p. 173)

QUADRO 27 – *It clefts*: Constituinte focal adverbial – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

112: It was at that moment , eyeing his cellular phone, that Fache realized the answers were in the palm of his hand. (p. 99)	T: Foi nesse momento, ao olhar para o celular, que Fache compreendeu que tinha a resposta na palma da mão. (p. 77)
113: It was then that Sophie heard it. (p. 119)	T: Foi então que ouviu vozes abafadas. (p. 92)
114: It was then that Langdon heard the metallic voice of the taxi company’s dispatcher coming from the dashboard. (p. 139)	T: Foi então que Langdon ouviu a voz metálica da despachante da central da companhia saindo do autofalante: [...]. (p. 107)

QUADRO 28 – *It clefts*: Constituinte focal adverbial – abandono de clivagem – pronome relativo *that*

115: It was not until this instant that he truly realized what he was about to do , and what awaited him inside. (p. 63)	T: Só naquele instante percebeu verdadeiramente o que se preparava para fazer , e o que o esperava lá dentro. (p. 51)
116: It was not until an hour later , as he staggered from the meeting, that the devastating implications settled in. (p. 127-128)	T: Só uma hora mais tarde, quando saiu aturdido da reunião, compreendeu bem as devastadoras implicações do que acabava de ouvir. (p. 99)
117: It was three minutes later that Teabing heaved a frustrated sigh and shook his head. (p. 259)	T: Passaram-se três minutos até que Teabing deixou escapar um suspiro de frustração e abanou a cabeça. (p. 197)
118: It was several weeks later that he received the phone call that changed all that. (p. 351-2)	T: Só várias semanas mais tarde recebera o telefonema que mudara tudo. (p. 267)

QUADRO 29 – *It clefts*: Constituinte focal oracional – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

119: It was not until he understood the <i>symbology</i> behind the Grail that the feminine connection became clear. (p. 201)	T: Fora só depois de compreender a simbologia por detrás do Graal que a ligação feminina se tornara clara. (p. 154)
--	--

QUADRO 30 – *It clefts*: Constituinte focal oracional – mudança de expediente na tradução

120: It was not until their taxi had settled into a monotonous northbound hum on Rue de Clichy that Langdon felt they'd actually escaped. (p. 129)	T: Só depois do táxi ter entrado em uma monótona velocidade de cruzeiro, seguindo para norte pela Rue de Clichy, é que Langdon se convenceu de que tinha efetivamente escapado. (p. 100)
---	---

QUADRO 31 – *Wh-clefts*: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

121: Unfortunately, what you saw was not the entire message. (p. 58)	T: - Infelizmente, o que viu não era a mensagem completa. (p. 47)
---	--

QUADRO 32 – *Wh-clefts*: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – “aquilo que” (termo complexo com núcleo nominal geral)

122: “What Robert is fumbling with is the fact that the blossoming flower resembles the female genitalia, [...]” (p. 215-216)	T: - Aquilo que tanto atrapalha o Robert é o fato da rosa desabrochada fazer lembrar o órgão genital feminino, [...]. (p. 165)
--	---

QUADRO 33 – *Wh-clefts*: constituinte focal adverbial – manutenção de expediente na tradução – “aquilo que” (termo complexo com núcleo nominal geral)

123: What you saw was not about sex, it was about spirituality. (p. 162-163)	T: Aquilo que viu não tinha nada a ver com sexo, tinha a ver com espiritualidade. (p. 200)
---	---

QUADRO 34 – *Wh-clefts*: constituinte focal oracional – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

124: What worried Langdon was what would happen <i>after</i> the Grail map had been found. Leigh will become a huge liability. (p. 310-311)	T: O que o preocupava era o que aconteceria depois do mapa do Graal ter sido encontrado. Leigh passará a representar um risco que eles não vão querer correr. (p. 236)
--	---

QUADRO 35 – *Reverse wh-clefts*: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que* (com sujeito oculto em PB)

125: This is what my grandfather left me behind <i>Madonna of the Rocks</i>. ” (p. 122)	T: Foi o que o meu avô me deixou atrás da <i>Madonna dos Rochedos</i>. (p. 94)
126: <i>If that is indeed what this is....</i> (p. 173)	T: Se é o que isto realmente é... (p. 133)
127: “And that is exactly what I am doing.	T: E é exatamente o que estou fazendo. Agora,

Now set the box on the floor.” (p. 176)	coloque a caixa no chão. (p. 135)
---	-----------------------------------

QUADRO 36 – Reverse *wh-clefts*: constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução

128: The sun’s rays through the oculus, the graduated shadows on the gnomon, this is what makes Saint-Sulpice unique. ” (p. 36)	T: Os raios de sol entrando pelo óculo, as sombras graduadas do gnómon, é isso que torna Saint-Sulpice única. (p. 30)
129: “Captain, you asked for my instincts as to what Saunière is trying to say here, and that’s what I’m giving you. ” (p. 40)	T: - Capitão, pediu-me um palpite sobre o que o senhor Saunière poderia querer dizer, e é isso que estou dando. (p. 33-34)
130: The Priory keystone—if this was indeed what they were holding —was not at all what Langdon had imagined. (p. 172)	T: A Chave de Abóbada do Priorado, se de fato era isso que tinham nas mãos , não era nem de longe o que Langdon imaginara. (p. 132)
131: “ Baphomet must be what the poem is referring to. (p. 268-269)	T: Deve ser a Baphomet que o poema se refere. (p. 204)
132: The notation describing the cathedral’s doorway, however, was what startled him. (p. 275-276)	T: Foram, no entanto as anotações sobre o pórtico que o fizeram dar um salto. (p. 209-210)

QUADRO 37 – Reverse *wh-clefts*: mudança de expediente na tradução – casos especiais (com constituinte focal nominal e pronome relativo *where* – passa para *it-cleft* com constituinte focal adverbial de lugar ou causa)

133: Langdon had already discerned that this was where Saunière’s body lay ; [...]. (p. 23)	T: Langdon sabia que era ali que ia encontrar o corpo de Jacques Saunière ; [...]. (p. 20)
134: “ That’s where the keystone comes in ,” Langdon explained. (p. 173-174)	T: - É aí que entra a Chave de Abóbada – explicou Langdon. (p. 133-134)
135: And that’s where they get the silly name ‘gargoyles.’ ” (p. 192)	T: É por isso que lhes chamam gárgulas. ” (p. 147)
136: That’s where I’m going to start. (p. 379)	T: É por aí que vou começar. (p. 287)

APÊNDICE C – *The Lost Symbol*

QUADRO 38 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

137: We learn that God created us in his image, but it's not our physical bodies that resemble God , it's our <i>minds</i> .” (p. 469)	T: Aprendemos que Deus nos criou à sua imagem, mas não são nossos corpos físicos que se assemelham a Deus , são nossas mentes. (p. 1077)
138: It was not Peter Solomon's brilliance , however, but the humility in his gentle gray eyes that had given Langdon the courage to write him a thank-you letter . (p. 26)	T: Mas não fora o brilhante intelecto de Peter , e sim a humildade em seus bondosos olhos cinzentos, que dera a Robert a coragem para lhe escrever uma carta de agradecimento . (p. 30)
139: And yet it was the enormous image hovering above the Capitol Rotunda that most historians considered to be Brumidi's masterwork . (p. 90)	T: Mas era a gigantesca imagem que pairava sobre a Rotunda do Capitólio que a maioria dos historiadores considerava sua obra-prima . (p. 190)
140: Even so, it was a different sound that scared Katherine even more — the distant rhythmic banging of a security guard pounding his flashlight against the Pod 5 door. (p. 187)	T: No entanto, foi outro som que deixou Katherine ainda mais assustada - as batidas ritmadas de um vigia esmurrando a porta do Galpão 5 com sua lanterna, ao longe. (p. 427)
141: But it was the man behind Bellamy in the shadows whom Katherine felt happiest to see . (p. 214)	T: Mas foi o homem atrás dele, nas sombras, que Katherine ficou mais feliz em ver . (p. 487)
142: Bellamy now realized it was his own key fob that was giving them access . (p. 251)	T: O Arquiteto então percebeu que era seu próprio controle que estava lhes dando acesso . (p. 576)

QUADRO 39 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *quem*

143: It was you who made the choice to leave Zachary in prison! (p. 418)	T: Foi você quem tomou a decisão de deixar Zachary na prisão! (p. 955-956)
---	---

QUADRO 40 - *It clefts*: Constituinte focal nominal com função adverbial – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *quando*

144: It was almost ten o'clock when Inmate 37 heard the conversation filtering in through the ventilation shaft . (p. 216)	T: Eram quase 10 da noite quando o Detento 37 escutou uma conversa ecoando do duto de ventilação . (p. 491-492)
---	--

QUADRO 41 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução

145: Our physical bodies have evolved over the ages, but it was our minds that were created in the image of God . (p. 469)	T: Nossos corpos físicos evoluíram com o tempo, mas nossas mentes é que foram criadas à semelhança de Deus . (p. 1077)
---	---

QUADRO 42 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução

146: What is it that <i>you alone know</i>? ” (p. 93)	T: O que é que só o senhor sabe? (p. 197)
--	--

QUADRO 43 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *that*

147: “It is a choice that may well determine the direction of your future, and so I urge you to ponder it carefully.” (p. 231)	T: – É uma escolha que pode muito bem determinar a direção do seu futuro, então, recomendo que você reflita com calma. (p. 524)
148: But it was not only the transference of money that Bellamy had been asked to witness. There was far more than money at stake tonight. (p. 230)	T: Mas Bellamy não fora chamado para assistir apenas à transferência do dinheiro. Havia muito mais em jogo ali. (p. 521)
149: It had been for this same reason that Socrates had refused to formally participate in the Eleusinian Mysteries. (p. 107)	T: O mesmo motivo pelo qual Sócrates havia se recusado a participar formalmente dos Mistérios de Elêusis. (p. 234)

QUADRO 44 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo oculto em inglês (declarativas)

150: I don’t know what it is you want!” (p. 202-203)	T: Eu não sei o que quer! (p. 462)
151: Do you truly believe I don’t understand what it is I seek? Do you think I have not yet grasped my true potential?” (p. 402)	T: Acredita mesmo que eu não entendo o que estou buscando? Que ainda não tenha compreendido meu verdadeiro potencial? (p. 919)
152: Human instinct made special allowances for the injured and handicapped, but it was an instinct Nuñez had been trained to override. (p. 30)	T: O instinto humano fazia concessões especiais aos feridos e deficientes, mas esse era um instinto que Nuñez havia sido treinado para superar. (p. 40)
153: It was a danger she had forgotten to consider. (p. 184)	T: Aquele era um perigo que ela se esquecera de levar em conta. (p. 424)
154: Then she realized it was not the fountain she was hearing. (p. 308)	T: Então percebeu que aquele barulho não era do chafariz. (p. 711)
155: But if this was true, then it was a message Langdon had no idea how to read. (p. 477)	T: Contudo, se isso fosse verdade, Langdon não fazia ideia de como lê-la. (p. 1027)
156: It was an emotion he had never felt this profoundly in his entire life. (p. 476)	T: Era uma emoção que ele nunca havia sentido com tamanha profundidade na vida. (p. 1095)
157: Nonetheless, Mr. Langdon, whether or not you choose to accept what it is you now possess, you will do as I say. (p. 147)	T: Mesmo assim, professor Langdon, quer acredite ou não no que tem agora em suas mãos, o senhor vai fazer o que eu digo. (p. 395)
158: I don’t know what it is you want!” (p. 202-203)	T: Eu não sei o que quer! (p. 462)

QUADRO 45 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo oculto (interrogativas)

159: “And what is it you think I want?” (p. 202)	T: – E o que você acha que eu quero? (p. 461)
160: <i>What is it I am missing?</i> (p. 218-219)	T: <i>O que está faltando para mim?</i> (p. 498)

QUADRO 46 - *It clefts*: Constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *who*

161: It was not <i>I</i> who chose you . . . it was <i>Peter Solomon</i>. (p. 49)	T: Não fui eu que o escolhi... Foi Peter Solomon. (p. 90)
--	---

QUADRO 47 - *It clefts*: Constituinte focal adverbial – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *que*

162: But it was farther away that Langdon saw the city’s centerpiece —the same spire he had seen from the air. (p. 25)	T: Mas foi mais adiante que Langdon viu a peça central da cidade - a mesma coluna que avistara do céu. (p. 28)
163: It was not until they had gone an entire block that Langdon finally spotted a cab rounding the corner. (p. 261)	T: Foi só depois de percorrerem um quarteirão inteiro que Langdon finalmente viu um táxi dobrando a esquina. (p. 598)
164: It was not until Andros read John Milton’s <i>Paradise Lost</i> that he saw his destiny materialize before him. (p. 276-277)	T: Foi só quando Andros leu Paraíso Perdido, de Milton, que viu seu destino se materializar à sua frente. (p. 634-635)
165: And it was at lodges like this one that a Masonic initiate’s journey always began . . . where he underwent the first three degrees of Freemasonry. (p. 406)	T: E era em lojas como aquela que a jornada de um iniciado maçom começava... Era lá que ele ingressava nos primeiros três graus da Francomaçonomia. (p. 929)
166: It was then that she saw the photographs. (p. 420)	T: Foi então que se deparou com as fotografias. (p. 959)

QUADRO 48 - *It clefts*: Constituinte focal adverbial – abandono de clivagem – pronome relativo *that*

167: It was later that night, lying awake in his bunk, that Inmate 37 had realized how he would free himself. (p. 217)	T: Mais tarde naquela mesma noite, deitado em seu catre sem conseguir dormir, o Detento 37 percebeu como iria se libertar. (p. 495)
168: It was two days later that the State Department contacted the Solomon family with the horrific news. (p. 217)	T: Dois dias depois, o Departamento de Estado entrou em contato com a família Solomon para dar a trágica notícia. (p. 496)
169: It was six years later, on Christmas Day, with the family still healing from Zachary’s death, that the enormous man claiming to have killed him in prison broke into the Solomon estate. (p. 234)	T: Seis anos depois, no dia de Natal, quando a família ainda estava se curando da morte de Zachary, o monstro que afirmava tê-lo matado invadiu a propriedade dos Solomon. (p. 532)
170: It was about a year ago that he came to me, deeply troubled. (p. 296)	T: Mais ou menos um ano atrás, ele me procurou. (p. 683)
171: It was sixty seconds later that a thermal sensor pinged. (p. 316)	T: Sessenta segundos depois, um dos sensores térmicos emitiu um bipe. (p. 731)
172: It was three days later that Katherine suddenly woke up from a dead sleep and sat bolt upright in bed. (p. 367)	T: Três dias depois, Katherine despertou de repente de um sono pesado, sentando-se com as costas retas na cama. (p. 837)

QUADRO 49 - *Wh-clefts*: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

173: What really caught his eye were the tiny tattoos on the tips of the thumb and index finger. (p. 68)	T: O que realmente chamou sua atenção foram as pequeninas tatuagens nas pontas do polegar e do indicador. P. 132
174: Usually this meant a human form moving through a cool space, but what appeared on the monitor was more of a thermal cloud , a patch of hot air drifting across the lawn. (p. 316)	T: Em geral, isso significava uma forma humana se movendo por um espaço frio, mas o que aparecia no monitor era mais uma nuvem térmica , uma mancha de ar quente que se deslocava pelo gramado. (p. 731)
175: What stopped Nola cold was not the building’s bizarre architecture , but rather the description of its <i>purpose</i> . (p. 340)	T: O que chamou a atenção de Nola não foi a arquitetura bizarra do edifício , mas sim a descrição do seu propósito. (p. 785)
176: “ What I’m saying is this . . . two heads are better than one . . . and yet two heads are not twice better, they are many, many times better. (p. 471-472)	T: – O que estou dizendo é o seguinte: duas cabeças pensam melhor do que uma, mas não são duas vezes melhor, e sim muitas vezes melhor. (p. 1084-1085)

QUADRO 50 - *Wh-clefts*: constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *what*

177: “ What my research has brought me to believe is this, ” Katherine said. (p. 468)	T: – Minha pesquisa me fez acreditar nisto: (p. 1077)
--	--

QUADRO 51 - *Wh-clefts*: constituinte focal adverbial – manutenção de expediente na tradução

178: “ What I really want to show you is in Pod Five, ” her brother said, guiding her down the seemingly endless corridor. (p. 52)	T: – O que eu realmente quero lhe mostrar é o Galpão 5 - Disse Peter enquanto a conduzia pelo corredor aparentemente sem fim. (p. 97-98)
---	---

QUADRO 52 - *Wh-clefts*: constituinte focal oracional – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

179: “Um, what I meant is that Noetics is more . . . esoteric. ” (p. 78-79)	T: – Hã... O que eu quis dizer foi que a noética é mais... Esotérica. (p. 162)
180: What I mean is that it quantified the nation’s emotional state. (p. 80)	T: O que estou querendo dizer é que ele quantifica o estado emocional do país. (p. 164)
181: The whole world knew the story . . . but what they didn’t know was that Peter Solomon could have saved his son. (p. 308)	T: O mundo inteiro conhecia a história... Mas o que o mundo não sabia era que Peter Solomon poderia ter salvado seu filho. (p. 710)

QUADRO 53 - *Wh-clefts*: constituinte focal oracional – abandono de clivagem – pronome relativo *what*

182: What should concern you is that this prophecy of a coming enlightenment is echoed in virtually every faith and	T: O fato de essa profecia sobre uma época de iluminação existir em praticamente todas as crenças e tradições filosóficas do mundo, sim.
--	---

philosophical tradition on earth. (p. 383)	(p. 876-877)
--	--------------

QUADRO 54 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – manutenção de expediente na tradução – pronome relativo *o que*

183: This was not at all what he had expected. (p. 28)	T: - Aquilo não era absolutamente o que ele imaginava. (p. 35)
184: “Before you get too excited,” Trish added, “I can assure you that most of these documents are <i>not</i> what you’re looking for. (p. 109)	T: – Antes de você se animar demais - acrescentou Trish -, posso lhe garantir que a maioria desses documentos não é o que você está procurando. (p. 240)
185: A stone pyramid with a shining metal capstone, which, according to Sato’s X-ray, is exactly what Peter entrusted to you.” (p. 192)	T: Uma pirâmide de pedra com um cume de metal brilhante que, segundo o raio X de Sato, é exatamente o que Peter lhe confiou. (p. 440)
186: Bellamy could tell that this coarse question was not what Peter had hoped for. (p. 231)	T: Bellamy pôde ver que essa pergunta grosseira não era o que Peter esperava. (p. 525-526)
187: The ignorance of mankind is what helped the chaos grow. (p. 428)	T: A ignorância da humanidade era o que ajudava o caos a crescer. (p. 978)
188: The absence of Light on earth is what nourished the Darkness that awaited Mal’akh. (p. 428)	T: A ausência de Luz na Terra era o que alimentava as Trevas que aguardavam Mal'akh. (p. 978)

QUADRO 55 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – abandono de clivagem – pronome relativo *what*

189: The Capitol Visitor Center was not at all what he had expected. (p. 35)	T: O Centro de Visitantes do Capitólio não se parecia em nada com o que ele esperava. (p. 51)
190: That’s what he does. (p. 113)	T: É o trabalho dele. (p. 247-248)

QUADRO 56 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução (declarativas)

191: “It’s what he would want. (p. 211-212)	T: – É isso que ele iria querer. (p. 480-481)
192: And that was exactly what Katherine had been doing. (p. 44)	T: E era exatamente isso o que Katherine vinha fazendo. (p. 75)
193: The tattoos, however, were not what held Langdon’s attention. (p. 51)	T: Mas não foram as tatuagens que chamaram sua atenção. (p. 94)
194: “This is what he sent me earlier. (p. 72)	T: - Foi isto aqui que ele me enviou mais cedo. (p. 144-145)
195: “That’s exactly what he told me. (p. 82)	T: – Foi exatamente isso que ele me falou. (p. 170)
196: “This is what my brother has been protecting all these years?” (p. 242)	T: - Foi isso que meu irmão passou todos esses anos protegendo? (p. 554)
197: “That’s what the engraving on the pyramid was trying to tell us!” (p. 306)	T: - Então era isso que a inscrição na pirâmide estava tentando nos dizer! (p. 705)
198: “That’s what took me so long. (p. 360)	T: – Foi por isso que demorei tanto. (p. 826)

199: “ This is what he wanted, ” Katherine whispered. (p. 369)	T: – Era isso que ele queria. - Sussurrou ela. (p. 842-843)
200: The Lost Word is what he’s looking for! (p. 391)	T: O que ele está procurando é a Palavra Perdida! (p. 896)
201: That’s what he believes is buried here in Washington. (p. 391)	T: É isso que ele acredita estar enterrado aqui em Washington. (p. 896)
202: This is what Peter had told him moments ago. (p. 429)	T: Era isso que Peter Solomon havia lhe contado pouco antes. (p. 979)
203: That’s what I was getting at earlier. Have a look. ” (p. 444)	T: Era isso que eu estava tentando explicar. Dê uma olhada. (p. 1016)
204: “We only call it the ‘Word’ because that’s what the ancients called it . . . in the beginning.” (p. 456)	T: - Nós só a chamamos de "Palavra", ou "Verbo", porque era assim que os antigos a chamavam... No princípio. (p. 1046-1047)
205: This is what Peter wanted us to witness. ” (p. 475)	T: Era isso que Peter queria que nós víssemos. (p. 1093)

QUADRO 57 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução (interrogativas)

206: “And the address?” Sato demanded. “ Is this what this guy wants? ” (p. 322)	T: – E o endereço? - Perguntou Sato. - É isso que o tal sujeito quer? (p. 745-746)
207: Is that what he’s looking for? (p. 391)	T: Será que é isso que ele está procurando? (p. 895)
208: “ Is this what you asked for? ” (p. 391)	T: – Era isso que o senhor queria? (p. 896-897)

QUADRO 58 - Reverse wh-clefts: constituinte focal oracional – abandono de clivagem – pronome relativo what

209: “And you said deciphering the pyramid is what you were told to do. (p. 237)	T: – Robert, você não acabou de dizer que o sequestrador lhe deu ordens expressas de decifrar a pirâmide e que essa é a única forma de termos Peter de volta? (p. 540)
---	---

QUADRO 59 - Reverse wh-clefts: constituinte focal nominal – mudança de expediente na tradução – casos especiais (com constituinte focal nominal e pronome relativo where – passa para it-cleft com constituinte focal adverbial de lugar)

210: This is where it’s buried. The Masonic Pyramid led us <i>here</i> .” (p. 454)	T: É aqui que ela está enterrada. Foi para cá que a Pirâmide Maçônica nos conduziu. (p. 1042)
211: This is where it is hidden, he thought. (p. 23)	T: É lá que ele está escondido, pensou. (p. 24)
212: “Well,” Langdon said, striding faster now to keep pace, “ this is where history and myth begin to merge. (p. 134)	T: – Bem - disse Langdon, apertando o passo para acompanhar o ritmo dos outros -, é nesse ponto que história e mito começam a se fundir. (p. 300-301)
213: And that was exactly where this taxi was headed. (p. 265-266)	T: E era exatamente para lá que o táxi estava indo. (p. 611)
214: That is where the treasure lies. (p. 371)	T: É lá que está o tesouro. (p. 846-847)

215: “ That’s where they went! ” (p. 405)	T: - É para lá que eles foram! (p. 901-902)
216: “Well, Robert, this is it. The Lost Word. This is where it’s buried. The Masonic Pyramid led us <i>here.</i> ” (p. 454)	T: – Bem, Robert, é isso. A Palavra Perdida. É aqui que ela está enterrada. Foi para cá que a Pirâmide Maçônica nos conduziu. (p. 1042)